

Atividade de Perfuração Marítima nos Blocos BM-BAR-3 e BM-BAR-5 Bacia de Barreirinhas

PEI – Plano de Emergência Individual

Anexo II.3.5.3-1 - PPFVAV
Plano de Proteção à Fauna e Áreas Vulneráveis

Volume 2



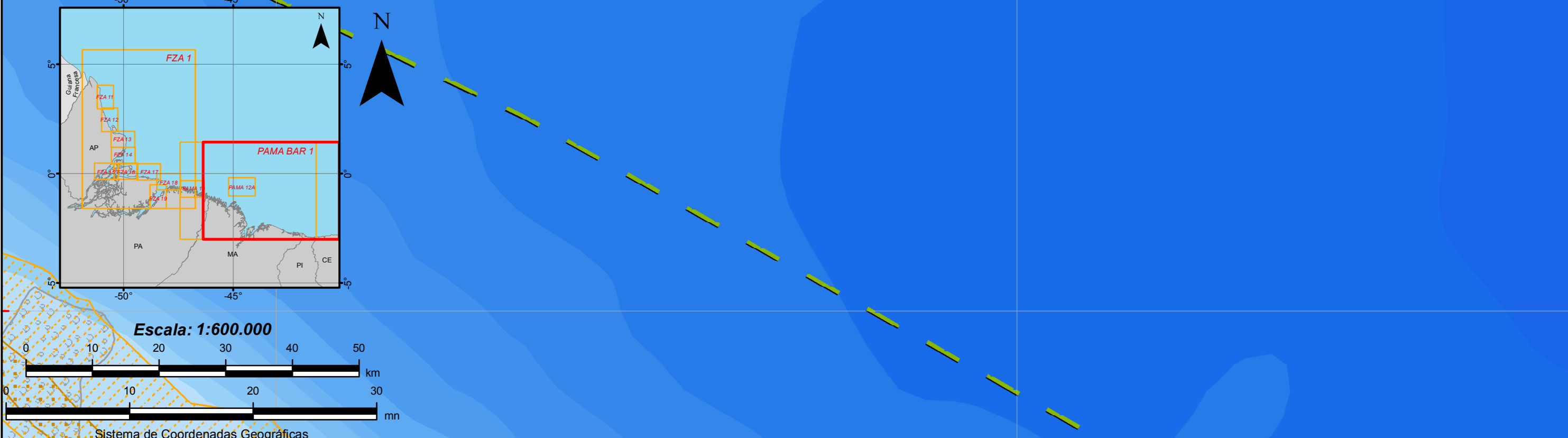
E&P

Módulo III (continuação)

Mapas Táticos e Estratégicos de Resposta para Áreas Vulneráveis


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

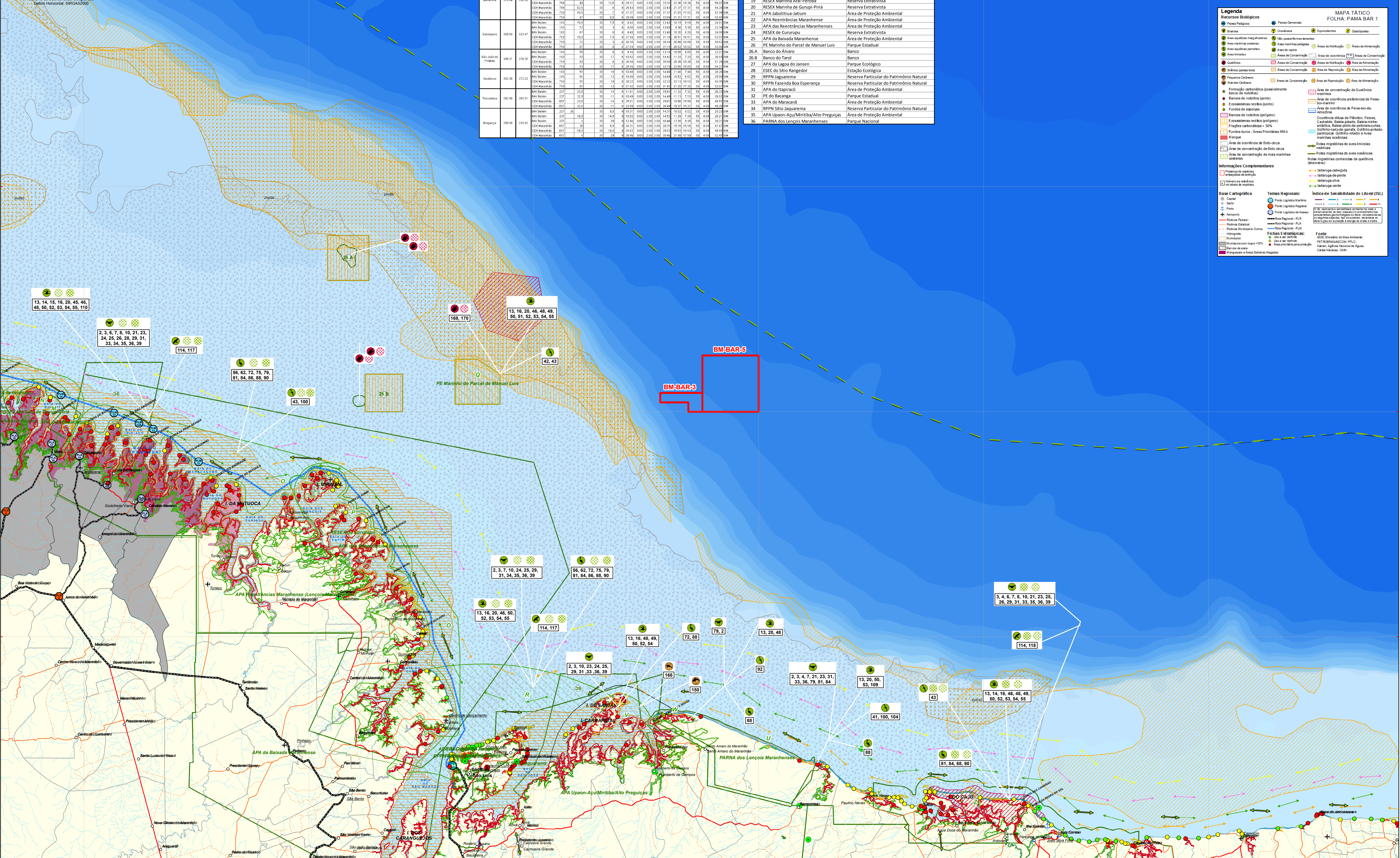
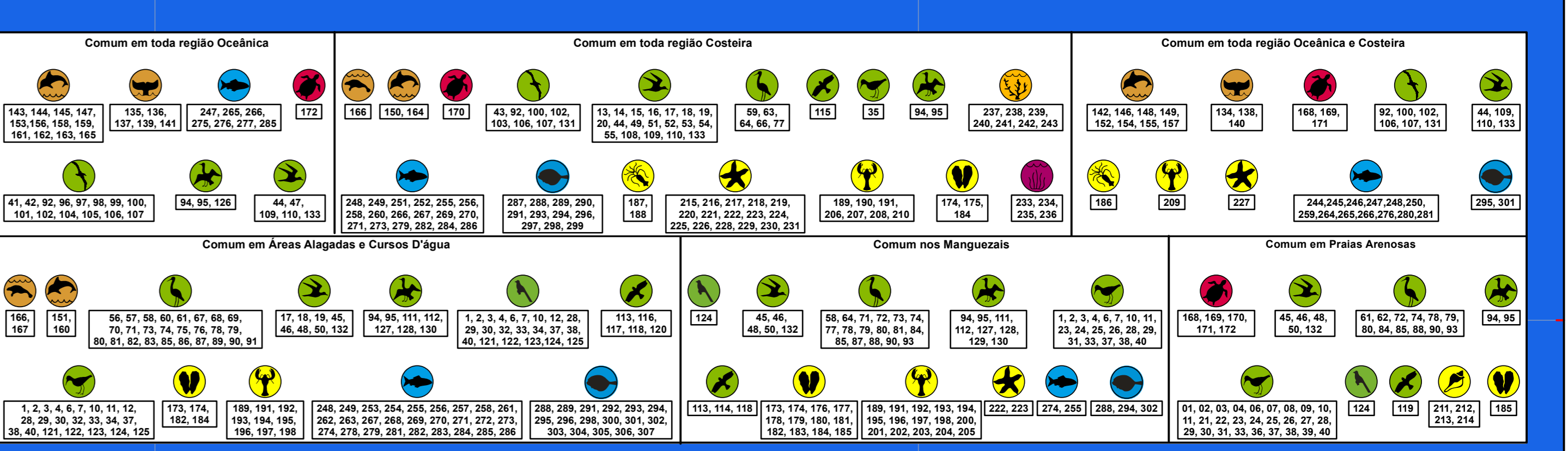


TEMPOS DE TOQUE E DE CHEGADA DE RECURSOS

Município	Tempo de Toque (horas)	Tempo de Chegada (horas)	Estações (km)																			
			PLA	PLA	PLA	PLM	Via	Via	Via	TA	TA	TA	TE	TE	TE	VAC	VAC	VAC	VAC	VAC	VAC	
Caçangá	391.28	552.17	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Amatari	413.18	571.57	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Macaíba	600.00	840.00	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Chaves	699.21	948.25	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Soledade	830.40	1141.18	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Salvador	870.07	1201.12	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Maranhão	930.24	1290.38	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Maranhão	970.04	1330.08	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Salvador	990.45	1360.47	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
São José do Piauí	999.21	1378.25	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Ouro Preto	992.38	1372.22	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Tracunhaém	992.48	1362.31	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
Brangipá	998.40	1383.43	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30

LOCALIZAÇÃO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Numero	Nome da UC	Categoria
1	PARNA do Cabo Orange	Parque Nacional
2	ESEC de Maracá Jipioica	Estação Ecológica
3	REMO do Lago Piratuba	Reserva Biológica
4	REMO do Paratibó	Reserva Biológica
5	APA do Rio Curiaú	Área de Proteção Ambiental
6	RPPN Retiro Paraíso	Reserva Particular do Patrimônio Natural
7	RPPN Ekinox	Reserva Particular do Patrimônio Natural
8	APA da Fazendinha	Área de Proteção Ambiental
9	APA do Arquipélago do Marajó	Área de Proteção Ambiental
10	RESEX Marinha de Soure	Reserva Extrativista
11	RESEX Mata Bacurizal e Lago Caraparú	Reserva Ecológica
12	RESEX Mae Grande de Curupá	Reserva Extrativista
13	APA de Algodão-Maiandeuva	Área de Proteção Ambiental
14	RESEX Maracanã	Reserva Extrativista
15	RESEX Marinha Traquazeua	Reserva Extrativista
16	APA da Ilha do Canela	Área de Proteção Ambiental
17	RESEX Marinha Caeté - Taperaçu	Reserva Extrativista
18	APA da Costa de Uruajui	Área de Proteção Ambiental
19	RESEX Marinha Araí-Peroba	Reserva Extrativista
20	RESEX Marinha de Gurupi-Pirajó	Reserva Extrativista
21	APA Jabotituba-Jatium	Área de Proteção Ambiental
22	APA Reentrâncias Maranhenses	Área de Proteção Ambiental
23	APA das Reentrâncias Maranhenses	Área de Proteção Ambiental
24	RESEX de Curupupá	Reserva Extrativista
25	APA da Baixada Maranhense	Área de Proteção Ambiental
26	PE Marinho do Parcel de Manuel Luis	Parque Estadual
26.A	Banco do Álvaro	Banco
26.B	Banco do Tarol	Banco
27	APA da Lagoa do Jansen	Parque Ecológico
28	ESEC do Sítio Rangador	Estação Ecológica
29	RPPN Jaguarém	Reserva Particular do Patrimônio Natural
30	RPPN Fazenda Boa Esperança	Reserva Particular do Patrimônio Natural
31	APA do Itapiracó	Área de Proteção Ambiental
32	PE do Bacanga	Parque Estadual
33	APA do Maracá	Área de Proteção Ambiental
34	RPPN Sítio Jaguarém	Reserva Particular do Patrimônio Natural
35	APA Uaçou-Açu/Miritiba/Alto Pregulças	Área de Proteção Ambiental
36	PARNA dos Lençóis Maranhenses	Parque Nacional



Legenda

Recursos Biológicos

- Peixes Pelágicos
- Diáguas
- Áreas aquáticas marginais
- Áreas marinha costeira
- Áreas de ostra
- Áreas iniciais
- Quelônios
- Síntese (prece-bio)
- Reservas Costeiras
- Formação carbonática (possemente banco de rochas)
- Ecossistemas recifais (ponto)
- Funções de esponja
- Frangos carbonatada > 50%
- Funções duros - Áreas Prioritárias MMA
- Manque
- Áreas de ocorrência de Boto-onça
- Áreas de concentração de Boto-onça
- Áreas de concentração de Aves marinhas costeiras
- Área de concentração de Quelônios marinhos
- Área de ocorrência preferencial de Peixe-marinho
- Funções de ostra
- Funções de esponja
- Frangos carbonatada > 50%
- Funções duros - Áreas Prioritárias MMA
- Manque
- Áreas de ocorrência de Boto-onça
- Áreas de concentração de Boto-onça
- Áreas de concentração de Aves marinhas costeiras
- Rotas migratórias de aves iniciais maritimas
- Rotas migratórias de aves oceanicas costeiras
- Rotas migratórias costeiras de quelônios (Marimã)

Informações Complementares

- Presença de espécies
- Presença de rotas
- Número de espécies
- Taxa de espécies
- Rotas migratórias
- Rotas migratórias costeiras de quelônios (Marimã)
- Rotas migratórias de aves iniciais maritimas
- Rotas migratórias de aves oceanicas costeiras
- Rotas migratórias costeiras de quelônios (Marimã)

Base Cartográfica

- Coastal
- Sítio
- Ponto
- Aeroporto
- Rodovia Federal
- Rodovia Estadual
- Rodovia Municipal
- Rodovia Nacional
- Rodovia Regional
- Rodovia Nacional - PLR
- Rodovia Nacional - PLA
- Rodovia Nacional - PLM
- Rodovia Nacional - PLB
- Rodovia Nacional - PLD
- Rodovia Nacional - PLE
- Rodovia Nacional - PLF
- Rodovia Nacional - PLG
- Rodovia Nacional - PLH
- Rodovia Nacional - PLI
- Rodovia Nacional - PLJ
- Rodovia Nacional - PLK
- Rodovia Nacional - PLL
- Rodovia Nacional - PLM
- Rodovia Nacional - PLN
- Rodovia Nacional - PLO
- Rodovia Nacional - PLL
- Rodovia Nacional - PLP
- Rodovia Nacional - PLQ
- Rodovia Nacional - PLR
- Rodovia Nacional - PLS
- Rodovia Nacional - PLT
- Rodovia Nacional - PLU
- Rodovia Nacional - PLV
- Rodovia Nacional - PLW
- Rodovia Nacional - PLX
- Rodovia Nacional - PLY
- Rodovia Nacional - PLZ
- Rodovia Nacional - PL0
- Rodovia Nacional - PL1
- Rodovia Nacional - PL2
- Rodovia Nacional - PL3
- Rodovia Nacional - PL4
- Rodovia Nacional - PL5
- Rodovia Nacional - PL6
- Rodovia Nacional - PL7
- Rodovia Nacional - PL8
- Rodovia Nacional - PL9
- Rodovia Nacional - PL0
- Rodovia Nacional - PL1
- Rodovia Nacional - PL2
- Rodovia Nacional - PL3
- Rodovia Nacional - PL4
- Rodovia Nacional - PL5
- Rodovia Nacional - PL6
- Rodovia Nacional - PL7
- Rodovia Nacional - PL8
- Rodovia Nacional - PL9

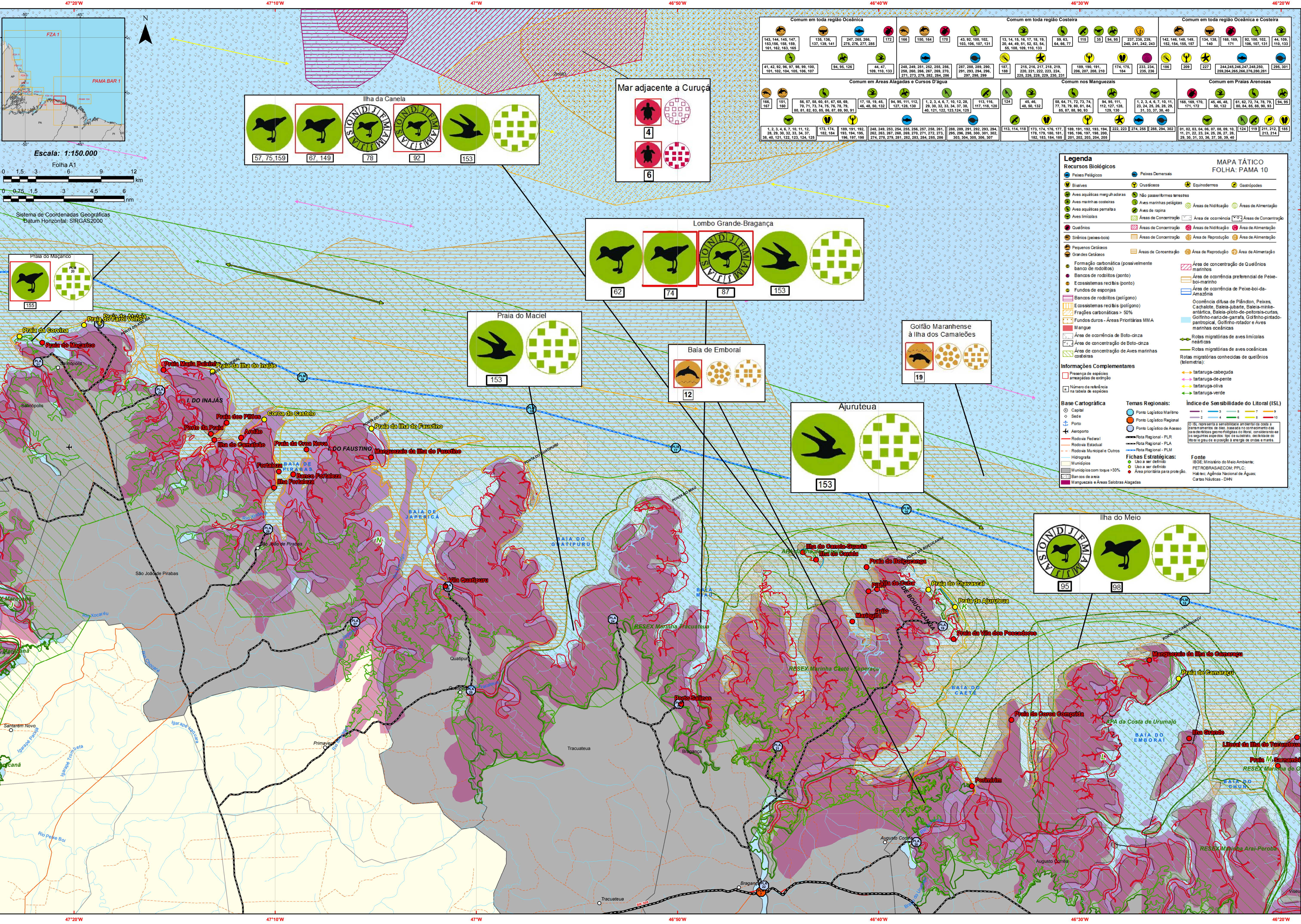
Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- 59
- 60
- 61
- 62
- 63
- 64
- 65
- 66
- 67
- 68
- 69
- 70
- 71
- 72
- 73
- 74
- 75
- 76
- 77
- 78
- 79
- 80
- 81
- 82
- 83
- 84
- 85
- 86
- 87
- 88
- 89
- 90
- 91
- 92
- 93
- 94
- 95
- 96
- 97
- 98
- 99
- 100

Fichas Estratégicas

- Área prioritária para proteção
- Empresas Áreas Sábias Alagadas

Fonte: IBGE, Instituto do Meio Ambiente, PETROBRAS/EXPEC, PPL, Instituto Aquático Nacional de Água, Cerne Nubres - CHN



Ilha da Canela

57, 75, 159 | 67, 149 | 78 | 92 | 153

Mar adjacente a Curuçá

4 | 6

Lombo Grande-Bragança

62 | 74 | 87 | 153

Praia do Maciel

153

Baía de Emborai

12

Golfão Maranhense à ilha dos Camaleões

19

Ajurituea

153

Ilha do Meio

95 | 98

Comum em toda região Oceânica			Comum em toda região Costeira			Comum em toda região Oceânica e Costeira											
143, 144, 146, 147, 163, 166, 168, 169, 161, 162, 163, 165	135, 136, 137, 139, 141	247, 266, 266, 275, 276, 277, 285	172	166	150, 164	170	43, 92, 100, 102, 103, 106, 107, 131	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 44, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 108, 109, 110	69, 63, 64, 66, 77	111	33	94, 95	237, 238, 239, 240, 241, 242, 243	142, 146, 148, 149, 152, 154, 155, 167	134, 135, 136, 168, 169, 171	92, 100, 102, 106, 107, 131	44, 169, 285, 301
41, 42, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107	54, 95, 123	44, 47, 109, 110, 133	248, 249, 251, 252, 255, 256, 258, 260, 261, 267, 269, 270, 271, 273, 279, 282, 284, 286	287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295, 297, 298, 299	216, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 231	189, 190, 191, 200, 207, 208, 210	174, 175, 233, 234, 235, 236	189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205	189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205	222, 223	274, 275	298, 294, 302	91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 11, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 37, 38, 40	124	113	211, 212, 214	
1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 40, 121, 122, 123, 124, 125	173, 174, 182, 184, 193, 194, 195, 196, 197, 199	189, 191, 192, 262, 263, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286	288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307	113, 114, 118	173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185	189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205	124	113, 114, 118	173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185	189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205	222, 223	274, 275	298, 294, 302	91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 11, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 37, 38, 40	124	113	211, 212, 214

Legenda

Recursos Biológicos

- Peixes Pelágicos
- Bivalves
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves marinhas costeiras
- Aves aquáticas pematas
- Aves limícolas
- Quelônios
- Sirênios (peixes-boia)
- Pequenos Cetáceos
- Grandes Cetáceos
- Formação carbonática (possivelmente banco de rodólitos)
- Bancos de rodólitos (ponto)
- Ecosistemas recifais (ponto)
- Fundos de esponjas
- Bancos de rodólitos (polígono)
- Ecosistemas recifais (polígono)
- Frações carbonáticas > 50%
- Fundos duros - Áreas Prioritárias MMA
- Mangue
- Área de ocorrência de Boto-cinza
- Área de concentração de Boto-cinza
- Área de concentração de Aves marinhas costeiras

MAPA TÁTICO FOLHA: PAMA 10

- Peixes Demersais
- Crustáceos
- Equinodermos
- Gastropódos
- Áreas de Nidificação
- Áreas de Alimentação
- Áreas de Concentração
- Área de ocorrência
- Áreas de Concentração
- Áreas de Concentração
- Áreas de Nidificação
- Áreas de Alimentação
- Áreas de Concentração
- Áreas de Reprodução
- Área de Alimentação
- Áreas de Concentração
- Área de Reprodução
- Área de Alimentação
- Área de concentração de Quelônios marinhos
- Área de ocorrência preferencial de Peixe-boia-marinho
- Área de ocorrência de Peixe-boia-Amazonia
- Ocorrência difusa de Plâncton, Peixes, Cachalote, Baleia-jubarte, Baleia-minke-americana, Estrela-plato-de-porcelana-curta, Golfinho-nariz-de-garrafa, Golfinho-pirata-pantropical, Golfinho-rotador e Aves marinhas oceânicas
- Rotas migratórias de aves limícolas neárticas
- Rotas migratórias de aves oceânicas
- Rotas migratórias conhecidas de quelônios (telêmia)

Informações Complementares

- Presença de espécies ameaçadas de extinção
- Número de referências na tabela de espécies

Base Cartográfica

- Capital
- Sede
- Ponto
- Aeroporto
- Rodovia Federal
- Rodovia Estadual
- Rodovia Municipal e Outras
- Municípios
- Municípios com toque >30%
- Bancos de areia
- Manguezal e Áreas Salobras Alagadas

Temas Regionais:

- Ponto Logístico Marítimo
- Ponto Logístico Regional
- Ponto Logístico de Acesso
- Rota Regional - FLR
- Rota Regional - FLA
- Rota Regional - FLM

Fichas Estratégicas:

- Uso a ser definido
- Uso a ser definido
- Área prioritária para proteção

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)




1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Fonte: IBGE, Ministério do Meio Ambiente, PETROBRAS/RECOM, PFLC, HAN, Agência Nacional de Águas, Cartas Náuticas - DNH

Localidade: Praia de Sarnambi

Município: Viseu

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico	
<p>Latitude: 0°57'38.14" S</p>	 <p>S 0° 57' 38" W 46° 20' 09"</p>	
<p>Longitude: 46°20'9.34" O</p>	<p>Vila da Praia do Sarnambi</p>	
<p>Acesso</p>		
<p>De Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e em seguida, acessar a nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema e seguindo por 150 km até Viseu. O trecho de Bragança à Viseu é realizado em via de terra batida. O acesso ao local é por barco, a partir de Viseu, com navegação de aproximadamente 2 horas.</p>		
<p>Restrição de acesso:</p>	<p>Não observada</p>	
<p>Forma de acesso:</p>	<p>Transporte fluvial</p>	<p>Transporte marítimo</p>
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p>		
<p>Substrato:</p>	<p>Lamoso</p>	<p>Areia fina à média</p>
<p>Exposição:</p>	<p>Exposta</p>	
<p>Amplitude de maré:</p>	<p>453 cm</p>	
<p>Inclinação do substrato:</p>	<p>Baixa</p>	
<p>Largura da praia:</p>	<p>Estreita</p>	
<p>Ecosistema(s) predominante(s):</p>	<p>Praia</p>	<p>Manguezal</p>
<p>Fisionomia(s) presente(s):</p>	<p>Foz de rio</p>	<p>Restinga Baía</p>
<p>Unidade de Conservação:</p>	<p>Reserva Extrativista Marinha de Gurupi-Piriá</p>	
<p>Observações:</p>	<p>Ilha localizada na Baía do Chun. Extensa área de manguezal, ambiente classificado com ISL 10. Forma bancos de lama e planície de maré, classificada com ISL 7 e foz de rio classificado, também, com ISL 10.</p>	
<p>Aspectos Socioeconômicos</p>		
<p>Infraestrutura:</p>	<p>Sem infraestrutura</p>	
<p>Uso da área:</p>	<p>Pesca / maricultura</p>	
<p>Observações:</p>	<p>Pequena vila de pescadores.</p>	
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p>		
<p>10 E</p>	<p>Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)</p>	
<p>Potencial Uso da Área</p>		
<p>Área prioritária para proteção.</p>		
 <p>S 0° 57' 38" W 46° 20' 09"</p>		
<p>Banco de lama na Praia de Sarnambi</p>		
 <p>S 0° 57' 38" W 46° 20' 09"</p>		
<p>Banco de lama na zona entremarés na Praia de Sarnambi</p>		

Localidade: Praia de Sarnambi

Município: Visau

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

INFORMAÇÕES ÚTEIS

MUNICÍPIO: Augusto Corrêa

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome: Hospital das Bem Aventuranças
Logradouro: Rua das Piçarreiras
Município/Estado: Viseu/PA

Telefone: (91) 3429-1241
Número: S/N
Bairro: Centro

PORTOS

Nome: Companhia da Docas do Pará
Logradouro: Avenida Presidente Vargas
Município/Estado: Belém/PA

Telefone: (91) 3223-2055
Número: 41
Bairro: Campina

Nome: Porto de Belém
Logradouro: Avenida Marechal Hermes
Município/Estado: Belém/PA

Telefone: (91) 3182-9136
Número: S/N
Bairro: Centro

AEROPORTOS

Nome: Aeroporto Internacional de Belém
Logradouro: Avenida Júlio César
Município/Estado: Belém/PA

Telefone: (91) 3210-6000
Número: S/N
Bairro: Val de Cans

Nome: Aeroporto Nacional Júlio Cesar
Logradouro: Avenida Senador Lemos
Município/Estado: Belém/PA

Telefone: (91) 3244-1577
Número: S/N
Bairro: Sacramenta

CONTATOS DE EMERGÊNCIA

Nome: Defesa Civil
Logradouro: Rua João Diogo
Município/Estado: Bragança/PA

Telefone: 199
Número: 246
Bairro: Campina


Nome: IBAMA-Superintendência do Pará
Logradouro: Avenida Conselheiro Furtado
Município/Estado: Belém/PA

Telefone: (91) 3323-4500
Número: 1303
Bairro: Batista Campos

Localidade: Grande

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico
<p>Latitude: 0°56'16.07" S</p> <p>Longitude: 46°24'34.18" O</p>	
<p>Acesso</p> <p>Embora pertença ao município de Augusto Corrêa, o acesso ao local é por barco, a partir de Viseu, com navegação de aproximadamente 2 horas e 30 minutos de voadeira. Para Viseu, a partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema e seguindo por 150 km até Viseu. O trecho de Bragança à Viseu é realizado em via de terra batida.</p> <p>Restrição de acesso: Apenas em maré alta</p> <p>Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo</p>	
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Lamoso</p> <p>Exposição: Exposta</p> <p>Amplitude de maré: 450 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Baixa</p> <p>Largura da praia: Ausente</p> <p>Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Baía</p> <p>Observações: Ilha localizada na Baía do Emboraí. Caracterizada pela presença de manguezal, ambiente classificado com ISL 10. A localidade apresenta foz de rios, classificadas também com ISL 10.</p>	<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Sem infraestrutura</p> <p>Uso da área: Pesca / maricultura</p>
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p>	
<p>10 E Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)</p>	
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>	

Localidade: Grande

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia de Camaraçu

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°53'17.70" S

Longitude: 46°25'6.11" O

Acesso

Embora pertença ao município de Augusto Corrêa, o acesso ao local é por barco, a partir de Viseu, com navegação de aproximadamente 3 horas de voadeira. Para Viseu, a partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema e seguindo por 150 km até Viseu. O trecho de Bragança à Viseu é realizado em via de terra batida.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Areia fina à média

Exposição: Exposta

Amplitude de maré: 450 cm

Inclinação do substrato: Baixa

Largura da praia: Larga

Ecosistema(s) predominante(s): Praia Manguezal

Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Restinga

Observações: Baía

Praia localizada na Baía do Caeté.
A praia é caracterizada pela presença de extensos manguezais e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10.
Extensa zona entre marés com lagoas vegetadas.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura

Uso da área: Indeterminado

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Lagoas vegetadas



Praia de Camaraçu



Detalhe do substrato



Praia de Camaraçu

Localidade: Praia de Camaraçu

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia de Coroa Comprida

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°55'21.28" S
Longitude: 46°33'24.29" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. Passando pela entrada de Bragança, seguir por mais aproximadamente 7,5 km na rodovia federal BR-308. A partir deste ponto, seguir na direção norte para a rodovia estadual PA-454 até Augusto Corrêa. Em Augusto Corrêa, seguir rumo norte em direção à Rua Joaquim Francisco Gomes, percorrer nesta via de terra batida o trecho de 8 km até a Vila de Perimirim. O acesso à Coroa Comprida é por barco, navegando aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Areia fina à média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 450 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Estreita
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Manguezal
Fisionomia(s) presente(s): Estuário Foz de rio Baía
Planície de maré

Observações: Praia localizada na Baía do Caeté. A praia é caracterizada pela presença de manguezal, ambiente classificado com ISL 10. Trata-se de uma região cobrindo vários cabeços de areia. Presença de seixos rolados argilosos por toda a praia, foz de rio ao longo de trechos de praia, classificados com ISL 10 e planície de maré, classificada com ISL 9.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: Cabanas de apoio temporário para os pescadores a região.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Praia de Coroa Comprida



Manguezal na Praia de Coroa Comprida



Praia de Coroa Comprida



Vila de Coroa Comprida

Localidade: Praia de Coroa Comprida

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.





Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Perimirim 2

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico	
<p>Latitude: 0°58'38.46" S</p> <p>Longitude: 46°35'22.18" O</p>	 <p>S 0° 58' 38" W 46° 35' 22"</p> <p>Terraço de baixa-mar em Perimirim 2</p>	
<p>Acesso</p> <p>A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. Passando pela entrada de Bragança, seguir por mais aproximadamente 7,5 km na rodovia federal BR-308. A partir deste ponto, seguir na direção norte para a rodovia estadual PA-454 até Augusto Corrêa. Em Augusto Corrêa, seguir rumo norte em direção à Rua Joaquim Francisco Gomes, percorrer nesta via de terra batida o trecho de 8 km até a Vila de Perimirim. Veículos não acessam a praia. Nas proximidades há uma área aberta que poderá servir de apoio à logística.</p>	 <p>S 0° 58' 38" W 46° 35' 22"</p> <p>Terraço de baixa-mar em Perimirim 2</p>	
<p>Restrição de acesso: Apenas em maré baixa</p> <p>Forma de acesso: A pé Qualquer veículo</p>	 <p>S 0° 58' 38" W 46° 35' 22"</p> <p>Terraço de baixa-mar em Perimirim 2</p>	
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Lamoso Areia fina a média</p> <p>Exposição: Abrigada</p> <p>Amplitude de maré: 450 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Baixa</p> <p>Largura da praia: Larga</p> <p>Ecosistema(s) predominante(s): Manguezal Praia</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Baía</p> <p>Observações: Terraço de baixa-mar Estrutura artificial Praia localizada na Baía do Caeté. Caracterizada pela presença de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10. Extenso terraço de baixa-mar lamoso, classificado com ISL 9. Vegetação de gramíneas na zona entremarés. Ausência de faixa de areia na maré alta.</p>	 <p>S 0° 58' 38" W 46° 35' 22"</p> <p>Acesso à Perimirim 2</p>	
<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Infraestrutura rural</p> <p>Uso da área: Pesca / maricultura</p>		
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p> <p>10 E Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)</p>		
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>		

Localidade: Perimirim 2

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por terraço de baixa-mar lamoso abrigado será preferencialmente aplicada a técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Para a limpeza de estruturas artificiais abrigadas serão preferencialmente aplicadas técnicas de remoção manual, lavagem de baixa pressão ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Perimirim

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°58'33.36" S
Longitude: 46°35'21.09" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. Passando pela entrada de Bragança, seguir por mais aproximadamente 7,5 km na rodovia federal BR-308. A partir deste ponto, seguir na direção norte para a rodovia estadual PA-454 até Augusto Corrêa. Em Augusto Corrêa, seguir rumo norte em direção à Rua Joaquim Francisco Gomes, percorrer nesta via de terra batida o trecho de 8 km até a Vila de Perimirim. Veículos não acessam a praia.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 450 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Estreita
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Manguezal
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Baía Rochas
Estuário Terraço de baixa-mar

Observações: Praia localizada na Baía do Caeté. Caracterizada pela presença de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10. Presença de blocos de argila ao longo da faixa de areia e terraço de baixa-mar, classificado com ISL 9.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura rural
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Praia de Perimirim



Avifauna associada ao manguezal e baixios lodosos



Vegetação no pós-praia



Blocos de argila são encontrados ao longo da praia

Localidade: Perimirim

Município: Augusto Corrêa

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza de rochas abrigadas serão preferencialmente aplicadas as técnicas de bombeamento a vácuo, lavagem de baixa pressão ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por terraço de baixa-mar lamoso abrigado será preferencialmente aplicada a técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

INFORMAÇÕES ÚTEIS

MUNICÍPIO: Bragança

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome:	Hospital Santo Antônio Maria Zacarias	Telefone:	(91) 3425-1200
Logradouro:	Avenida Nazareno Ferreira	Número:	118
Município/Estado:	Bragança/PA	Bairro:	Riozinho

PORTOS

Nome:	Companhia da Docas do Pará	Telefone:	(91) 3223-2055
Logradouro:	Avenida Presidente Vargas	Número:	41
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina

Nome:	Porto de Belém	Telefone:	(91) 3182-9136
Logradouro:	Avenida Marechal Hermes	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Centro

AEROPORTOS

Nome:	Aeroporto Internacional de Belém	Telefone:	(91) 3210-6000
Logradouro:	Avenida Júlio César	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Val de Cans

Nome:	Aeroporto Nacional Júlio Cesar	Telefone:	(91) 3244-1577
Logradouro:	Avenida Senador Lemos	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Sacramenta

CONTATOS DE EMERGÊNCIA





Nome:	Defesa Civil	Telefone:	199
Logradouro:	Rua João Diogo	Número:	246
Município/Estado:	Bragança/PA	Bairro:	Campina

Nome:	IBAMA-Superintendência do Pará	Telefone:	(91) 3323-4500
Logradouro:	Avenida Conselheiro Furtado	Número:	1303
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Batista Campos

Localidade: Praia da Vila dos Pescadores

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico
<p>Latitude: 0°51'20.31" S</p> <p>Longitude: 46°36'16.96" O</p>	 <p>S 0° 51' 20" W 46° 36' 17"</p>
<p>Acesso</p> <p>A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores.</p> <p>Restrição de acesso: Não observada</p> <p>Forma de acesso: Qualquer veículo</p>	<p>Acesso à Vila dos Pescadores</p>
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Areia fina a média</p> <p>Exposição: Exposta</p> <p>Amplitude de maré: 487 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Baixa</p> <p>Largura da praia: Intermediária</p> <p>Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Restinga Foz de rio Estuário Baía Manguezal</p> <p>Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu</p> <p>Observações: Praia localizada na Baía do Caeté. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. Presença de foz de rio e manguezal nas extremidades da praia, ambientes classificados com ISL 10.</p>	 <p>S 0° 51' 20" W 46° 36' 17"</p>
<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Infraestrutura rural</p> <p>Uso da área: Pesca / maricultura Residencial Comercial</p> <p>Observações: Vila de pescadores sem infraestrutura turística.</p>	<p>Praia da Vila dos Pescadores</p>
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p> <p>7 A Planície de maré arenosa exposta</p>	 <p>S 0° 51' 20" W 46° 36' 17"</p>
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>	<p>Extensa planície de maré</p>
	 <p>S 0° 51' 20" W 46° 36' 17"</p> <p>Praia da Vila dos Pescadores</p>

Localidade: Praia da Vila dos Pescadores

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia de Ajuruteua

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°49'44.22" S
Longitude: 46°36'12.51" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo nesta por 40 km, até a Praia de Ajuruteua.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Larga
Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Manguezal
Dunas Restinga

Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu

Observações: Praia localizada na Baía do Caeté. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. Presença de foz de rio e manguezal nas extremidades da praia, ambientes classificados com ISL 10 e portanto, considerados áreas prioritárias para proteção. Ausência de faixa de areia na maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura suburbana
Uso da área: Recreacional Turística Comercial
Residencial
Observações: Infraestrutura turística (pousadas, restaurantes e quiosques).

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

7 A

Planície de maré arenosa exposta

Potencial Uso da Área

Uso a ser definido.

Registro Fotográfico



Praia de Ajuruteua



Rampa de acesso à praia danificada



Praia de Ajuruteua



Dunas e restinga

Localidade: Praia de Ajuruteua

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Se definida como prioritária para proteção: deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Se definida como área de coleta: direcionamento da mancha de óleo para a localidade em questão, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de recolhimento posterior em terra. Pode ser necessário o uso de materiais absorventes para amenizar o contato do óleo com o ambiente. O direcionamento do óleo para a praia deverá ser feito até a arrebentação, deixando que a própria espuma das ondas encaminhe o óleo para a areia.

OBS: Para os trechos já classificados como áreas prioritárias para proteção adotar a estratégia acima descrita.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia do Chavascal

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°48'52.33" S

Longitude: 46°37'31.66" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média

Exposição: Abrigada

Amplitude de maré: 487 cm

Inclinação do substrato: Baixa

Largura da praia: Larga

Ecosistema(s) predominante(s): Praia Manguezal Planície de maré

Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Restinga Baía

Estuário

Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu

Observações: Praia caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7 e manguezais, classificados com ISL 10.
Macrófitas e vegetação marginal na foz do rio, ambiente classificado também com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura

Uso da área: Residencial Pesca / maricultura

Observações: Presença de vila de pescadores e gado.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Praia do Chavascal



Praia do Chavascal



Praia do Chavascal

Localidade: Praia do Chavascal

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia de Boiçucanga

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°47'45.69" S
Longitude: 46°40'36.59" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Larga
Ecosistema(s) predominante(s): Praia Manguezal Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Restinga Foz de rio Dunas Estuário

Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu

Observações: Praia caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7 e manguezais, classificados com ISL 10. Presença de um rio navegável que atravessa o bosque vegetado.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vila na Praia de Boiçucanga e bosque jovem de mangue coberto na preamar



Praia de Boiçucanga



Face exposta da Praia de Boiçucanga



Vegetação de duna sobre a areia

Localidade: Praia de Boiçucanga

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Vila de Cuba

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°48'50.97" S
Longitude: 46°40'5.27" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Alta
Largura da praia: Ausente
Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal
Fisionomia(s) presente(s): Estuário Foz de rio
Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu
Observações: Localidade caracterizada pela presença de manguezais e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial
Observações: Vila de pescadores isolada.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Manguezal onde se localiza a Vila de Cuba



Vila de Cuba



Manguezal



Manguezal

Localidade: Vila de Cuba

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.





Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Pilão

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico	
<p>Latitude: 0°48'57.49" S</p> <p>Longitude: 46°40'30.57" O</p>	 <p>S 0° 48' 57" W 46° 40' 31"</p> <p>Linha de costa ocupada unicamente por manguezal e baixios associados</p>	
<p>Acesso</p> <p>A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.</p>	 <p>S 0° 48' 57" W 46° 40' 31"</p> <p>Planície de maré</p>	
<p>Restrição de acesso: Não observada</p> <p>Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo</p>	 <p>S 0° 48' 57" W 46° 40' 31"</p> <p>Manguezal</p>	
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Lamoso</p> <p>Exposição: Exposta</p> <p>Amplitude de maré: 487 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Baixa</p> <p>Largura da praia: Ausente</p> <p>Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Estuário Foz de rio</p> <p>Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu</p> <p>Observações: Localidade caracterizada pela presença de manguezais e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10.</p>	 <p>S 0° 48' 57" W 46° 40' 31"</p> <p>Curral de pesca</p>	
<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Sem infraestrutura</p> <p>Uso da área: Pesca / maricultura</p> <p>Observações: Presença de currais de pesca.</p>		
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p> <p>10 E Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)</p>		
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>		

Localidade: Pilão

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Grilo

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°50'14.44" S

Longitude: 46°40'20.51" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Média
Largura da praia: Intermediária
Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário
Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu
Observações: Pequena praia, de 120 m de extensão, cravada em um extenso polígono de manguezal, classificado com ISL 10. Presença de planície de maré, classificada com ISL 9.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: Vila de pescadores com comunidade residente.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vila de pescadores



Detalhe do substrato lamoso



Extenso manguezal cercando a praia



Vila de pescadores

Localidade: Grilo

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Mariquita

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°50'27.69" S
Longitude: 46°41'18.62" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Média
Largura da praia: Intermediária
Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Restinga
Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu
Observações: Pequena praia, de 120 m de extensão, cravada em um extenso polígono de manguezal, classificado com ISL 10. Presença de planície de maré, classificada com ISL 9.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: Vila de pescadores fixa.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Bosque jovem de mangue



Vila de pescadores



Cabas e intensa atividade de pesca



Lagoa e extenso manguezal na retroárea da praia

Localidade: Mariquita

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Ilha do Canela

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°47'23.49" S
Longitude: 46°43'7.13" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas e 30 minutos.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Intermediária
Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário
Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu
Observações: Ilha costeira caracterizada pela presença de manguezal, ambiente classificado com ISL 10 e planície de maré, classificada com ISL 7. Presença de foz de rio, classificado, também, com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Pesca / maricultura

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Praia e manguezal



Vista geral da praia



Manguezal associado com a barra de areia



Cabanas palafitadas ao fundo e pescadores trabalhando

Localidade: Ilha do Canela

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Ilha do Canela-Guarás

Município: Bragança

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°47'1.54" S

Longitude: 46°43'46.47" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. A partir de Bragança, seguir por vias locais até a Avenida Nazareno Ferreira, seguindo por 35 km, manter à direita da via e acessar estrada de terra que se estenderá por 1,6 km até a Vila dos Pescadores. O acesso ao local é por barco, a partir da Vila dos Pescadores, em navegação de aproximadamente 2 horas e 30 minutos.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Transporte fluvial Transporte marítimo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média

Exposição: Exposta

Amplitude de maré: 487 cm

Inclinação do substrato: Baixa

Largura da praia: Intermediária

Ecosistema(s) predominante(s): Manguezal Praia Planície de maré

Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário

Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçú

Observações: Ilha costeira caracterizada pela presença de manguezal, ambiente classificado com ISL 10 e planície de maré, classificada com ISL 7. Presença de foz de rio, classificado, também, com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura

Uso da área: Residencial Pesca / maricultura

Observações: Vila de pescadores residentes.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vila da Praia da Ilha do Canela. Bosque de mangue em expansão



Extensa planície entremarés



Praia de baixa declividade e areia fina



Barra arenosa

Localidade: Ilha do Canela-Guarás

Município: Bragança

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

INFORMAÇÕES ÚTEIS

MUNICÍPIO: Tracuateua

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome: Hospital Regional de Salinópolis

Telefone: (91) 3423- 1834 / 3423-1867

Logradouro: Avenida Dr. Miguel Brígida

Número: 118

Município/Estado: Salinópolis

Bairro: Centro

PORTOS

Nome: Capitania dos Portos da Amazônia Oriental

Telefone: (91) 3218-3950

Logradouro: Rua Gaspar Viana

Número: 575

Município/Estado: Belém/PA

Bairro: Reduto

AEROPORTOS

Nome: Aeroporto de Belém

Telefone: (91) 3210-6000

Logradouro: Avenida Júlio Cesar

Número: s/n

Município/Estado: Belém/PA

Bairro: Val de Cans

Nome: Aeroporto Marechal Cunha Machado

Telefone: (98) 3217-6100

Logradouro: Avenida dos Libaneses

Número: s/n

Município/Estado: São Luis/MA

Bairro: Tirirical

CONTATOS DE EMERGÊNCIA

Nome: Prefeitura Municipal de Salinópolis

Telefone: (91) 3423-5344

Logradouro: Travessa Interventor Magalhães Barata

Número: 118

Município/Estado: Salinópolis/PA

Bairro: Centro

Localidade: Porto Salinas

Município: Tracuateua

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°54'33.80" S
Longitude: 46°49'49.41" O

Acesso

Seguir pela rodovia federal BR-316 até Capanema, entrar na rodovia estadual PA-242 por 38 km e seguir à esquerda na rodovia estadual PA-448 até Tracuateua. O Porto Salinas está localizado às margens de um canal de manguê, na região do Salgado Paraense.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 487 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Estreita
Ecossistema(s) predominante(s): Manguezal
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio
Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua
Observações: Na região são encontradas margens de rio vegetadas e manguezais ambientes classificados com ISL 10 respectivamente. Presença de foz de rio nas extremidades da localidade, ambiente também classificado com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Indeterminado

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza de foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Registro Fotográfico



Porto Salinas



Porto Salinas



Porto Salinas

INFORMAÇÕES ÚTEIS
MUNICÍPIO: Quatipuru

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome:	Hospital Central de Pirabas	Telefone:	(91) 3773-1166
Logradouro:	Rua Álvaro de Freitas	Número:	S/N
Município/Estado:	São João das Pirabas/PA	Bairro:	Centro
Nome:	Centro de Saúde de Quatipuru	Telefone:	S/N
Logradouro:	Rua Principal	Número:	300
Município/Estado:	Quatipuru/PA	Bairro:	Colônia Imperial
Nome:	Hospital Regional de Salinópolis	Telefone:	(91) 3423- 1834 / 3423-1867
Logradouro:	Avenida Dr. Miguel Brígida	Número:	118
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

PORTOS

Nome:	Companhia da Docas do Pará	Telefone:	(91) 3223-2055
Logradouro:	Avenida Presidente Vargas	Número:	41
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina
Nome:	Porto de Belém	Telefone:	(91) 3182-9136
Logradouro:	Avenida Marechal Hermes	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Centro

AEROPORTOS

Nome:	Aeroporto Internacional de Belém	Telefone:	(91) 3210-6000
Logradouro:	Avenida Júlio César	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Val de Cans
Nome:	Aeroporto Nacional Júlio Cesar	Telefone:	(91) 3244-1577
Logradouro:	Avenida Senador Lemos	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Sacramenta

CONTATOS DE EMERGÊNCIA

Nome:	Defesa Civil	Telefone:	199
Logradouro:	Rua João Diogo	Número:	246
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina
Nome:	IBAMA-Superintendência do Pará	Telefone:	(91) 3323-4500
Logradouro:	Avenida Conselheiro Furtado	Número:	1303
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Batista Campos
Nome:	Corpo de Bombeiros	Telefone:	(91) 3423-2462 / 193
Logradouro:	Rua São Tomé	Número:	2806
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro
Nome:	Polícia Civil	Telefone:	(91) 3449-1383
Logradouro:	Travessa São Mateus	Número:	S/N
Município/Estado:	São João das Pirabas/PA	Bairro:	Centro
Nome:	Polícia Federal	Telefone:	(91) 3256-3644/ 190
Logradouro:	Rodovia BR 316	Número:	13801
Município/Estado:	Marituba/PA	Bairro:	Centro

Localidade: Vila Quatipuru

Município: Quatipuru

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°48'41.93" S

Longitude: 47° 1'31.73" O

Acesso

A partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer trecho de 160 km, permanecer à esquerda e ingressar na rodovia federal BR-308, seguir por 1,3 km e continuar na direção noroeste, na alça de acesso para a Avenida Presidente Médici, em Capanema. Seguir por 3,3 km até a rodovia estadual PA-124, percorrendo neste trecho 20,5 km. Virar à direita na rodovia estadual PA-446 e seguir rumo norte, passando pelo centro do município de Quatipuru (trecho de 25 km) e continuando até a Vila dos Pescadores de Quatipuru (trecho de 10 km por estrada de terra).

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso

Exposição: Abrigada

Amplitude de maré: 487 cm

Inclinação do substrato: Média

Largura da praia: Ausente

Ecosistema(s) predominante(s): Manguezal Planície de maré

Fisionomia(s) presente(s): Baía Foz de rio Estuário

Observações: A localidade se encontra inserida na Baía Caeté, caracterizada pela presença de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10. Presença de planície de maré, classificada com ISL 9.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura suburbana

Uso da área: Residencial Comercial Pesca / maricultura

Observações: Local sem infraestrutura turística.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Cais da Vila de Quatipuru



Cais da Vila de Quatipuru



Manguezal e terraço de baixa-mar



Fábrica de gelo e pier

Localidade: Vila Quatipuru

Município: Quatipuru

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

A proteção desta área deverá ser realizada em alto mar e próximo à costa, através da utilização da estratégia de contenção e recolhimento e/ou dispersão mecânica.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

INFORMAÇÕES ÚTEIS
MUNICÍPIO: São João de Pirabas

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome:	Hospital Central de Pirabas	Telefone:	(91) 3773-1166
Logradouro:	Rua Deputado Álvaro de Freitas	Número:	S/N
Município/Estado:	São João das Pirabas/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Posto de Saúde Santa Luzia	Telefone:	(91) 3449-3050
Logradouro:	Rua Principal	Número:	S/N
Município/Estado:	São João das Pirabas/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Posto de Saúde Santo Antônio	Telefone:	(91) 3449-1112
Logradouro:	Rua dos Mercadores	Número:	S/N
Município/Estado:	São João das Pirabas/PA	Bairro:	Centro

PORTOS

Nome:	Companhia da Docas do Pará	Telefone:	(91) 3223-2055
Logradouro:	Avenida Presidente Vargas	Número:	41
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina

Nome:	Porto de Belém	Telefone:	(91) 3182-9136
Logradouro:	Avenida Marechal Hermes	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Centro

AEROPORTOS

Nome:	Aeroporto Internacional de Belém	Telefone:	(91) 3210-6000
Logradouro:	Avenida Júlio César	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Val de Cans

Nome:	Aeroporto Nacional Júlio Cesar	Telefone:	(91) 3244-1577
Logradouro:	Avenida Senador Lemos	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Sacramenta

CONTATOS DE EMERGÊNCIA

Nome:	Defesa Civil	Telefone:	199
Logradouro:	Rua João Diogo	Número:	246
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina

Nome:	IBAMA-Superintendência do Pará	Telefone:	(91) 3323-4500
Logradouro:	Avenida Conselheiro Furtado	Número:	1303
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Batista Campos

Nome:	Corpo de Bombeiros	Telefone:	(91) 3423-2462 / 193
Logradouro:	Rua São Tomé	Número:	2806
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

Localidade: Praia da Croa Nova

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°41'54.81" S
Longitude: 47° 8'26.53" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 60 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Alta
Largura da praia: Larga
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Manguezal Estuário
Baía Restinga

Observações: Praia localizada na Baía de Pirabas. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. O trecho interno apresenta extensa área de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: Cabanas utilizadas como residência temporárias de pescadores da região.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

7 A

Planície de maré arenosa exposta

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Praia da Croa Nova e foz do rio



Praia da Croa Nova



Declividade na zona frontal à foz do rio e ao estuário



Vila de pescadores. Cabanas utilizadas como residência temporária

Localidade: Praia da Croa Nova

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Banco Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°43'8.85" S
Longitude: 47° 9'5.95" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 60 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Consolidado Areia fina a média Lamoso
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Ausente
Ecosistema(s) predominante(s): Recife arenítico Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Praia Manguezal Baía
Observações: Praia localizada na Baía de Pirabas. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9 e arenito de praia classificado com ISL 5. O trecho interno apresenta extensa área de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Pesca / maricultura
Observações: Currais de pesca no entorno do banco de arenito.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Terraço de arenito defronte à praia



Manguezal e planície de maré no entorno do banco de arenito. Currais de pesca.



Intensa atividade biológica no banco de arenito



Acesso ao terraço de arenito

Localidade: Banco Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Para a limpeza dos arenitos de praia (*beach rocks*) serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Ilha Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°43'48.68" S
Longitude: 47°10'3.45" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 60 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Misto Areia fina a média Lamoso
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Média
Largura da praia: Estreita
Ecosistema(s) predominante(s): Recife arenítico Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Praia Manguezal Baía

Observações: Praia localizada na Baía de Pirabas. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9 e arenito de praia classificado com ISL 5. O trecho interno apresenta extensa área de manguezal e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10. Ausência de faixa de areia na maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: No local há uma área particular denominada de CEA - Centro Ecológico da Amazônia" TAO OASIS - Ilha da Fortaleza.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Foz do canal e Ilha da Fortaleza



Plataforma de abrasão e banco de arenito na Ilha Fortaleza



Praia na Ilha Fortaleza



Banco de arenito na Ilha Fortaleza

Localidade: Ilha Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Para a limpeza dos arenitos de praia (*beach rocks*) serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°43'0.05" S
Longitude: 47° 9'49.06" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 60 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Intermediária
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Manguezal Foz de rio Estuário
Baía Restinga

Observações: Praia localizada na Baía de Pirabas. Caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9. A porção sul da praia apresenta uma foz de rio contígua à praia com manguezal, ambientes classificados com ISL 10. Ausência de faixa de areia em maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Pesca / maricultura

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Canal formado na planície de maré



Cabanas utilizadas como abrigo por pescadores locais



Planície de maré



Currais de pesca na baixa-mar

Localidade: Fortaleza

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da baía e foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.





Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Coroa do Castelo

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico	
<p>Latitude: 0°40'25.33" S</p> <p>Longitude: 47°10'32.42" O</p>	 <p>S 0° 40' 25" W 47° 10' 32"</p> <p>Planície de maré e Coroa do Castelo</p>	
<p>Acesso</p> <p>A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 60 minutos (de voadeira).</p>	 <p>S 0° 40' 25" W 47° 10' 32"</p> <p>Cabanas da vila de pescadores, laguna com macrófitas e vegetação marginal e mangue.</p>	
<p>Restrição de acesso: Não observada</p> <p>Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial</p>	<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Lamoso Areia fina a média</p> <p>Exposição: Exposta</p> <p>Amplitude de maré: 457 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Média</p> <p>Largura da praia: Larga</p> <p>Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Restinga Estuário Dunas Manguezal</p> <p>Observações: Praia caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. As extremidades da praia apresentam foz de rio e manguezal, ambientes classificados com ISL 10.</p>	
<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Sem infraestrutura</p> <p>Uso da área: Residencial Pesca / maricultura</p>	 <p>S 0° 40' 25" W 47° 10' 32"</p> <p>Planície de maré e dunas vegetadas</p>	
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p> <p>7 A Planície de maré arenosa exposta</p>	 <p>S 0° 40' 25" W 47° 10' 32"</p> <p>Planície de maré no entorno da Coroa do</p>	
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>		

Localidade: Coroa do Castelo

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Areião

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°41'19.41" S
Longitude: 47°11'41.59" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 40 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Média
Largura da praia: Estreita
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Manguezal Foz de rio Estuário
Observações: Praia caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9.
As extremidades da praia apresentam foz de rio e manguezal, ambientes classificados com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Residencial Pesca / maricultura
Observações: Residência temporária de pescadores locais.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vista geral da extensa planície de maré arenolodosa



Planície de maré e manguezal contíguo



Planície de maré na baixa-mar



Cabana da vila dos pescadores

Localidade: Areião

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Ilha do Camaleão

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°41'26.16" S
Longitude: 47°13'1.34" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 30 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Estreita
Ecosistema(s) predominante(s): Manguezal Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Praia Estuário
Observações: Ilha de areia com manguezais associados, classificados com ISL 10.
Presença de planície de maré, classificada com ISL 9.
Ausência de faixa de areia na maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Pesca / maricultura
Observações: Apenas uma cabana de apoio para os pescadores locais.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vista geral da ilha e cabana dos pescadores



Manguezal e gramíneas marginais em cordão arenoso



Manguezal presente em quase todo entorno da ilha.



Formação arenosa extensa na baixa-mar. Rancho de pescadores em palafitas

Localidade: Ilha do Camaleão

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Porto da Praia

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°41'7.71" S
Longitude: 47°13'11.45" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 30 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Cascalho
Exposição: Abrigada
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Alta
Largura da praia: Ausente
Ecosistema(s) predominante(s): Manguezal Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Foz de rio Estuário Rochas
Observações: A localidade é caracterizada pela presença de manguezais e foz de rio, ambientes classificados com ISL 10. Presença de planície de maré, classificada com ISL 9 e seixos rolados associados à margem frontal do manguezal.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura
Uso da área: Pesca / maricultura
Observações: Uma cabana de apoio aos pescadores locais.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

10 E

Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

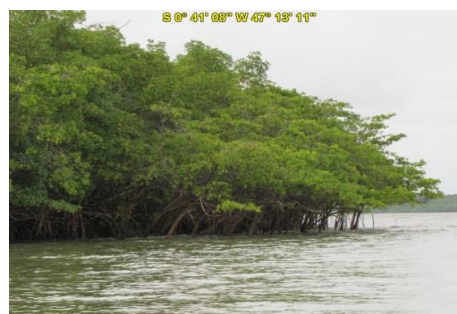
Registro Fotográfico



Cabana de pesca em Porto da Praia



Manguezal em Porto da Praia



Manguezal em Porto da Praia



Substrato rochoso na margem frontal do mangue em Porto da Praia

Localidade: Porto da Praia

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Para a limpeza de rochas abrigadas serão preferencialmente aplicadas as técnicas de bombeamento a vácuo, lavagem de baixa pressão ou limpeza natural.





Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia dos Pilões

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização	Registro Fotográfico
<p>Latitude: 0°40'34.99" S</p> <p>Longitude: 47°12'24.63" O</p>	 <p>S 0° 40' 35" W 47° 12' 25"</p> <p>Planície de maré na Praia dos Pilões</p>
<p>Acesso</p> <p>A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 30 minutos (de voadeira).</p> <p>Restrição de acesso: Não observada</p> <p>Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial</p>	 <p>S 0° 40' 35" W 47° 12' 25"</p> <p>Vila de pescadores na Praia dos Pilões</p>
<p>Aspectos Físicos e Bióticos</p> <p>Substrato: Lamoso Areia fina a média</p> <p>Exposição: Abrigada</p> <p>Amplitude de maré: 457 cm</p> <p>Inclinação do substrato: Baixa</p> <p>Largura da praia: Intermediária</p> <p>Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré</p> <p>Fisionomia(s) presente(s): Restinga Foz de rio Estuário</p> <p>Manguezal Dunas</p> <p>Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9. Na retroárea há uma desembocadura de rio com manguezais associados, ambientes classificados com ISL 10.</p>	 <p>S 0° 40' 35" W 47° 12' 25"</p> <p>Praia de Pilões</p>
<p>Aspectos Socioeconômicos</p> <p>Infraestrutura: Sem infraestrutura</p> <p>Uso da área: Residencial Pesca / maricultura</p> <p>Observações: Presença de currais de pesca.</p>	 <p>S 0° 40' 35" W 47° 12' 25"</p> <p>Canal formado na planície de maré, evidenciando os currais de pesca na Praia dos Pilões</p>
<p>Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)</p> <p>9 A Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas</p>	
<p>Potencial Uso da Área</p> <p>Área prioritária para proteção.</p>	

Localidade: Praia dos Pilões

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia Maria Baixinha

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°37'57.40" S

Longitude: 47°15'33.17" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por 116 km, seguir para a direção leste, para a rodovia estadual PA-324 por 58,3 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, seguindo para norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para sudeste na rodovia estadual PA-124 por 5,7 km, virar à esquerda em estrada asfaltada e seguir para Cuiaranas por 5,5 km até o porto. O acesso final à localidade é por barco, em aproximadamente 30 minutos (de voadeira).

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo Transporte fluvial

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média

Exposição: Abrigada

Amplitude de maré: 457 cm

Inclinação do substrato: Alta

Largura da praia: Intermediária

Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré

Fisionomia(s) presente(s): Estuário Foz de rio Manguezal

Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9. Na retroárea há uma desembocadura de rio com manguezais associados, ambientes classificados com ISL 10.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Sem infraestrutura

Uso da área: Pesca / maricultura

Observações: Presença de currais de pesca.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Vista geral da Praia Maria Baixinha



Cabana de apoio aos pescadores locais



Extremidade mais abrigada na foz do rio



Declividade da Praia Maria Baixinha

Localidade: Praia Maria Baixinha

Município: São João de Pirabas

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

INFORMAÇÕES ÚTEIS
MUNICÍPIO: Salinópolis

ESTADO: Pará

SAÚDE

Nome:	Hospital Regional de Salinópolis	Telefone:	(91) 3423- 1834 / 3423-1867
Logradouro:	Avenida Dr. Miguel Brígida	Número:	118
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Hospital Pronto Socorro Municipal Mário Pinotti - HPSM-14	Telefone:	(91) 3184-6301 / 3184-6353
Logradouro:	Travessa 14 de março	Número:	500
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Umarizal

Nome:	Hospital Metropolitano de Belém	Telefone:	(91) 3073-3700
Logradouro:	Rodovia BR 316, km 3	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Ananindeua

PORTOS

Nome:	Companhia da Docas do Pará	Telefone:	(91) 3223-2055
Logradouro:	Avenida Presidente Vargas	Número:	41
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina

Nome:	Porto de Belém	Telefone:	(91) 3182-9136
Logradouro:	Avenida Marechal Hermes	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Centro

AEROPORTOS

Nome:	Aeroporto Internacional de Belém	Telefone:	(91) 3210-6000
Logradouro:	Avenida Júlio César	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Val de Cans

Nome:	Aeroporto Nacional Júlio Cesar	Telefone:	(91) 3244-1577
Logradouro:	Avenida Senador Lemos	Número:	S/N
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Sacramenta

CONTATOS DE EMERGÊNCIA

Nome:	Defesa Civil	Telefone:	199
Logradouro:	Rua João Diogo	Número:	246
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Campina

Nome:	IBAMA-Superintendência do Pará	Telefone:	(91) 3323-4500
Logradouro:	Avenida Conselheiro Furtado	Número:	1303
Município/Estado:	Belém/PA	Bairro:	Batista Campos

Nome:	Corpo de Bombeiros	Telefone:	(91) 3423-2462 / 193
Logradouro:	Rua São Tomé	Número:	2806
Município:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Polícia Militar	Telefone:	(91) 3423-3590
Logradouro:	Rua Icoaraci	Número:	S/N
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Polícia Federal	Telefone:	(91) 3462-2290
Logradouro:	Rodovia BR 316	Número:	S/N
Município/Estado:	Capanema/PA	Bairro:	Centro

Nome:	Prefeitura Municipal de Salinópolis	Telefone:	(91) 3423-5344
Logradouro:	Travessa Interventor Magalhães Barata	Número:	118
Município/Estado:	Salinópolis/PA	Bairro:	Centro

Localidade: Praia do Atalaia

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°35'35.89" S
Longitude: 47°18'42.80" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por um trecho de 116 km, em direção leste, ingressando na rodovia estadual PA-324, percorrendo 58,3 km, virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, e seguir rumo norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para a Praia do Atalaia por vias locais. Veículos acessam a praia por rampa e circulam normalmente na baixa-mar.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Larga
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Dunas Foz de rio Manguezal
Restinga Plataforma de abrasão

Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. Presença também de afloramentos rochosos com formação de poças de maré na zona entremarés. Na retroárea há foz de rio e manguezais associados, ambientes classificados com ISL 10 e portanto, considerados áreas prioritárias para proteção. Ausência de faixa de areia na maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura suburbana
Uso da área: Recreacional Turística Comercial
Observações: Intenso uso turístico

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

7 A

Planície de maré arenosa exposta

Potencial Uso da Área

Uso a ser definido.

Registro Fotográfico



Rampa de acesso à Praia do Atalaia



Praia do Atalaia na baixa-mar



Plataforma de abrasão. Afloramento rochoso (arenitos)



Veículos circulam na praia na baixa-mar

Localidade: Praia do Atalaia

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Se definida como prioritária para proteção: deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Se definida como área de coleta: direcionamento da mancha de óleo para a localidade em questão, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de recolhimento posterior em terra. Pode ser necessário o uso de materiais absorventes para amenizar o contato do óleo com o ambiente. O direcionamento do óleo para a praia deverá ser feito até a arrebentação, deixando que a própria espuma das ondas encaminhe o óleo para a areia.

OBS: Para os trechos já classificados como áreas prioritárias para proteção adotar a estratégia acima descrita.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza de plataformas de abrasão serão preferencialmente aplicadas as técnicas de lavagem de baixa pressão, remoção manual ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia do Farol Velho

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°35'43.68" S
Longitude: 47°19'29.98" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por um trecho de 116 km, em direção leste, ingressando na rodovia estadual PA-324, percorrendo 58,3 km, virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, e seguir rumo norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para a Praia do Farol Velho por vias locais. Veículos acessam a praia por rampa e circulam normalmente na baixa-mar. Há rampas de acesso ao longo da extensão da praia.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Larga
Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Dunas Foz de rio Manguezal

Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. Presença também de afloramentos rochosos com formação de poças de maré na zona entremarés. A porção leste apresenta manguezal e a oeste apresenta foz de rio e manguezais associados, ambientes classificados com ISL 10 e portanto, considerados áreas prioritárias para proteção. Ausência de faixa de areia na maré alta.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura suburbana
Uso da área: Turística Recreacional Comercial
Residencial

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

7 A

Planície de maré arenosa exposta

Potencial Uso da Área

Uso a ser definido.

Registro Fotográfico



Rampa de acesso à Praia do Farol Velho



Afloramento rochoso



Afloramento rochoso, com formação de poças de maré



Estruturas artificiais lisas, rampa de acesso, e afloramento rochoso

Localidade: Praia do Farol Velho

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Se definida como prioritária para proteção: deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Se definida como área de coleta: direcionamento da mancha de óleo para a localidade em questão, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de recolhimento posterior em terra. Pode ser necessário o uso de materiais absorventes para amenizar o contato do óleo com o ambiente. O direcionamento do óleo para a praia deverá ser feito até a arrebentação, deixando que a própria espuma das ondas encaminhe o óleo para a areia.

OBS: Para os trechos já classificados como áreas prioritárias para proteção adotar a estratégia acima descrita.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza de plataformas de abrasão serão preferencialmente aplicadas as técnicas de lavagem de baixa pressão, remoção manual ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia do Maçarico

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°36'36.25" S

Longitude: 47°21'34.43" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por um trecho de 116 km, em direção leste, ingressando na rodovia estadual PA-324, percorrendo 58,3 km, virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, e seguir rumo norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir para a Praia do Maçarico por vias locais. Veículos não acessam diretamente a praia.

Restrição de acesso: Não observada

Forma de acesso: Qualquer veículo A pé

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média

Exposição: Abrigada

Amplitude de maré: 457 cm

Inclinação do substrato: Baixa

Largura da praia: Estreita

Ecosistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré

Fisionomia(s) presente(s): Manguezal Foz de rio Estuário
Dunas Restinga Terraço exumado

Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 9. Apresenta foz de rio e extensos manguezais, ambientes classificados com ISL 10. Presença de concreções lateríticas na zona entremarés, classificadas com ISL 6.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura suburbana

Uso da área: Recreacional Turística Pesca / maricultura

Observações: Não há infraestrutura turística na praia. Há currais de pesca.

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

9 A

Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Rampa de acesso para pedestres



Acesso de pedestres à praia



Terraços rochoso de concreções entremarés



Dunas vegetadas

Localidade: Praia do Maçarico

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Para a limpeza do terraço exumado recoberto por concreções lateríticas serão preferencialmente aplicadas as técnicas de lavagem de baixa pressão, remoção manual ou limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013

Localidade: Praia da Corvina

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Localização

Latitude: 0°36'17.46" S
Longitude: 47°22'42.41" O

Acesso

A partir de Belém, seguir pela rodovia federal BR-316 por um trecho de 116 km, em direção leste, ingressando na rodovia estadual PA-324, percorrendo 58,3 km, virar à esquerda na rodovia estadual PA-124, e seguir rumo norte até Salinópolis. Em Salinópolis, seguir à Praia da Corvina por vias locais. Veículos não acessam diretamente à praia. Há uma passarela sobre o manguezal que dá acesso a pedestres.

Restrição de acesso: Não observada
Forma de acesso: Qualquer veículo A pé

Aspectos Físicos e Bióticos

Substrato: Lamoso Areia fina a média
Exposição: Exposta
Amplitude de maré: 457 cm
Inclinação do substrato: Baixa
Largura da praia: Larga
Ecossistema(s) predominante(s): Praia Planície de maré
Fisionomia(s) presente(s): Manguezal Restinga Dunas
Lago / Lagoa Foz de rio

Observações: A praia é caracterizada pela presença de planície de maré, classificada com ISL 7. Apresenta foz de rio e extensos manguezais em suas extremidades, ambientes classificados com ISL 10. Nas lagoas há macrófitas e vegetação marginal.

Aspectos Socioeconômicos

Infraestrutura: Infraestrutura urbana
Uso da área: Recreacional Turística Comercial
Pesca / maricultura
Observações: Infraestrutura Turística (quiosques).

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

7 A

Planície de maré arenosa exposta

Potencial Uso da Área

Área prioritária para proteção.

Registro Fotográfico



Acesso final para veículos à praia



Acesso final à praia



Extenso cordão arenoso entremarés



Praia da Corvina

Localidade: Praia da Corvina

Município: Salinópolis

Estado: Pará

Estratégias de Proteção e Limpeza

Métodos de Proteção Recomendados:

Deflexão da mancha de óleo, através da utilização de barreiras de contenção, com o objetivo de evitar o toque na localidade em questão e, posteriormente, recolher o óleo no mar ou em área menos sensível da costa.

Métodos de Limpeza Recomendados:

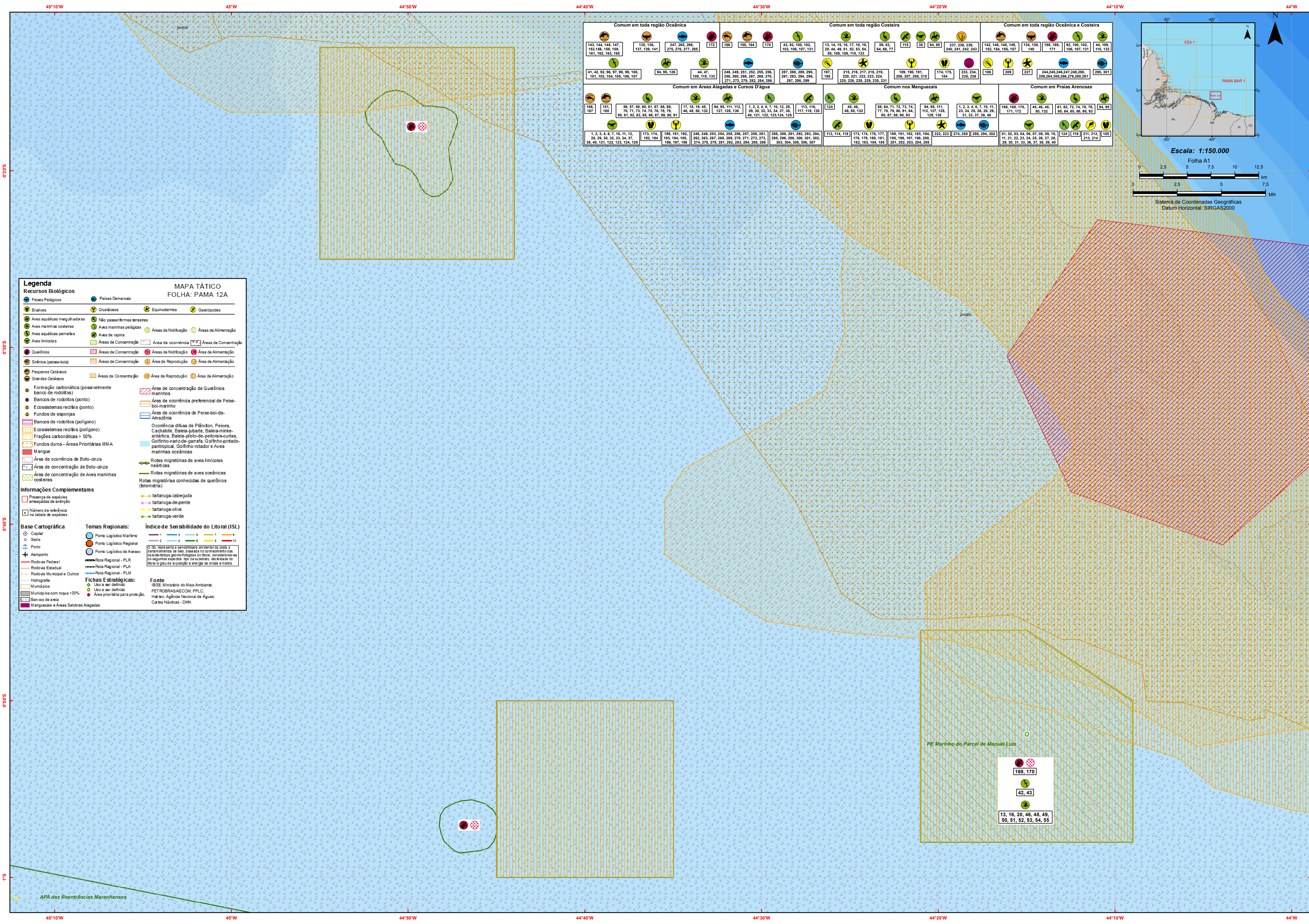
Nas áreas compostas por areia fina a média serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção manual, remoção mecânica, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por planície de maré será preferencialmente aplicada técnica de remoção manual, com utilização de materiais absorventes, dilúvio, bombeamento a vácuo ou limpeza natural.

Para a limpeza da foz de rio serão preferencialmente aplicadas as técnicas de remoção mecânica, com utilização de skimmer, materiais absorventes e barreiras de contenção, e/ou limpeza natural.

Nas áreas compostas por manguezais será preferencialmente adotada a estratégia de limpeza natural.

Fonte: O'Brien's do Brasil, 2013



MAPA TÁTICO FOLHA: PAMA 12A

Legenda Recursos Biológicos

- Peixes Pelágicos
- Peixes Demersais
- Bivalves
- Crustáceos
- Equinodermos
- Gastropodes
- Áreas aquáticas megaliadoras
- Áreas marinhas costeiras
- Áreas aquáticas peritais
- Áreas limítimas
- Áreas de Concentração
- Áreas de ocorrência
- Áreas de Alimentação
- Quelônios
- Áreas de Concentração
- Áreas de Nidificação
- Área de Alimentação
- Sirênios (peixes-bois)
- Áreas de Concentração
- Área de Reprodução
- Área de Alimentação
- Pequenos Cetáceos
- Grandes Cetáceos
- Áreas de Concentração
- Área de Reprodução
- Área de Alimentação
- Formação carbonática (possivelmente banco de rodólitos)
- Bancos de rodólitos (ponto)
- Ecosistemas recifais (ponto)
- Fundos de esponjas
- Bancos de rodólitos (polígono)
- Ecosistemas recifais (polígono)
- Frações carbonáticas > 50%
- Fundos duros - Áreas Prioritárias MMA
- Mangue
- Área de ocorrência de Boto-cinza
- Área de concentração de Boto-cinza
- Área de concentração de Aves marinhas costeiras
- Rotas migratórias de aves limícolas neárticas
- Rotas migratórias de aves oceânicas
- Rotas migratórias conectadas de quelônios (telemetria)
- tartaruga-cabeçuda
- tartaruga-de-pente
- tartaruga-oliva
- tartaruga-verde

Informações Complementares

- Presença de espécies ameaçadas de extinção
- Número de referência na tabela de espécies

Base Cartográfica

- Capital
- Sede
- Porto
- Aeroporto
- Rodovia Federal
- Rodovia Estadual
- Rodovia Municipal e Outras
- Hidrografia
- Municípios
- Municípios com toque > 50%
- Bancos de areia
- Manguezais e Áreas Salobras Alagadas

Temas Regionais:

- Ponto Logístico Marítimo
- Ponto Logístico Regional
- Ponto Logístico de Acesso
- Rota Regional - PLR
- Rota Regional - PLM
- Rota Regional - PLM

Fichas Estratégicas:

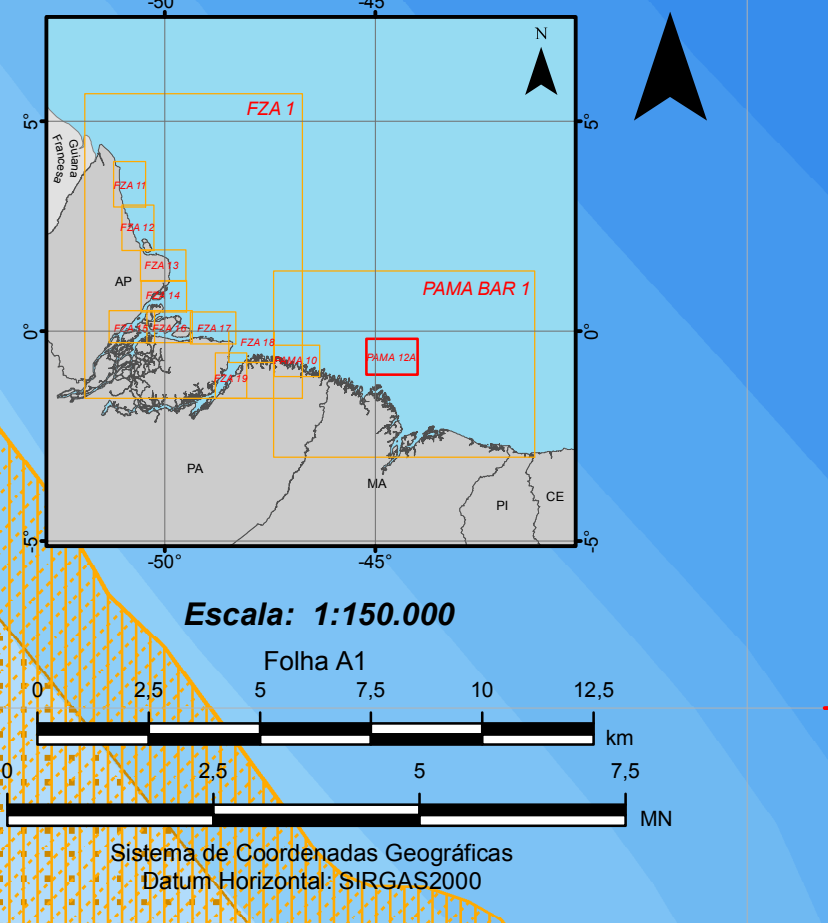
- Uso a ser definido
- Uso a ser definido
- Área prioritária para proteção

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

O ISL representa a sensibilidade ambiental da costa a parâmetros de risco, baseado no conhecimento das características geomorfológicas e do litoral, considerando-se as seguintes variáveis: tipo de substrato, declividade do litoral e grau de exposição a energia de ondas e marés.

Fonte: IBGE: Ministério do Meio Ambiente; PETROBRAS/ECOM; PPLC; Instituto Agência Nacional de Águas; Cartas Náuticas - DNM.

Comum em toda região Oceânica		Comum em toda região Costeira		Comum em toda região Oceânica e Costeira	
143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165	135, 136, 137, 139, 141	247, 265, 266, 275, 276, 277, 285	172	166	150, 164, 170
41, 42, 89, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107	94, 95, 126	44, 47, 109, 110, 133	248, 249, 251, 252, 255, 256, 258, 259, 260, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 279, 282, 284, 286	207, 285, 289, 290, 291, 291, 294, 296, 297, 298, 299	197, 188
166, 167	151, 160	56, 57, 58, 60, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91	17, 18, 19, 45, 46, 48, 50, 132	94, 95, 111, 112, 127, 128, 130	1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 12, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 40, 121, 122, 123, 124, 125
1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 40, 121, 122, 123, 124, 125	173, 174, 182, 184	189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198	248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286	288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307	113, 114, 118, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 201, 202, 203, 204, 205



PE Marinho do Parcel do Manuel Luis

- 169, 170
- 42, 43
- 13, 16, 20, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

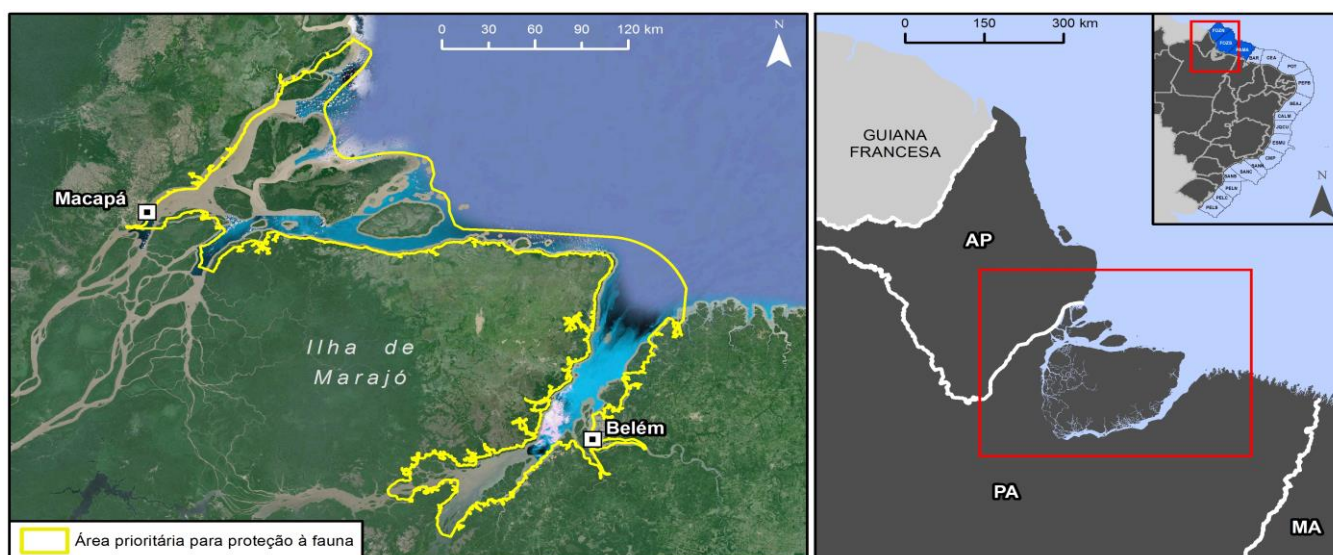
GOLFÃO MARAJOARA

Abaetetuba, Acará, Afuá, Ananindeua, Barcarena, Belém, Benevides, Bujaru, Cametá, Chaves, Soure, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Santa Bárbara do Pará, Santa Isabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas, Muana, Curralinho, Curuçá, Igarapé-Miri, Limoeiro Do Ajuru, Marituba, Moju, São Sebastião da Boa Vista e Vigia (AP) Itaubal e Macapá (AP)

00°13'17.701"S/49°35'4.754"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Golfão Marajoara, também conhecido por Golfão Amazonense, se estende desde o município de São Caetano de Odivelas, englobando o braço sul (Rio Pará) e o Rio Amazonas (braço norte), e o litoral do Amapá, até o Arquipélago de Bailique.

Forte dinâmica sedimentar, constituído por planícies de maré, manguezais, praias e dunas móveis e fixas, restinga.

Presença da Ilha das Pacas e Arquipélago Jurupari (Afuá), Ilha Camaleão, Ilha do Enxugador, Ilha Camaleãozinho, Ilha Melancinha, Ilha Melancia, Ilha do Barata, Ilha Nova, Ilha Olga, Ilha de Puampé, Ilha do Bode, Ilha do Ganhoão, Ilha de Jaruá, Ilha das Flechas, Ilha Mexiana, Ilha das Pacas, Ilha São Bento, Ilha Caviana de Fora, Ilhas Camaleão, Ilha Jurupari, Ilha Caviana de Dentro, Ilha Januacu e Ilha Bragança (Chaves), Ilha São Roque e Ilha do Machado (Soure), Ilhota dos Amores (Salvaterra), Ilha da Coroa Grande (Cachoeira de Arari), Ilha de Santana (Ponta de Pedras) - PA e Ilha Pedreira (Itaubal), Arquipélago do Bailique e Ilha Vitória (Macapá) - AP.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de concentração de pequenos cetáceos (boto vermelho, boto cinza e tucuxi) e uma área de alimentação e reprodução de sirênios (peixe-boi amazônico).

É uma área que possui uma concentração importante de aves residentes limícolas e costeiras, concentra também ninhais de aves aquáticas pernaltas *Eudocimus ruber*, *Egretta caerulea* e *Platalea ajaja*. Além disso, é também importante para a reprodução de aves pernaltas aquáticas (*Pilherodius pileatus*) e aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*). Concentra também aves marinhas costeiras (*Rynchops niger* e *Leucophaeus atricilla*), além de aves limícolas (*Himantopus mexicanus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção das unidades de conservação: Reserva Biológica do Parazinho (proteção integral, esfera estadual, Decreto nº 5 de 21/01/1985), Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (uso sustentável, esfera estadual, Lei 0431, de 15/09/1998), Reserva Particular do Patrimônio Natural Retiro Paraíso (uso sustentável, esfera federal, ato legal: 02001.003687/91-80), Reserva Particular do Patrimônio Natural Aldeia Ekinox (uso sustentável, esfera federal, ato legal: 02004.001118/1999-45), Área de Proteção Ambiental da Fazendinha (uso sustentável, esfera municipal, Decreto Municipal 4886 de 14/12/1984), Reserva Biológica da Fazendinha (proteção integral, esfera estadual, Decreto 020, de 14/12/1984), Área de Proteção Ambiental do Arquipélago do Marajó (uso sustentável, esfera estadual, Decreto S/N, de 05/10/1989), Reserva Extrativista Marinha de Soure (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 22/11/2001) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso à ilha principal do Golfão Marajoara, a Ilha de Marajó, é feito a partir de Belém-Salaterra, trajeto realizado por barco (Porto de Belém - Porto Camará) ou balsa para veículos (Terminal Icoaraci - Porto Camará). O município de Salvaterra é um dos pontos principais de entrada para a Ilha de Marajó devido à presença do porto e pela proximidade com Belém.

GOLFÃO MARAJOARA

Abaetetuba, Acará, Afuá, Ananindeua, Barcarena, Belém, Benevides, Bujaru, Cametá, Chaves, Soure, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Santa Bárbara do Pará, Santa Isabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas, Muana, Curralinho, Curuçá, Igarapé-Miri, Limoeiro Do Ajuru, Marituba, Moju, São Sebastião da Boa Vista e Vigia (AP) Itaubal e Macapá (AP)

00°13'17.701"S/49°35'4.754"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt | O'Brien's Brasil, 2015

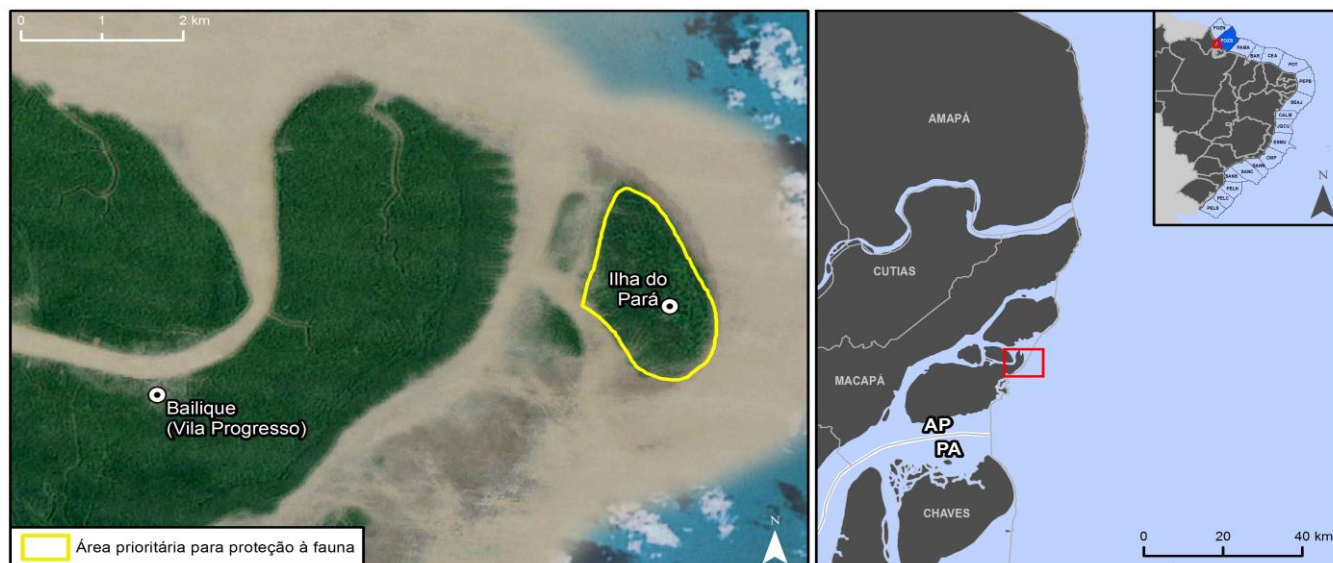
ILHA DO PARÁ

Macapá (AP)

0°53'0.86"N/49°59'33.18"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha do Pará apresenta ecossistema diversificado com presença de manguezais e planícies de maré.

Toda a extensão da ilha é englobada pela Reserva Biológica do Parazinho. Desde a sua criação, a REBIO é sede do Projeto Quelônios da Amazônia (Q-AMA). O projeto foi implantado pelo IBAMA-AP em 1981 e a partir de 2001 passou a ser conduzido pela SEMA-AP.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de reprodução de tartarugas (*Podocnemis expansa*), apresenta ocorrência da espécie entre agosto e dezembro, durante a estação de seca. Existe variação de acordo com a localidade e o ciclo dos rios.

É uma área que possui uma concentração importante de aves residentes limícolas e costeiras, concentra também ninhais de aves aquáticas pernaltas *Eudocimus ruber*, *Egretta caerulea* e *Platalea ajaja*. Além disso, é também importante para a reprodução de aves pernaltas aquáticas (*Pilherodius pileatus*) e aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*). Concentra também aves marinhas costeiras (*Rynchops niger* e *Leucophaeus atricilla*), além de aves limícolas (*Himantopus mexicanus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Reserva Biológica do Parazinho (proteção integral, esfera estadual, Decreto nº 5 de 21/01/1985) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal à ilha é feito pelo Arquipélago de Bailique. Este arquipélago pode ser acessado a partir do Porto de Santana.

O acesso ao porto, a partir do Aeroporto de Macapá, é feito a partir da rodovia federal BR-156, para então seguir pela Avenida Duque de Caxias por aproximadamente 4,5 km e acessar a Avenida Santana, via que dá acesso ao porto.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de concentração de tartarugas de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

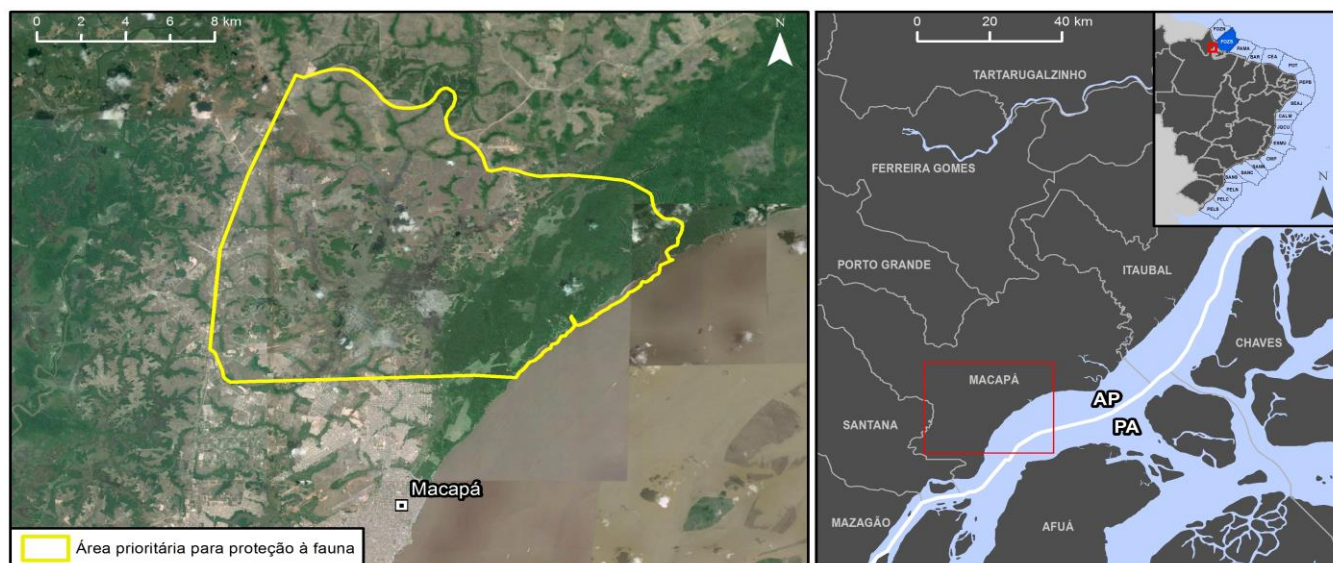
ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO RIO CURIAÚ

Macapá (AP)

0°7'57.434"N/50° 58'28,22"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A APA sintetiza em seu território um ecossistema diversificado, com a presença de rios e lagos, campos inundáveis, áreas de cerrado e floresta de várzea

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

É uma área que possui uma concentração importante de aves residentes limícolas e costeiras, concentra também ninhais de aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*, *Egretta caerulea* e *Platalea ajaja*). Além disso, é também importante para a reprodução de aves pernaltas aquáticas (*Ptilerodius pileatus*) e aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*). Concentra também aves marinhas costeiras (*Rynchops niger* e *Leucophaeus atricilla*), além de aves limícolas (*Himantopus mexicanus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (uso sustentável, esfera estadual, Lei 0431, de 15/09/1998) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso à APA do Rio Curiaú pode ser por meio terrestre, pela Rodovia Estadual Alceu Paulo Ramos (AP-70); pela Rodovia Federal (BR-210) e por meio fluvial pelos rios Curiaú e Amazonas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

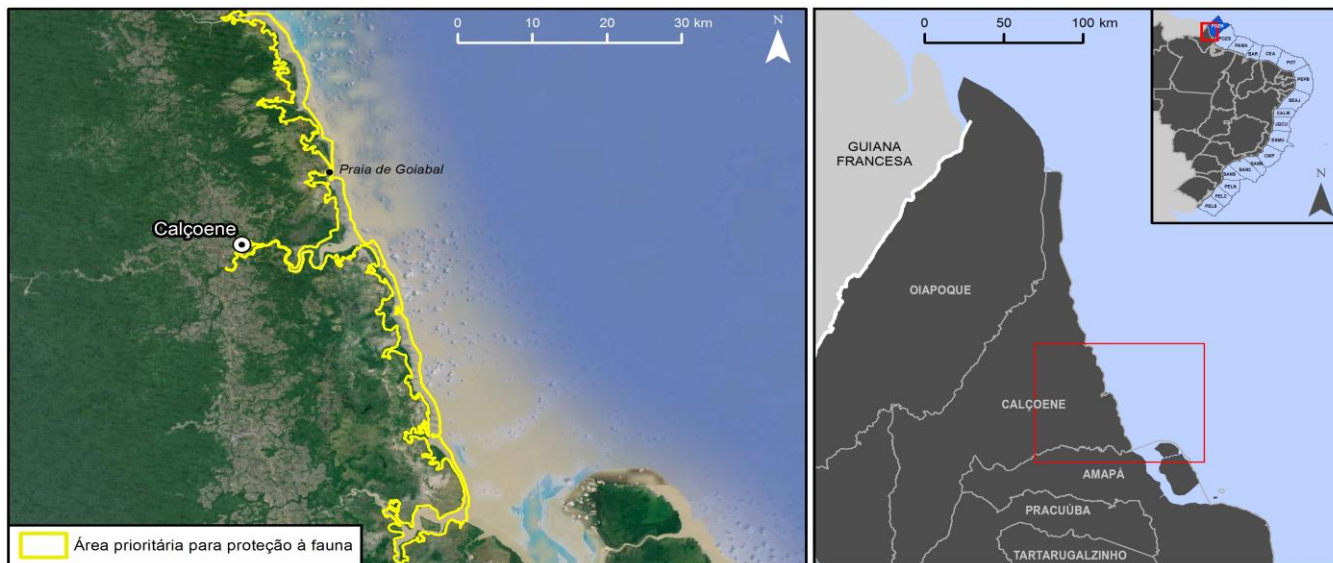
ESTUÁRIOS, MANGUEZAIS E PLANÍCIES DO LITORAL DE GOIABAL

Calçoene, Amapá (AP)

2°30'7,721"N/50°48'18.113"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Norte (FOZN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Área caracterizada por 968625 hectares. A região de Goiabal é caracterizada pela presença de manguezais, planícies de maré e estuários.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves migratórias da América do Norte, que ali se reúnem aos milhares para se alimentar e descansar durante os movimentos migratórios, além de ser local de alimentação e de reprodução de muitas espécies residentes e que dependem deste habitat. A faixa de manguezal é especialmente importante para a alimentação e reprodução da ave aquática pernaltas *Eudocimus ruber*, incluindo as proximidades da Praia do Goiabal. Esta praia é considerada como uma das principais áreas de concentração de aves migratórias da América do Norte como aves limícolas (*Calidris alba*, *Calidris pusilla*, *Calidris minutilla*, *Himantopus mexicanus*). Além disso, espécies migratórias e residentes como aves marinhas costeiras (*Sterna spp.*, *Thalasseus spp.*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*), aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Pilherodius pileatus*, *Platalea ajaja*) são registradas em bons números na região, se reproduzindo ou utilizando a região para se alimentar e/ou reproduzir.

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção legal da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir do aeroporto do Amapá, seguir pela rodovia estadual AP-116 por 5 km, sentido litoral, e estará dentro dos limites da área prioritária.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de concentração de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

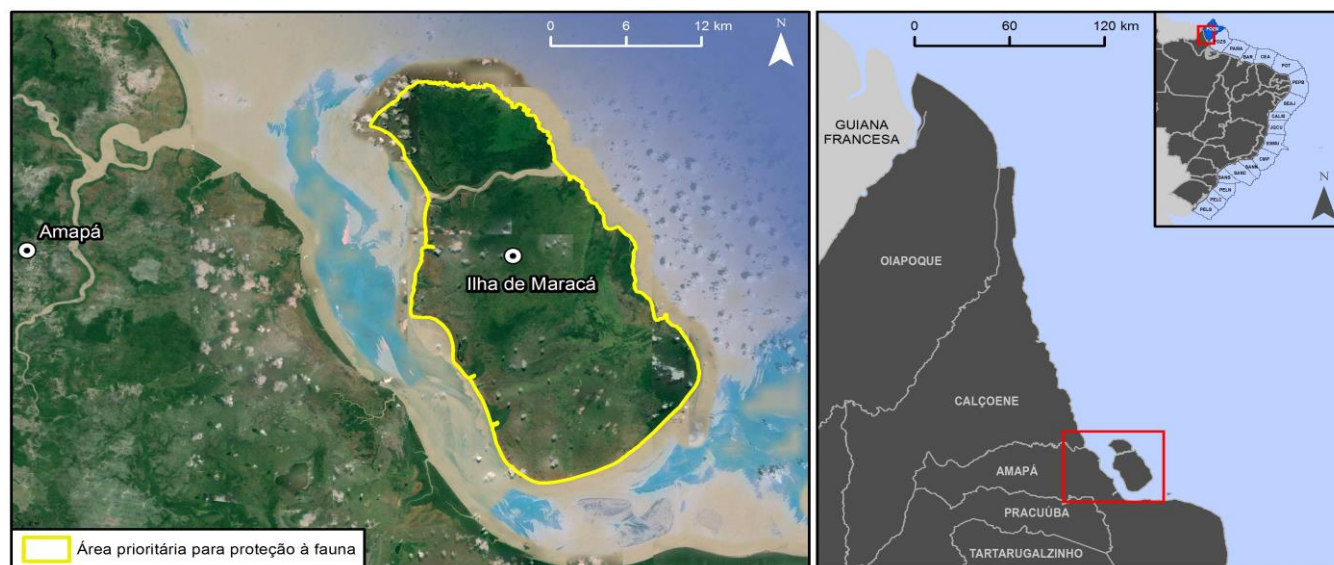
ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE MARACÁ-JIPIOCA

Amapá (AP)

2° 0'55.49"N/50°25'41.37"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Norte (FOZN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de manguezais e planícies de maré em toda a extensão da Estação Ecológica de Maracá-Jiyoica.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves residentes que lá se alimentam e reproduzem, como os ninhais de aves aquáticas pernaltas *Eudocimus ruber*, *Egretta caerulea*, *Platalea ajaja*, *Pilherodius pileatus*, além de outras espécies como aves limícolas (*Himantopus mexicanus*), aves marinhas cosíteras (*Leucophaeus atricilla* e *Rynchops niger*), além de aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Estação Ecológica de Maracá-Jiyoica (proteção integral, esfera federal, Decreto 86.061, de 02/06/1981) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal à Estação Ecológica de Maracá-Jiyoica é feito pela Foz do Rio Amapá Grande. O acesso à Foz, é a partir do Porto de Santana. Para acessar o porto, a partir do Aeroporto de Macapá, acessar a Rodovia Federal BR-156, para então seguir pela Avenida Duque de Caxias por aproximadamente 4,5 km e acessar a Avenida Santana, via que dá acesso ao porto. A Estação Ecológica de Maracá-Jiyoica se localiza ao leste e sudeste da Foz do Rio Amapá Grande.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

MANGUEZAIS E PLANÍCIES DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAGO PIRATUBA

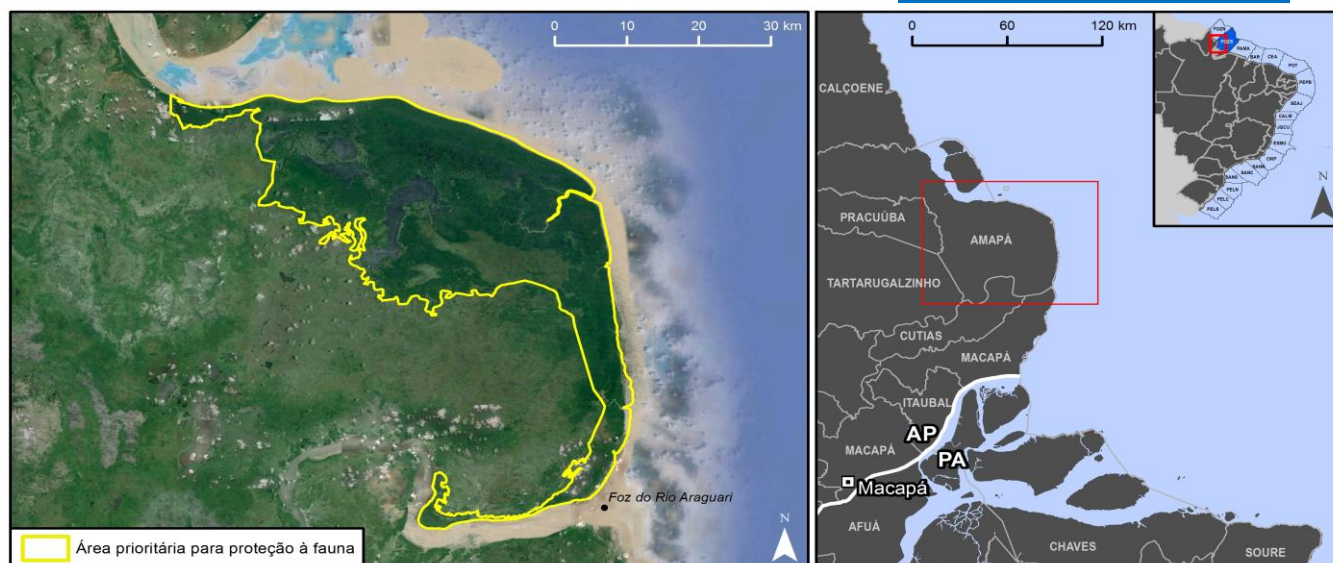
Amapá (AP)

1°43'53.806"N/49°58'53.084"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Norte (FOZN)

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de manguezais e planícies de maré em toda a extensão da localidade.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves.

Ocorrência de aves de rapina (*Pandion haliaetus*), além de concentrar boas populações de aves marinhas costeiras como *Leucophaeus atricilla* e *Rynchops niger*. Ocorrem também ninhais de aves marinhas costeiras (*Egretta caerulea*), aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja* e *Pilherodius pileatus*, além de aves limícolas (*Himantopus mexicanus*).

Área de concentração de pequenos cetáceos (boto cinza) e de alimentação e reprodução de sirênios (peixe-boi-marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Reserva Biológica do Lago Piratuba (proteção integral, esfera federal, Decreto 84.914, de 16/07/1980; Decreto 89.932, de 10/07/1984) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir do aeroporto do Amapá, seguir pela Rodovia Estadual AP-116 por 5 km, sentido litoral, e estará dentro dos limites da área prioritária. O acesso pode ser por via terrestre e fluvial. Partindo-se de Macapá pela rodovia BR-156 (Macapá-Oiapoque), percorre-se 50 km de até atingir o lugarejo de Cotias, à margem direita do rio Araguari. Daí parte-se de barco viajando por aproximadamente uma hora, até chegar na Reserva.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e concentração de pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

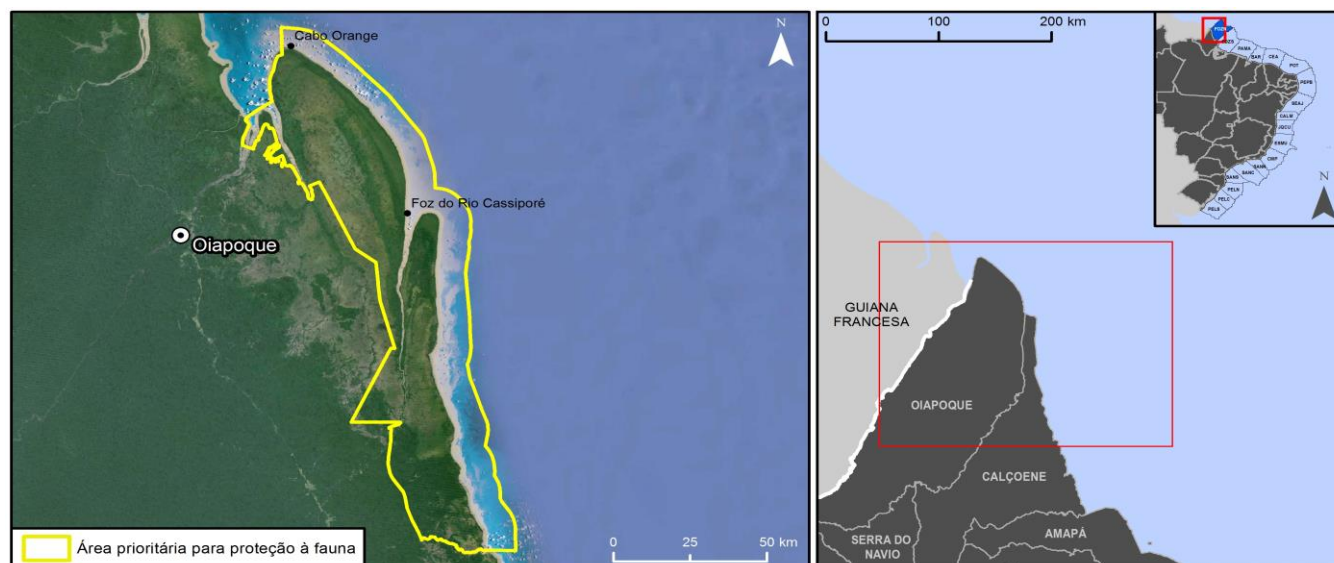
PARQUE NACIONAL DO CABO ORANGE

Oiapoque, Calçoene (AP)

03°54'30.038"N/51°5'59.818"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Norte (FOZN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Área caracterizada por 410424 hectares.

O Parque protege 4,3% da área do Estado do Amapá, com a presença de manguezais e planícies de maré, campos periodicamente inundados, floresta de várzea, floresta ombrófila aberta, cerrado e restingas.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de concentração de herpetofauna, com destaque para o Rio Cassiporé para tartarugas (*Podocnemis unifilis*).

Área de concentração e reprodução de avifauna, com destaque para a Ponta do Cabo Orange como uma área de alimentação e reprodução de uma grande quantidade de aves aquáticas pernaltas (*Phoenicopterus ruber*) e aves marinhas costeiras (*Sternula antillarum*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*). O Parque Nacional do Cabo Orange é uma das áreas mais importantes para a conservação das aves aquáticas e limícolas do Brasil, com registros de espécies importantes e de interesse para a conservação, além de ninhas de aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*, *Ardea cocoi*, *Egretta caerulea*, *Platalea ajaja*, *Mycteria americana* e *Ardea alba*). Outras espécies importantes que ocorrem nesta região são de aves aquáticas pernaltas (*Ptilerodius pileatus*, *Tigrisoma lineatum*, *Ciconia maguari*, *Jabiru mycteria*), aves aquáticas mergulhadoras (*Chloroceryle inda*, *Chloroceryle aenea*), aves marinhas costeiras (*Fregata magnificens*, *Leucophaeus atricilla*) e aves de rapina (*Urubitinga urubitinga*, *Buteogallus aequinoctialis*). Além disso, é uma área importantíssima por abrigar aves migratórias como aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris minutilla*, *Numenius hudsonicus*, *Actitis macularius*) e aves marinhas costeiras (*Sternula antillarum*, *Sternula superciliaris* e *Thalasseus maximus*). É uma das poucas áreas no Brasil aonde ocorre ainda a ave aquática pernalta *Phoenicopterus ruber*.

Área de ocorrência de sinênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Parque Nacional do Cabo Orange (proteção integral, esfera federal, Decreto 84.913, de 15/07/1980) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir de Macapá pela rodovia BR-156 (Macapá-Oiapoque), percorre-se aproximadamente 330km de estrada até chegar ao Município de Calçoene. A partir daí utiliza-se de uma estrada rural com 52km que leva até o Rio Cunani, limite sul do PNCO. A região de Cunani apresenta dificuldades de acesso entre os meses de fevereiro e julho, quando as estradas ficam praticamente intransitáveis, devido as chuvas.

O endereço da sede do Parque é Rua Getúlio Vargas, nº 235 - Bairro: Paraíso - Oiapoque-AP - CEP: 68.980-000.

PARQUE NACIONAL DO CABO ORANGE**Oiapoque, Calçoene (AP)**

03°54'30.038"N/51°5'59.818"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Norte (FOZN)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de concentração de sirênios e tartarugas de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt | O'Brien's Brasil, 2015

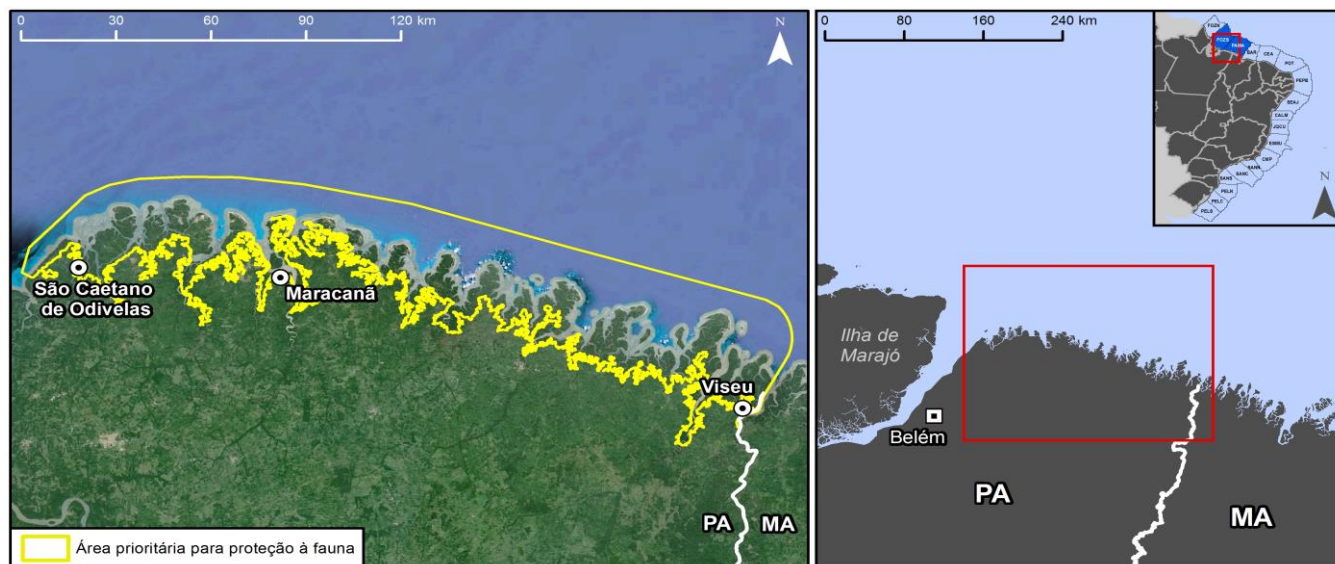
REENTRÂNCIAS PARAENSES

São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, Curuçá, Marapanim, Magalhães Barata, Maracanã, Salinópolis, São João de Pirabas, Primavera, Quatipuru, Tracuateua, Bragança, Augusto Corrêa, Viseu (PA)

01°32'37.98"S/ 45°07'58.59"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A região das Reentrâncias Paraenses, assim como as Reentrâncias Maranhenses, é constituída, em sua maioria, por planícies aluviais costeiras com pequenas colinas. Geomorfologicamente, é um litoral bastante recortado em Rias, que levaram à formação de extensas planícies, pontões lodosos, praias, dunas, foz de rios e centenas de ilhas (Morrison e Ross 1989). É orlado por ecossistemas como manguezais, marismas e apicuns. Esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de concentração de aves migratórias: Abriga mais de 90% da população de diversas espécies de algumas espécies de aves migratórias do Brasil, como aves limícolas (*Arenaria interpres*, *Calidris alba*, *Charadrius wilsonia* (pop. residentes e migratórias), *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris canutus*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugnax*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acutiflavus*), aves passeriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius parasiticus*, *Stercorarius pomarinus*).

Área de elevada concentração e reprodução de aves costeiras: Abriga ninhas importantes de aves aquáticas pernaltas como *Eudocimus ruber* e *Platalea ajaja*. Ocorrem também grandes populações de aves como: Aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Sternula superciliaris*), aves anseriformes (*Anas bahamensis*). Em toda a extensão da costa maranhense e paraense, os ninhas em geral estão localizados em áreas mais interiores dentro do manguezal, de difícil acesso, tornando complicado tal mapeamento, sem considerar a sazonalidade de ocorrência da reprodução, a nidificação não ocorre o ano todo. Em geral, costuma-se dizer que os ciconiiformes nidificam ao longo de toda a costa amazônica brasileira, mas a precisão dessas localidades é pouco conhecida.

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

REENTRÂNCIAS PARAENSES

São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, Curuçá, Marapanim, Magalhães Barata, Maracanã, Salinópolis, São João de Pirabas, Primavera, Quatipuru, Tracuateua, Bragança, Augusto Corrêa, Viseu (PA)
01°32'37.98"S/ 45°07'58.59"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de unidade de conservação: Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13 de dezembro de 2002), Reserva Extrativista Marinha do Maracanã (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13 de dezembro de 2002), Reserva Extrativista São João da Ponta (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13 de dezembro de 2003), Reserva Extrativista Chocoaré-Mato Grosso (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13 de dezembro de 2002), Área de Proteção Ambiental Jabotitiua-Jatium (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13 de dezembro de 2002), Área de Proteção Ambiental da Costa de Urumajó (uso sustentável, esfera municipal, Lei 1.352, de 05 de agosto de 1998), Reserva Particular do Patrimônio Natural Klagesi, Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba (uso sustentável, esfera federal, Decreto nº sem número de 13 de outubro de 2014), Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo (uso sustentável, esfera federal, Decreto nº sem número de 13 de outubro de 2014), Reserva Extrativista Marinha Cuinarana (uso sustentável, esfera federal, Decreto nº Sem número, de 10 de outubro de 2014), Área de Proteção Ambiental de Algodão-Maiandeuá (uso sustentável, esfera estadual, Lei 5.983, de 25 de julho de 1996), Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua (Decreto S/N, de 20 de maio de 2005), Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20/05/2005), Reserva Extrativista Marinha Araí-Peroba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20 de maio de 2005), Reserva Extrativista Marinha de Gurupi-Piriá (uso sustentável, esfera federal Decreto S/N, de 20 de maio de 2005)

, Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 45,3 km e seguir na direção norte pela rodovia estadual PA-140, por 53,3 km. Virar à esquerda em estrada de terra e percorrer um trecho de aproximadamente 8 km até a entrada da passarela. A partir deste ponto, o acesso é realizado a pé pela passarela, por um trecho de 500 m. A Vila de Itapoã também pode ser acessada por barco a partir de Vigia. Neste caso, ao acessar a rodovia estadual PA-140 pela rodovia federal BR-316, percorrer um trecho de 48,8 km e virar à esquerda na rodovia estadual PA-412, e seguir por 8 km até o cais de Vigia. A navegação dura aproximadamente 30 minutos, variando conforme o barco até as Reentrâncias Paraenses.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios, pequenos cetáceos e tartarugas de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

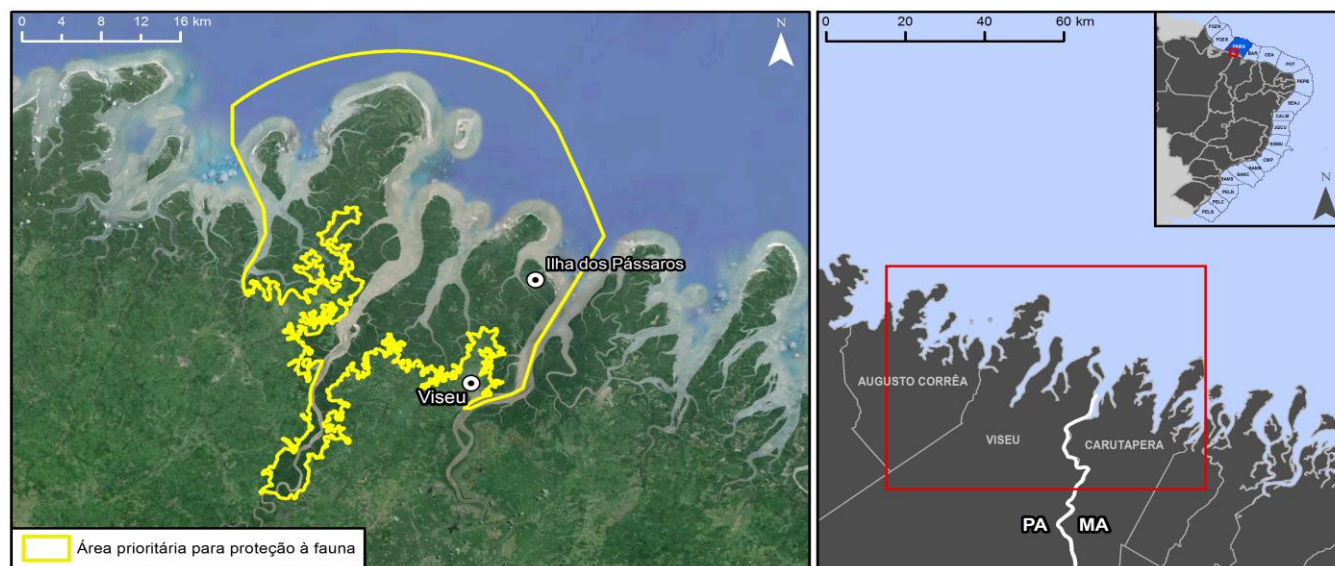
REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE VISEU

Viseu (PA)

00°56'44.303"S/ 46°10'41.407"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Centro (SANC)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Área litorânea com forte dinâmica sedimentar e presença da Ilha do Apéu, Ilha do Lombo Branco, Ilha Itacupim, Ilha Gurupi e Ilha dos Pássaros, Ilha do Meio e Ilha de Carauaçú.

A vegetação presente na área é típica do ecossistema de manguezal com presença de campo natural, floresta mista com palmeiras e restinga.

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves migratórias como aves limícolas (*Arenaria interpres*, *Calidris alba*, *Charadrius wilsonia* (pop. residentes e migratórias), *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris canutus*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugnax*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acuflavidus*), aves passeriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius parasiticus*, *Stercorarius pomarinus*).

Abriga ninhas importantes de aves aquáticas pernaltas como *Eudocimus ruber* e *Platalea ajaja*. Ocorrem também grandes populações de aves como: Aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Sternula superciliaris*), aves de rapina (*Aramides mangle*), aves anseriformes (*Anas bahamensis*). Em toda a extensão da costa maranhense e paraense, os ninhas em geral estão localizados em áreas mais interiores dentro do manguezal, de difícil acesso, tornando complicado tal mapeamento, sem considerar a sazonalidade de ocorrência da reprodução, a nidificação não ocorre o ano todo. Em geral, costuma-se dizer que os ciconiiformes nidificam ao longo de toda a costa amazônica brasileira, mas a precisão dessas localidades é pouco conhecida.

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de três unidades de conservação: Reserva Extrativista Marinha de Gurupi-Piriá (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20/05/2005), Área de Proteção Ambiental Jabotitua-Jatium (uso sustentável, esfera municipal, Lei 002, de 07/04/1998), Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses (uso sustentável, esfera estadual, Decreto nº 11.901 de 11/06/1991) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir de Belém, seguir para a Rodovia Federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e em seguida, acessar a nordeste em direção à Rodovia Federal BR-308, passando pela entrada de Capanema e seguindo por 150 km até Viseu. O trecho de Bragança à Viseu é realizado em via de terra batida.

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE VISEU**Viseu (PA)**

00°56'44.303"S / 46°10'41.407"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA**Santos - Centro (SANC)****PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA**

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

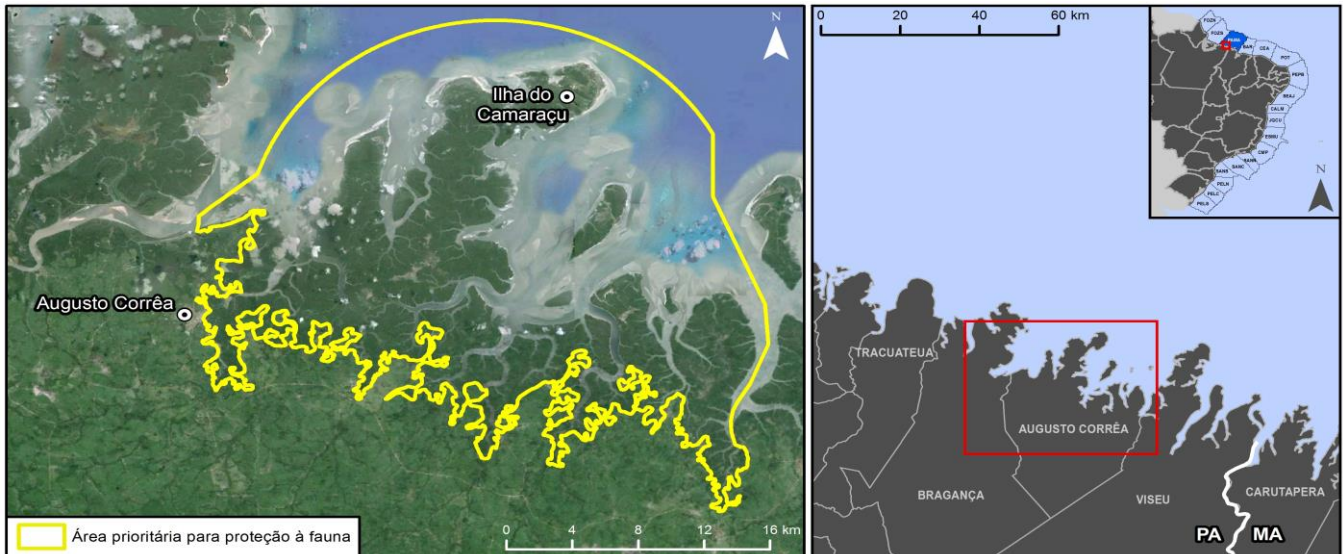
REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO CORRÊA

Augusto Corrêa (PA)

00°52'27.378"S/ 46°25'1.896"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Toda região costeira está protegida pelas Unidade de Conservação Reserva Extrativista Marinha Arai-Peroba e Área de Proteção Ambiental da Costa de Urumajó. Ela abrange o ambiente estuarino e manguezais, incluindo as formações que ocorrem dentro deste bioma, como apicuns, campos salinos, restingas, dunas, praias e ilhas costeiras, com principal destaque para Ilha do Camaraçu.

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves.

Abriga populações importantes de aves migratórias, que usam a região como áreas de descanso e alimentação, como aves limícolas (*Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugnax*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acutiflavus*), aves anseriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius pomarinus*, *Stercorarius parasiticus*).

Especialmente na Ilha do Camaraçu, que concentra grandes populações de aves limícolas (*Calidris pusilla*, *Calidris canutus*, *Limnodromus griseus*) e aves marinhas costeiras (*Leucophaeus atricilla*). Concentra grandes populações de espécies residentes, que se alimentam e nidificam na área, como: aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Phaetusa simplex*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*) e aves anseriformes (*Anas bahamensis*).

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação: Reserva Extrativista Marinha Arai-Peroba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20/05/2005), Área de Proteção Ambiental da Costa de Urumajó (uso sustentável, esfera municipal, Lei 1.352, de 05/08/1998) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é a partir de Belém, seguir para a rodovia federal BR-316 e percorrer um trecho de 160 km, até a cidade de Capanema. Permanecer à direita nesta rodovia e seguir para nordeste em direção à rodovia federal BR-308, passando pela entrada de Capanema, percorrendo 55 km até Bragança. Passando pela entrada de Bragança, seguir por mais aproximadamente 7,5 km na rodovia federal BR-308. A partir deste ponto, seguir na direção norte para a rodovia estadual PA-454 até Augusto Corrêa. Em Augusto Corrêa, seguir rumo norte em direção à região costeira do município de Augusto Corrêa.

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO CORREA

Augusto Corrêa (PA)

00°52'27.378"S / 46°25'1.896"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

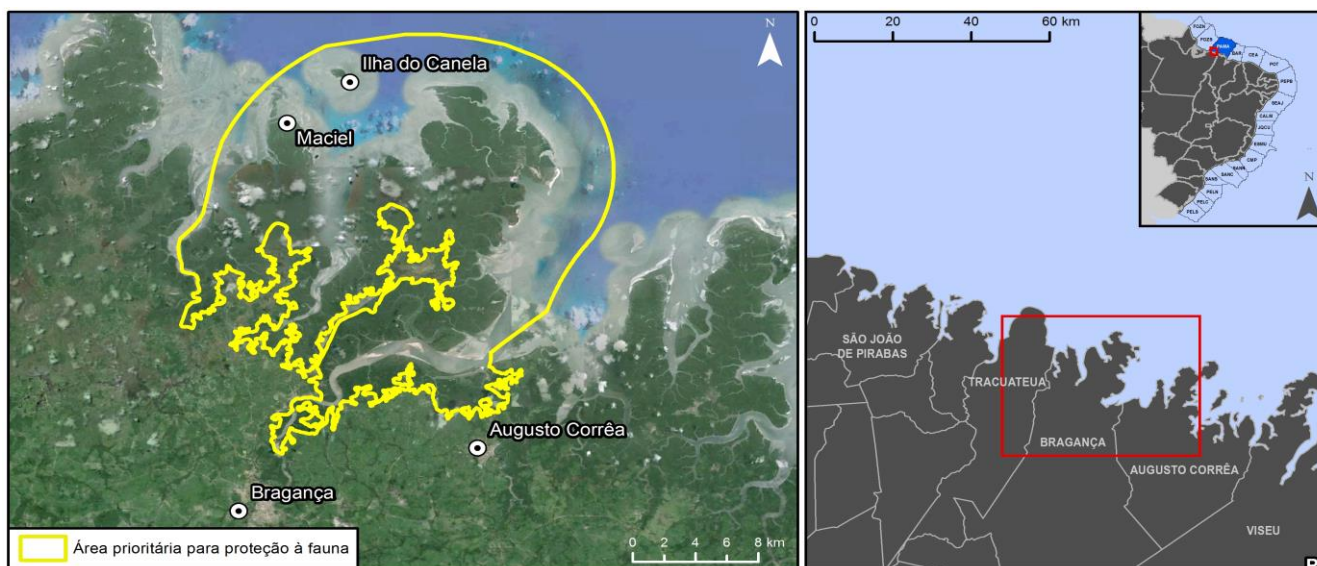
REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA

Bragança (PA)

00°50'6.765"S/ 46°41'41.993"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Toda região costeira está protegida pela Unidade de Conservação Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu. Ela abrange o ambiente estuarino e manguezais, incluindo as formações que ocorrem dentro deste bioma, como apicuns, campos salinos, restingas, dunas, praias e ilhas costeiras (Ajuruteua, Canela e Maciel).

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves.

Abriga populações importantes de aves migratórias, que usam a região como áreas de descanso e alimentação, como aves limícolas (*Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugnax*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acufavidus*), aves anseriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius pomarinus*, *Stercorarius parasiticus*).

Concentra grandes populações de espécies residentes, que se alimentam e nidificam na área, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Phaetusa simplex*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*) e aves anseriformes (*Anas bahamensis*). Destaque para localidade Ilha do Canela (grande concentração de aves limícolas (*Calidris pusilla* e *Charadrius semipalmatus*) e niniais de aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*)) e para localidade do Maciel (abundância de aves marinhas costeiras (*Leucophaeus atricilla*)).

Área de concentração de pequenos cetáceos (boto cinza - *Sotalia guianensis*) e área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de uma unidade de conservação: Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20/05/2005) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso ao município pode ser feito pelas rodovias BR-316 (Belém-Bragança) e PA-242 (esta última transformada em 2009 na BR-308), além de ramais e viciniais que ligam Bragança a municípios vizinhos como Tracuateua e Augusto Córrea.

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA

Bragança (PA)

00°50'6.765"S/ 46°41'41.993"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

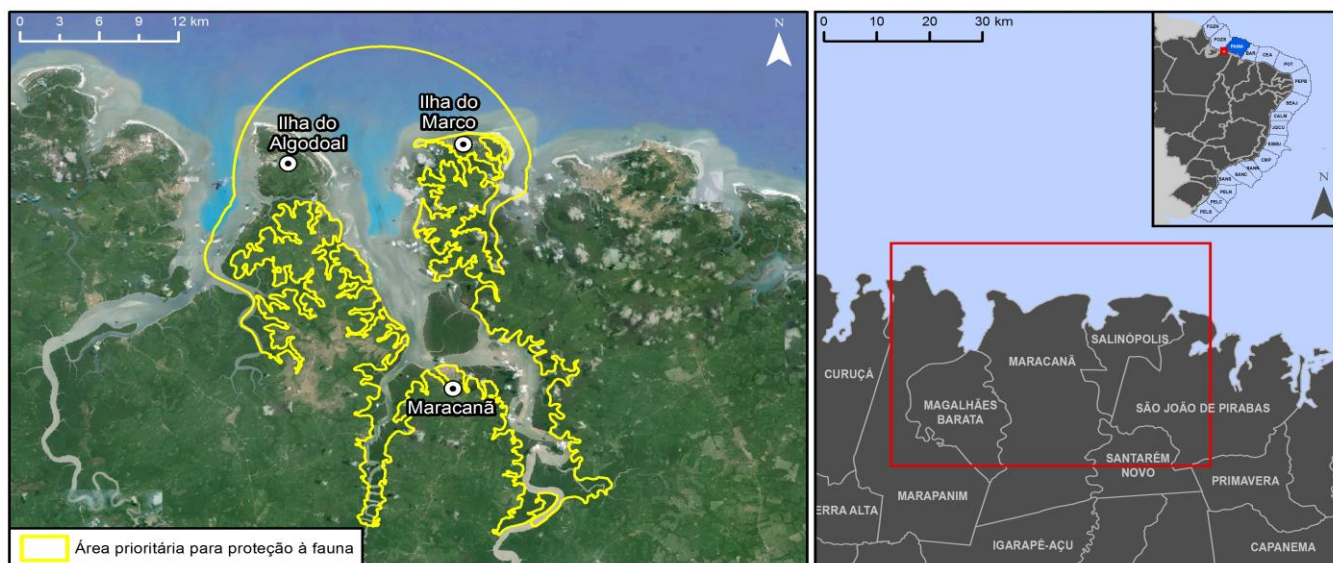
REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE MARACANÃ

Maracanã (PA)

0°35'21,109"S/ 47°28'36,203"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Toda região costeira está protegida pelas Unidade de Conservação Reserva Extrativista Marinha do Maracanã e Área de Proteção Ambiental da Costa de Algodoal-Maiandeua. Ela abrange o ambiente estuarino e manguezais, incluindo as formações que ocorrem dentro deste bioma, como apicuns, campos salinos, restingas, dunas, praias e ilhas costeiras, com principal destaque para Ilha do Algodoal e Ilha do Marco.

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves.

Abriga populações importantes de aves migratórias, que usam a região como áreas de descanso e alimentação, como aves límícolas (*Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugna*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acuflavus*), aves anseriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius pomarinus*, *Stercorarius parasiticus*).

Concentra grandes populações de espécies residentes, que se alimentam e nidificam na área, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves límícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Phaetusa simplex*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*) e aves anseriformes (*Anas bahamensis*). Destaque para localidade Ilha do Canela (grande concentração de aves límícolas (*Calidris pusilla* e *Charadrius semipalmatus*)) e ninhal de aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*) e para localidade do Maciel (abundância de aves marinhas costeiras (*Leucophaeus atricilla*)), além das localidades de Vila do Penha e Praia do Maçarico na margem direita da Baía do Maracanã na Ilha do Marco (concentração de aves límícolas *Calidris pusilla*) e as Praias do Suar Suar e do Maia na margem esquerda da Baía do Maracanã na Ilha do Algodoal (concentração de aves marinhas costerias *Leucophaeus atricilla* e aves límícolas *Limnodromus griseus*).

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação: Reserva Extrativista Marinha do Maracanã (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13/12/2002) e Área de Proteção Ambiental de Algodoal-Maiandeua (uso sustentável, esfera estadual, Lei 5.983, de 25/07/1996), Reserva Extrativista Chocó-Mato Grosso (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13/12/2002) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir de Belém. Seguir pela Rodovia Federal BR-318 por 43 km aproximadamente, depois seguir na direção norte na Rodovia Estadual PA-140 por 15,5 km. Virar à direita na Rodovia Estadual PA-242, percorrendo 26,3 km, seguir na direção norte na rodovia estadual PA-136 por 32,3 km e virar novamente à direita na Rodovia Estadual PA-318 por 66 km até Maruá e, por vias locais. Seguir até o Porto de Maruá localizado na região costeira do município de Maracanã.

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE MARACANÃ

Maracanã (PA)

0°35'21,109"S/ 47°28'36,203"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

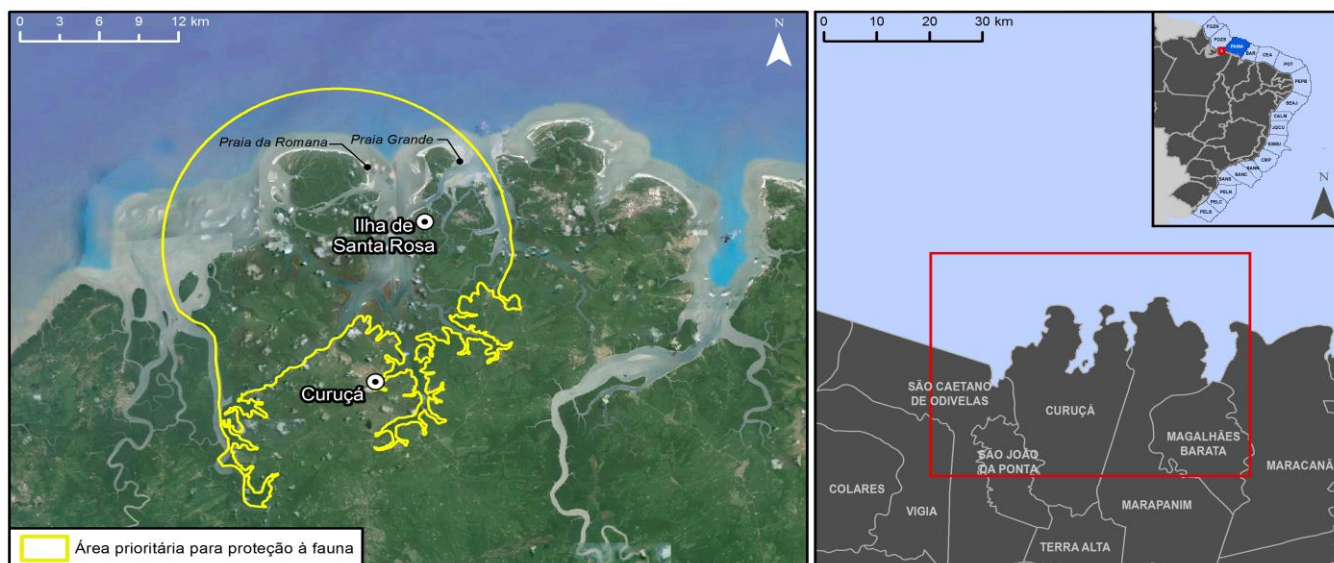
PRAIA GRANDE (ILHA CIPOTEUA), ILHA SANTA ROSA E PRAIA ROMANA (ILHA ROMANA)

Curuçá (PA)

00°33'27,039"S/ 36°36'43,097"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A região está protegida pelas Unidade de Conservação Reserva Extrativista Marinha Mãe Grande de Curuçá. Ela abrange o ambiente estuarino e manguezais, incluindo as formações que ocorrem dentro deste bioma, como apicuns, campos salinos, restingas, dunas, praias e ilhas costeiras.

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Abriga populações importantes de aves migratórias, que usam a região como áreas de descanso e alimentação, como aves límícolas (*Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis dominica*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris himantopus*, *Calidris melanotos*, *Calidris pugnx*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acutiflavidus*), aves anseriformes (*Anas discors*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius pomarinus*, *Stercorarius parasiticus*).

Concentra grandes populações de espécies residentes, que se alimentam e nidificam na área, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaia*, *Ciconia maguari*, *Laterallus jamaicensis*, *Porphyrio flavirostris*, *Rallus longirostris*), aves límícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Phaetusa simplex*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*) e aves anseriformes (*Anas bahamensis*). Área de concentração de aves límícolas *Calidris pusilla* na Praia Grande e na Praia Romana, e de aves aquáticas pernaltas *Eudocimus ruber* na Ilha Santa Rosa.

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de uma unidade de conservação: Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 13/12/2002) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir de Belém. Seguir para a Rodovia Federal BR-316, percorrer um trecho de aproximadamente 45 km e seguir na direção norte pela Rodovia Estadual PA-140 por 75,3 km, até Castanhal. Virar à esquerda na Avenida Maximino Porpino e seguir por 3,7 km. Seguir na direção norte até a Rodovia Estadual PA-136 e por 64,4 km até Curuçá. Seguir rumo norte por 4,4 km até Vila de Abade. O acesso à Praia da Romana, à Ilha Santa Rosa e à Praia Romana é por navegação, a partir do Porto da Vila de Abade, por aproximadamente 1 hora e 40 minutos, dependendo do barco utilizado.

PRAIA GRANDE (ILHA CIPOTEUA), ILHA SANTA ROSA E PRAIA ROMANA (ILHA ROMANA)**Curuçá (PA)**

00°33'27,039"S / 36°36'43,097"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

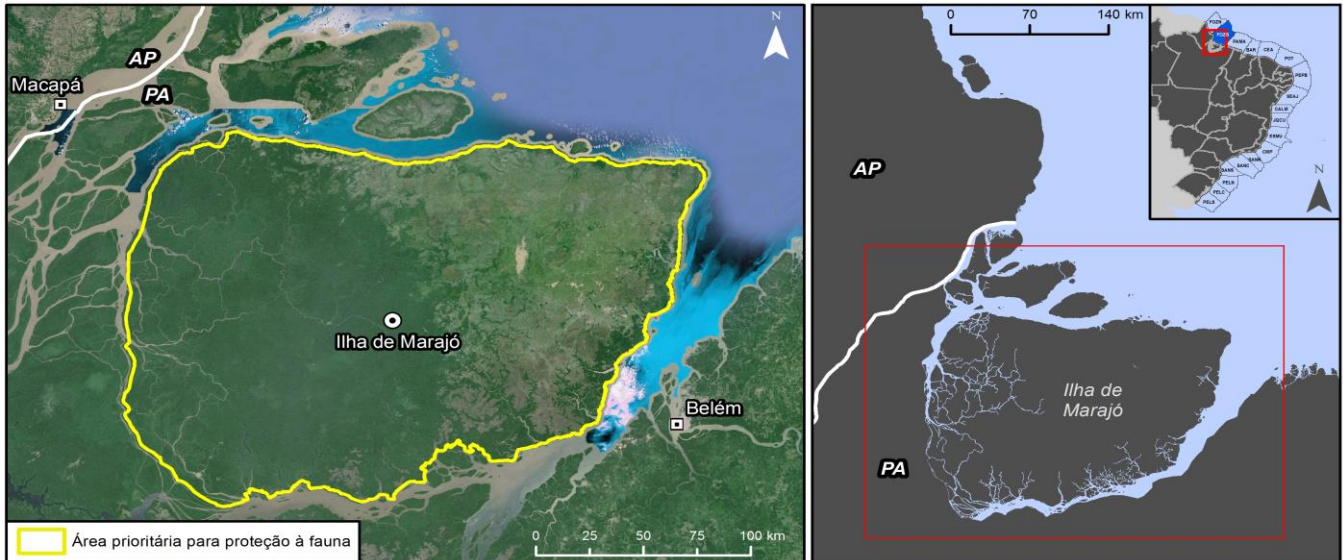
ILHA DE MARAJÓ

Ponta de Pedras, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Soure, Chaves, Santa Cruz do Arari, Anajás, Afuá, Muana, Breves, Curralinho, São Sebastião da Boa Vista (PA)

00°55'26"S/ 49°34'38"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha de Marajó é a maior ilha fluviomárítima do mundo. Sua grande diversidade está principalmente ligada a seu sistema de marés, pelo clima e pelo nível pluviométrico, que formam lagos, lagoas, praias, rios planícies de maré e manguezais, e ajudam a compor os diversos habitats da região. Esta localidade apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves.

Abriga populações importantes de aves migratórias, que usam a região como áreas de descanso e alimentação, como aves marinhas pelágicas (*Thalassarche chlororhynchus*), aves de rapina (*Pandion haliaetus*), aves limícolas (*Calidris alba*, *Calidris minutilla*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa flavipes*, *Tringa melanoleuca*, *Tringa semipalmata*), aves marinhas costeiras (*Sterna hirundo*, *Sterna paradisaea*, *Gelochelidon nilotica*, *Sterna hirundo*, *Sternula antillarum*).

Concentra grandes populações de espécies residentes, que se alimentam e nidificam na área, como aves aquáticas pernaltas (*Leterallus jamaicensis*, *Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Ciconia maguari*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*, *Nyctanassa violacea*, *Pilherodius pileatus*), aves de rapina (*Urubitinga urubitinga*, *Buteogallus aequinoctialis*), aves marinhas costeiras (*Leucophaeus atricilla*, *Rynchops niger*, *Leucophaeus atricilla*, *Phaetusa simplex*, *Sternula superciliaris*), aves aquáticas mergulhadoras (*Chloroceryle inda*, *Chloroceryle aenea*), aves anseriformes (*Cairina moschata*) e aves limícolas (*Charadrius collaris*, *Charadrius semipalmatus*, *Himantopus mexicanus*).

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

Área de concentração, alimentação e reprodução de sirênios (peixe-boi amazônico - *Trichechus inunguis*) e de pequenos cetáceos: boto vermelho (*Inia geoffrensis*), do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) e do tucuxi (*Sotalia fluviatilis*).

Área de ocorrência de espécie endêmica de herpetofauna. Serpente aquática de grande porte (sucuri-pintada, *Eunectes deschauenseei*), listada como dados deficientes pela IUCN.

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de cinco unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental do Arquipélago do Marajó (uso sustentável, esfera estadual, Decreto S/N, de 05/10/1989), Reserva Extrativista Marinha de Soure (uso sustentável, esfera estadual, Decreto S/N, de 22/11/2001), REc Mata Bacurizal e Lago Caraparu (proteção integral, esfera municipal, Lei 109/1987), Reserva Extrativista Mapuá (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 20/05/2005), Reserva Extrativista Terra Grande Pracuúba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 05/06/2006) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ILHA DE MARAJÓ

Ponta de Pedras, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Soure, Chaves, Santa Cruz do Arari, Anajás, Afuá, Muana, Breves, Curralinho, São Sebastião da Boa Vista (PA)

00°55'26"S/ 49°34'38"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Foz do Amazonas - Sul (FOZS)

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal à Ilha de Marajó é feito a partir do trajeto Belém-Salaterra. Este trajeto é feito por barco (Porto de Belém - Porto Camará) ou balsa para veículos (Terminal Icoaraci - Porto Camará).

O município de Salvaterra é um dos pontos principais de entrada para a Ilha de Marajó devido à presença do porto e pela proximidade com Belém.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura. Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

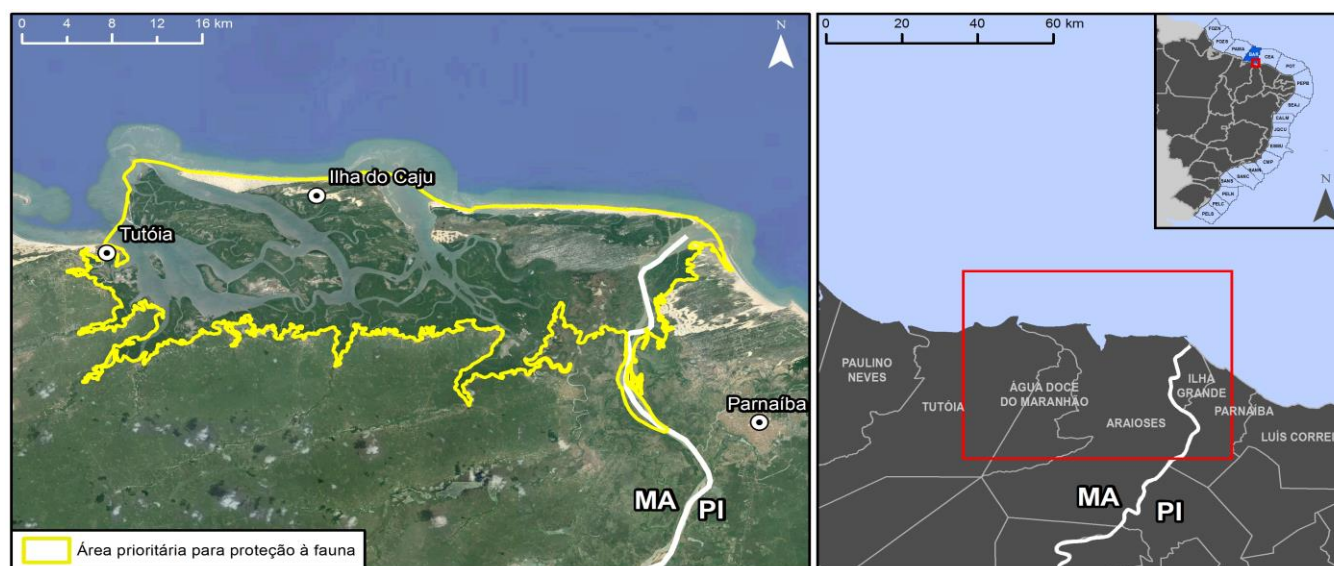
DELTA DO PARNAÍBA ENTRE A BAÍA DE TUTÓIA E O RIO PARNAÍBA

Tutóia, Água Doce do Maranhão, Araiões (MA), Ilha Grande, Parnaíba (PI)

02°41'43.253"S/42°3'40.197"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

O delta é caracterizado por extensos estuários, praias, dunas, foz de rios, manguezais e planícies de maré e pela presença das ilhas da Melancieira, Ilha do Cajueiro, Ilha Grande do Paulino, Ilha do Papagaio, Ilha do Enforcado, Ilha do Igoronhon, Ilha da Caieira, Ilha do Coroatá e Ilha das Pombas (Tutóia/MA), Ilha dos Poldros, Ilha das Canárias e Ilha do Caju (Araiões/MA).

Esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área que abriga grandes populações de aves migratórias, que ali se reúnem para se alimentar e descansar, como aves limícolas (*Arenaria interpres*, *Pluvialis squatarola*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Calidris canutus*, *Pluvialis dominica*, *Limosa lapponica*), aves de rapina (*Pandion haliaetus*), aves marinhas costeiras (*Thalasseus acutiflavus*, *Gelochelidon nilotica*, *Sterna hirundo*, *Sula dactylatra*, *Sternula antillarum*, *Sterna dougallii*) e aves marinhas pelágicas (*Stercorarius pomarinus*). É também uma área muito importante para alimentação e reprodução (incluindo ninhas) de espécies residentes como aves aquáticas pernaltas (*Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*), aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*), aves anseriformes (*Anas bahamensis*), aves limícolas (*Himantopus mexicanus*, *Vanellus cayanus*, *Haematopus palliatus*) e aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Phaetusa simplex*, *Larus dominicanus*, *Thalasseus maximus*, *Sternula superciliaris*, *Leucophaeus atricilla*).

Destaque para a Ilha do Caju (Araiões/MA), com reprodução da espécie de aves aquáticas pernaltas: *Eudocimus ruber* (guará).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de três unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental Foz do Rio Preguiças (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 11.899, de 11 de junho de 1991), Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 28 de agosto de 1996), Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, e 16 de novembro de 2000) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir do município de Parnaíba, seguir pela rodovia estadual PI-210 até o município de Ilha Grande, passar pela ponte e virar à direita na placa de sinalização. Seguir até a Praia Pedra do Sal e, a partir desta, seguir sentido norte pela trilha na faixa de areia da praia até o Delta do Parnaíba.

DELTA DO PARNAÍBA ENTRE A BAÍA DE TUTÓIA E O RIO PARNAÍBA

Tutóia, Água Doce do Maranhão, Araisos (MA), Ilha Grande, Parnaíba (PI)

02°41'43.253"S/42°3'40.197"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt | O'Brien's Brasil, 2015

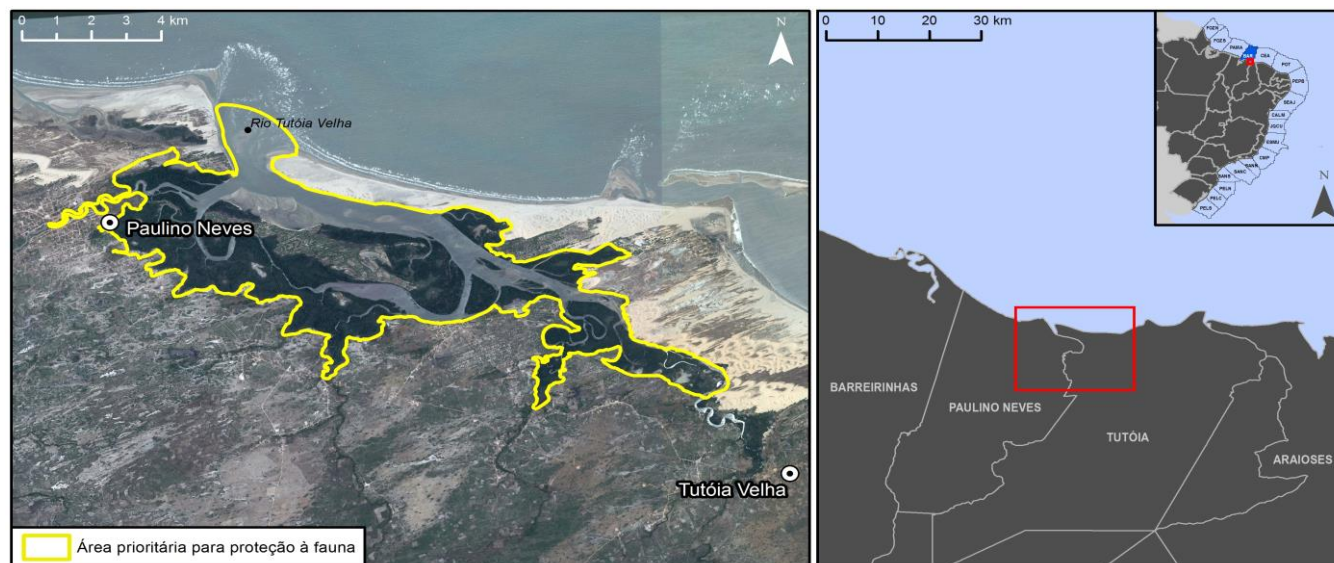
ESTUÁRIO DO RIO TUTÓIA VELHA

Paulino Neves e Tutóia (MA)

02°41'46.48"S/ 42°29'20.80"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Área litorânea com forte dinâmica sedimentar e presença de praia, manguezais, foz do Rio Tutóia Velha com presença de planícies de maré em seu interior.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves migratórias, como aves de rapina (*Pandion haliaetus*) e aves limícolas (*Arenaria interpres*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Charadrius wilsonia*, *Calidris canutus*, *Pluvialis dominica*, *Limosa lapponica*, *Numenius hudsonicus*), que ali se reúnem aos milhares para se alimentar e descansar durante os movimentos migratórios. Além disso, é local de alimentação e de reprodução de muitas espécies residentes e que dependem deste hábitat, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*), aves anseriformes (*Anas bahamensis*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta tricolor*, *Egretta caerulea*, *Nyctanassa violacea*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*), aves limícolas (*Himantopus mexicanus*, *Charadrius semipalmatus*, *Vanellus cayanus*, *Haematopus palliatus*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Phaetusa simplex*, *Thalasseus acufavidus*, *Sternula superciliaris*, *Larus dominicanus*, *Thalasseus maximus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental Foz do Rio Preguiças (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 11.899, de 11 de junho de 1991), Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 28 de agosto de 1996) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir da rodovia federal BR-402, na altura do município de Paulino Neves, seguir até a praça principal e, continuar sentido nordeste pelo caminho entre dunas e restingas até a o estuário do Rio Tutóia Velha.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

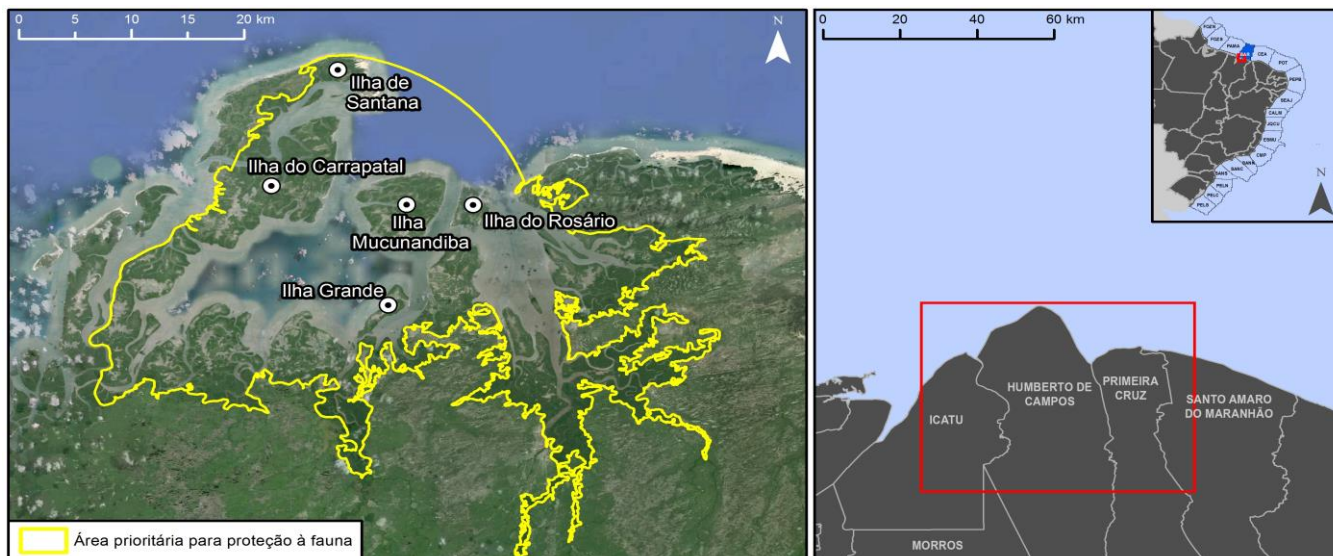
ESTUÁRIOS DA BAÍA DO TUBARÃO

Humberto de Campos, Icatu e Primeira Cruz (MA)

02°27'27.78"S/43°37'40.20"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Área litorânea com forte dinâmica sedimentar e presença da Ilha do Rosário, Ilha Mucunambiba, Ilha Grande, Ilha do Carrapatal, Ilha do Duarte e Ilha de Santana com praias, dunas, baía, manguezais, planícies e foz de rio.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Possui características que resultem em concentração de fauna, incluindo a presença de aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis squatarola*, *Haematopus palliatus*, *Arenaria interpres*, *Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*), aves marinhas costeiras (*Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Phaetusa simplex*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus aculflavidus*), aves aquáticas pernaltas (*Rallus longirostris*, *Eudocimus ruber*).

Área de concentração de sinênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*) e de pequenos cetáceos (boto-cinza - *Sotalia guianensis*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação :Área de Proteção Ambiental Upaon-Açu/Miritiba/Alto Preguiças (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 12.428, de 05 de junho de 1992), Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (uso sustentável, esfera federal, Decreto 86.060, de 02/06/1981) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito pelo o cais do município de Humberto de Campos. O acesso ao cais, é a partir da localidade de São Luís do Maranhão seguir sentido leste pela rodovia federal BR-135 e, em seguida, pela BR-402. Acessar a rodovia estadual MA-110 e em seguida a MA-025. Seguir até o cais do município de Humberto de Campos. A partir desta localidade seguir de barco até os estuários da Baía do Tubarão.

ESTUÁRIOS DA BAÍA DO TUBARÃO

Humberto de Campos, Icatu e Primeira Cruz (MA)

02°27'27.78"S/43°37'40.20"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt | O'Brien's Brasil, 2015

GOLFÃO MARANHENSE

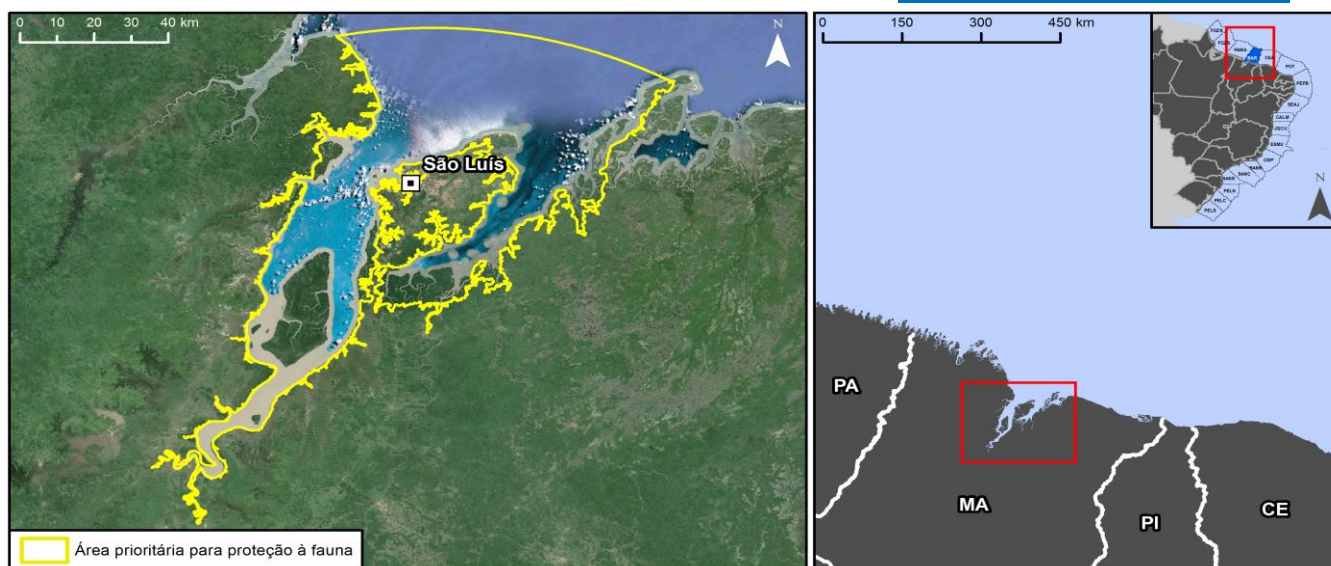
Icatu, Axixá, Rosário, Santa Rita, São João Batista, Bacabeira, Humberto de Campo, São Luís, Cajapió, Bacurituba, Arari, Anajatuba e Alcântara (MA)

02°32'47.91"S/44°25'32.80"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Golfão Maranhense está localizado na porção central do Estado do Maranhão e é constituído pelas baías de São Marcos e São José, que se encontram separadas pela Ilha de São Luís.

Ela é composta pela Ilha do Caranguejo, Ilha Verde e Ilha Seca (Cajapió/MA), Ilha do Cururupu (Raposa), Ilha do Guarapirá, Ilha Irmã de Dentro, Ilha Irmã de Fora, Ilha das Pombinhas e Ilha do Medo (São Luís), Ilha do Cajual e Ilha do Livramento (Alcântara/MA) e no município de São José de Ribamar, presença da Ilha Cotindiba, Ilha Cangatá, Ilha Jurumu Pequena e Ilha Jurumu Grande.

Esta região faz parte de uma zona costeira marcada por estuários, planícies de maré, ilhas e manguezais.

As áreas interiores e da margem norte do Golfão apresentam importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

É uma área que concentra uma grande quantidade de espécies migratórias como aves limícolas (*Charadrius wilsonia*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris alba*, *Calidris melanotos*, *Calidris minutilla*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*), aves marinhas costeiras (*Sterna hirundo*, *Sternula antillarum*, *Larus fuscus*), além de aves residentes que dependem desta área para se alimentar e reproduzir, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*), aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*, *Aramides mangle*, *Rallus longirostris*, *Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*, *Haematopus palliatus*, *Himantopus mexicanus*), aves marinhas costeiras (*Sterna hirundo*, *Sternula superciliaris*, *Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Chlidonias niger*, *Gelochelidon nilotica*, *Thalasseus acutiflavus*, *Thalasseus maximus*, *Sula sula*) e aves marinhas pelágicas (*Calonectris borealis*, *Stercorarius pomarinus*).

Área de concentração de sinênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*) e de pequenos cetáceos (boto-cinza - *Sotalia guianensis*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental Foz do Rio Preguiças (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 11.899, de 11 de junho de 1991), Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 28 de agosto de 1996) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir da rodovia federal BR-402, na altura do município de Paulino Neves, seguir até a praça principal e, continuar sentido nordeste pelo caminho entre dunas e restingas até a o estuário do Rio Tutóia Velha.

GOLFÃO MARANHENSE

Icatu, Axixá, Rosário, Santa Rita, São João Batista, Bacabeira, Humberto de Campo,
São Luís, Cajapió, Bacurituba, Arari, Anajatuba e Alcântara (MA)

02°32'47.91"S/44°25'32.80"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)

Pará-Maranhão (PAMA)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt | O'Brien's Brasil, 2015

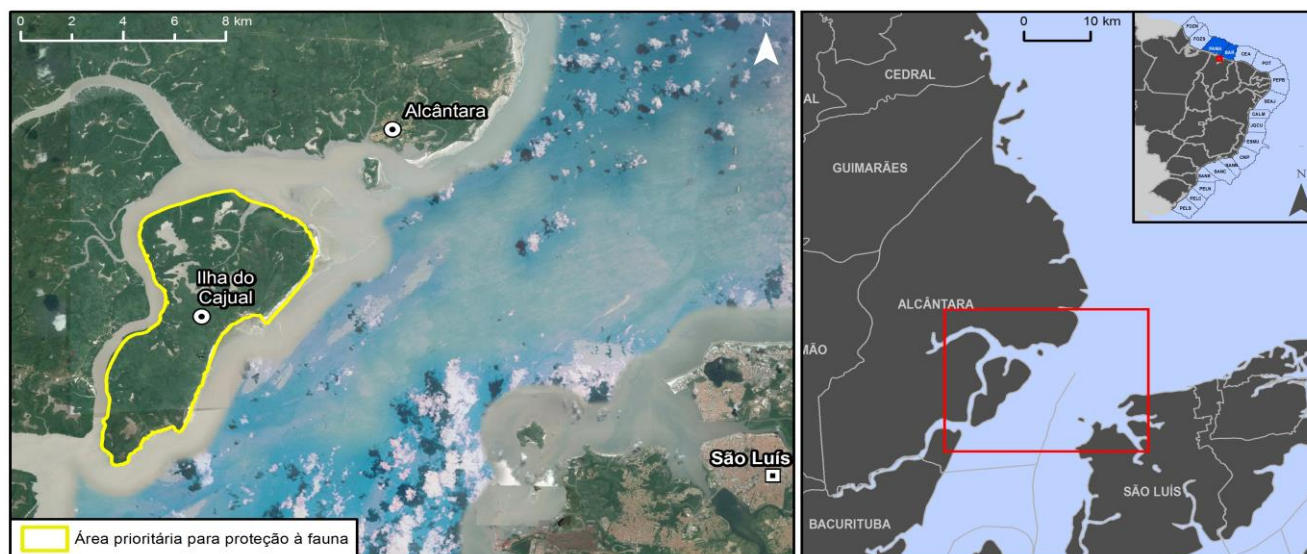
ILHA DO CAJUAL

Alcântara (MA)

02°28'36.48"S/44°28'57.84"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha do Cajual é considerada o maior campo fossilífero do Brasil, tendo na região da Laje do Coringa, o sítio paleontológico de maior expressão da ilha. Os aspectos físicos da Ilha são marcados por colinas arredondadas e de baixas cotas altimétricas, possuindo também pequenas áreas rebaixadas situadas na porção norte da ilha onde predominam os manguezais. A flora da ilha é caracterizada pela presença de floresta de babaçu, matas secundárias (capoeiras), manguezais, restingas e planícies de maré.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de reprodução de aves residentes como aves aquáticas pernaltas (*Eudocimus ruber*, *Cairina moschata*, *Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Aramides mangle*, *Rallus longirostris*), aves limícolas (*Haematopus palliatus*, *Himantopus mexicanus*), aves marinhas costeiras (*Rynchops niger*, *Leucophaeus atricilla*, *Phaetusa simplex*, *Sterna hirundo*, *Sternula antillarum*, *Sternula superciliaris*, *Thalasseus maximus*, *Thalasseus acufavidus*), além de ser uma área relevante para as espécies migratórias como aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*, *Pluvialis squatarola*, *Arenaria interpres*, *Calidris alba*, *Calidris pusilla*, *Limnodromus griseus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*) e aves marinhas pélagicas (*Gelochelidon nilotica*).
Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses (uso sustentável, esfera estadual, Decreto nº 11.901 de 11 de junho de 1991) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso à Ilha do Cajual é feito a partir de São Luis, por barco.

ILHA DO CAJUAL**Alcântara (MA)**

02°28'36.48"S/44°28'57.84"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA**Barreirinhas (BAR)****PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA**

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

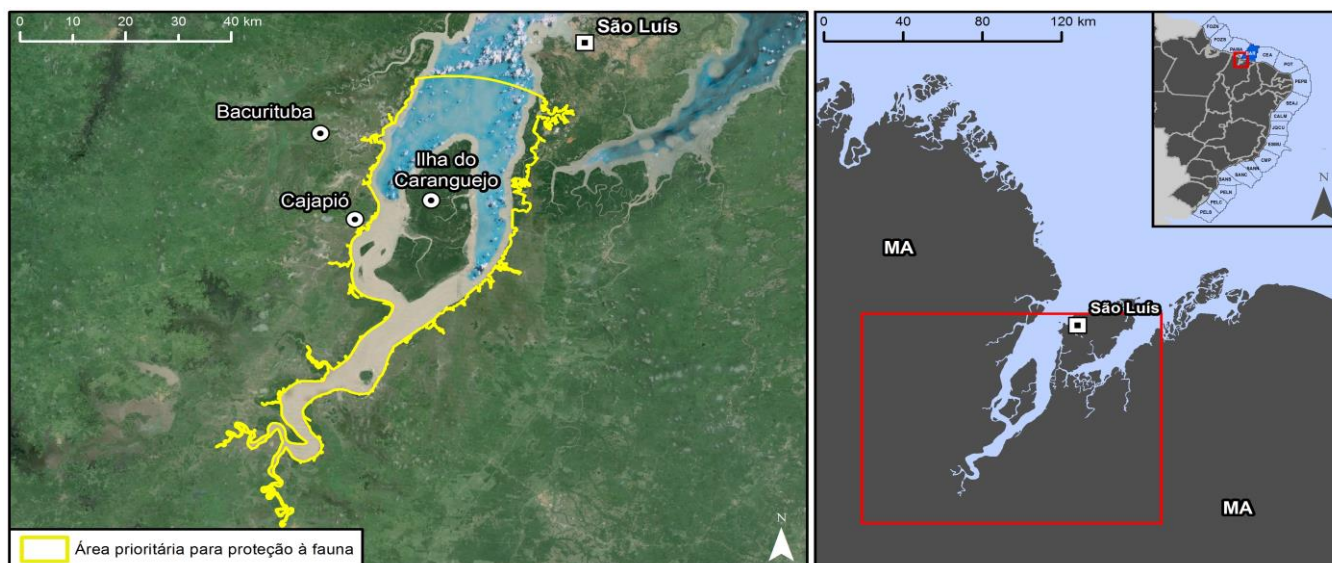
BAIXADA MARANHENSE

Anajatuba, Arari, Bacabeira, Cajapió, Bacurituba, Santa Rita, São João Batista, São Luís e Viana (MA)

02°53'7.446"S/44°32'9.7771"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Barreirinhas (BAR)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Baixada Maranhense se localiza nas Zonas Costeira e Marinha, Amazônia, Cerrado, Caatinga. Sua área abrange 2045444 hectares.

Ela é composta pela Ilha do Caranguejo, Ilha Verde e Ilha Seca (Cajapió/MA).

Ela é caracterizada por manguezais, campos inundáveis, marismas, praias arenosas, várzeas, dunas móveis, paleodunas, estuários, berçários, nascentes.

É considerada uma região de alta concentração de aves migratórias (parada e inverno), reprodução de ciconiformes, tartarugas marinhas (espécie ameaçadas), espécies raras, importante concentração de mamíferos, répteis, aves, área de desova de quelônio, área de reprodução, berçário de peixe-boi, ocorrência e alimentação de *Sotalia guianensis*.

Esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves, com destaque para a espécie de ave limícola (*Calidris canutus* - maçarico-de-papo-vermelho), encontrada no extremo norte da Ilha do Caranguejo (Cajapió/MA), em um local conhecido como "Ponta da Ilha". Na área também ocorre elevada concentração da ave limícola *Calidris pusill*, talvez a maior em território nacional.

Área de endemismo do anfíbio da espécie sapo-guarda (*Elachistocleis bumbameuboi*) e área de reprodução da espécie endêmica Jurará (*Trachemys adiutrix*).

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baixada Maranhense (uso sustentável, esfera estadual, Decreto nº 11.900 de 11 de junho de 1991) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso principal é feito a partir do Terminal Hidroviário de São Luís, localizado na Praia Grande, seguir até o município de Bacurituba pelo Porto do Baltazar, a 6 km de distância deste município até a Baixada Maranhense.

BAIXADA MARANHENSE**Anajatuba, Arari, Bacabeira, Cajapió, Bacurituba, Santa Rita, São João****Batista, São Luís e Viana (MA)**

02°53'7.446"S/44°32'9.7771"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA**Barreirinhas (BAR)****PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA**

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

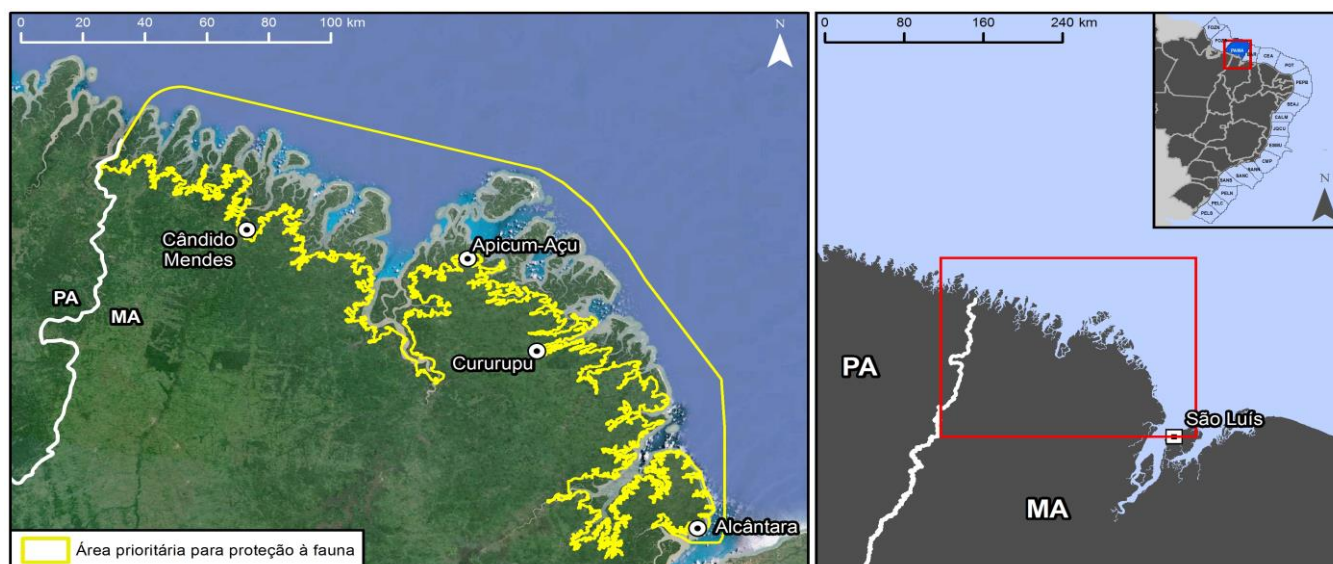
REENTRÂNCIAS MARANHENSES

Carutapera, Luís Domingues, Godofredo Viana, Cândido Mendes, Turiapu, Turilândia, Bacuri, Serrano do Maranhão, Apicum-Açu, Cururupu, Mirinzal, Porto Rico do Maranhão, Cedral, Guimarães, Bequimão, Alcântara (MA)

01°22'52.904"S/45°17'52.838"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

As Reentrâncias Maranhenses se localizam nas Zonas Costeira, Marinha e Amazônia.

São compostas pelas ilhas: Ilha Irmãos ou Taucunde, Ilha Sapecá, Ilha Cantagalo e Ilha São Joãozinho (Carutapera/MA), Ilha Boa Vista do São João (Luís Domingues/MA), Ilha Maracaçumé e Ilha do Tralhoto (Godofredo Viana/MA), Ilha do Andrade, Ilha Trauíra e Ilha do Apeuzinho (Cândido Mendes/MA), Ilha Bicuaú, Ilha Sapituirá, Ilha Mangunça, Ilha Tucunzal, Ilha de São João Mirim, Ilha Caçacueira, Ilha de Guajerutiua, Ilha de Valha-me-Deus, Ilha do Carrapato (Porto Alegre), Ilha dos Lençóis, Ilha Mirinzal, Ilha do Porto do Meio, Ilha Maiaú, Ilha de Urumaru, Ilha do Guará, Ilha do Aracajá e Ilha Pitiu (Cururupu/MA), Ilha do Machado e Ilha Mansinha (Apicum-Açu/MA), Ilha de Japariquera e Ilha do Inglês (Bacuri/MA), Ilha do Atim (Turiapu/MA), Ilha Suaçuitá (ou Saçoitá) e Ilha Bacanga (Porto Rico do Maranhão/MA), Ilha Boa Vista (Cedral/MA), Ilha do Cajual e Ilha do Livramento (Alcântara/MA).

As Reentrâncias são caracterizadas por praias, dunas, foz de rios, manguezais e planícies de maré.

Esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves migratórias como aves limícolas (*Charadrius wilsonia*, *Pluvialis squatarola*, *Haematopus palliatus*, *Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Limosa fedoa*, *Calidris pusilla*, *Calidris minutilla*, *Limosa lapponica*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Sternula antillarum*, *Thalasseus acufavidus*), bem como muitas espécies residentes, que dependem desta área para se alimentar e reproduzir contando, inclusive, como ninhas. Espécies de interesse incluem aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Pilherodius pileatus*, *Eudocimus ruber*, *Platalea ajaja*, *Botaurus pinnatus*, *Ciconia maguari*, *Rallus longirostris*, *Aramides mangle*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*), aves marinhas costeiras (*Rynchops niger*, *Sternula superciliaris*, *Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Sterna hirundo*, *Thalasseus maximus*) e aves anseriformes (*Cairina moschata*).

Área de ocorrência de pequenos cetáceos (golfinhos) e sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatu*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de três unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses (uso sustentável, esfera estadual, Decreto nº 11.901 de 11 de junho de 1991) e Reserva Extrativista de Cururupu (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 02 de junho de 2004) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso ao extremo leste das Reentrâncias Maranhenses é feito pela Praia de Itatinga (Alcântara/MA):

A partir da rodovia estadual MA-106, na altura do município de Alcântara, seguir pela Avenida da Baronesa até a antiga Praia da Baronesa (atualmente é um manguezal). Seguir até o cais, a partir desta localidade seguir de barco até a praia.

REENTRÂNCIAS MARANHENSES

Carutapera, Luís Domingues, Godofredo Viana, Cândido Mendes, Turiaçu,
Turilândia, Bacuri, Serrano do Maranhão, Apicum-Açu, Cururupu, Mirinzal, Porto
Rico do Maranhão, Cedral, Guimarães, Bequimão, Alcântara (MA)

01°22'52.904"S/45°17'52.838"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios e pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

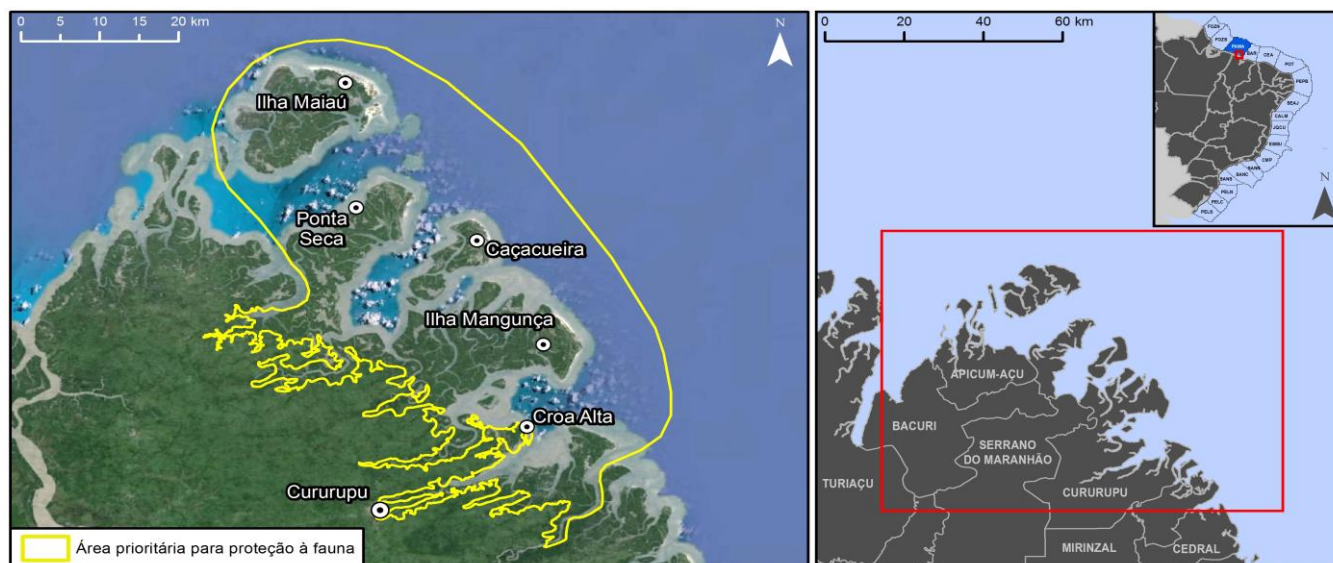
Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE CURURUPU Apicum-Açu, Bacuri, Cururupu e Serrano do Maranhão (MA)

01°27'40.51"S/44°45'55.296"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pará-Maranhão (PAMA)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Toda região costeira está protegida pela Unidade de Conservação Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses / Reserva Extrativista de Cururupu. Ela abrange o ambiente estuarino e manguezais, incluindo as formações que ocorrem dentro deste bioma, como apicuns, campos salinos, restingas, dunas, praias e ilhas costeiras.

A localidade está inserida nas Reentrâncias Maranhenses/Paraenses, esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA) e de zonas úmidas - RAMSAR.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Área de elevada concentração de aves migratórias, com maior concentração das espécies em praias arenosas, incluindo aves limícolas (*Pluvialis squatarola*, *Haematopus palliatus*, *Calidris alba*, *Calidris canutus*, *Numenius hudsonicus*, *Tringa semipalmata*, *Limosa fedoa*, *Calidris pusilla*, *Calidris minutilla*, *Limosa lapponica*), aves marinhas costeiras (*Gelochelidon nilotica*, *Thalasseus acutiflavus*). Áreas com concentração de aves limícolas: Destaque para Croa Alta (*Calidris pusilla*, *Pluvialis squatarola*, *Numenius phaeopus* e *Tringa semipalmata*), Ilha de São Lucas (*Calidris pusilla* e *Limnodromus griseus*), Ponta do Muricitiua, localizada ao oeste da Ilha Caçacueira (*Limnodromus griseus* e *Calidris pusilla*), Ilha Manguça (*Calidris pusilla*), Ponta da Croa (*Calidris pusilla* e *Numenius phaeopus*) e Ponta Seca (*Limnodromus griseus*).

Área de alimentação e de reprodução de muitas espécies residentes e que dependem deste habitat, como aves de rapina (*Buteogallus aequinoctialis*, *Urubitinga urubitinga*), aves aquáticas pernaltas (*Egretta caerulea*, *Egretta tricolor*, *Nyctanassa violacea*, *Eudocimus ruber*, *Pilherodius pileatus*, *Platalea ajaja*, *Botaurus pinnatus*, *Ciconia maguari*, *Rallus longirostris*, *Aramides mangle*), aves limícolas (*Charadrius semipalmatus*, *Charadrius wilsonia*), aves marinhas costeiras (*Rynchops niger*, *Sternula superciliaris*, *Chroicocephalus cirrocephalus*, *Leucophaeus atricilla*, *Sterna hirundo*, *Thalasseus maximus*, *Sternula antillarum*) e aves anseriformes (*Cairina moschata*).

Área de ocorrência de sirênios (peixe-boi marinho - *Trichechus manatus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção de duas unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses (uso sustentável, esfera estadual, Decreto nº 11.901 de 11 de junho de 1991) e Reserva Extrativista de Cururupu (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N, de 02 de junho de 2004) e RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso ao município de Cururupu é feito a partir da Rodovia Federal BR-308 e Rodovia Estadual MA-006.

REGIÃO COSTEIRA DO MUNICÍPIO DE CURURUPU
Apicum-Acu, Bacuri, Cururupu e Serrano do Maranhão (MA)

01°27'40.51"S/44°45'55.296"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA**Pará-Maranhão (PAMA)****PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA**

A locomoção dentro de manguezais deve ser feita por meio de embarcações de pequeno porte, devendo evitar o desembarque, pois o pisoteio agrava o processo de penetração do óleo no sedimento.

Para os casos em que o desembarque seja necessário, é indispensável o uso de equipamentos de proteção individual, como medida de redução dos riscos de lesão em decorrência de escorregões e tropeços nas raízes e no substrato lamoso, ou do contato com animais.

É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.

Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.

Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de ocorrência de sirênios de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum indivíduo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2015

Apêndice A (Módulo III)

Formulário SCAT - Shoreline Coast Assessment Tecniqúe


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

8. Comentários gerais

Utilize o espaço acima conforme necessário para realizar comentários sobre o local avaliado que não tenham sido contemplados pela primeira parte do formulário. Se não há outros comentários, escreva "NENHUM COMENTÁRIO". Comentários podem contemplar:

- sensibilidade reais ou potenciais observadas ou sabidamente existentes na área, incluindo aspectos recreativos, ecológicos, culturais, comerciais ou outros sócio-econômicos;
- qualquer observação relevante quanto à fauna, particularmente animais mortos;
- estimativas de volume de óleo no interior do segmento, baseado nas observações de campo realizadas;
- informações sobre tempestades ou mau tempo que tenham depositado o óleo acima da linha de preamar;
- recomendações de limpeza ou outros tratamentos – estes podem incluir uma descrição da técnica recomendada, tipo e quantidade de equipamentos/recursos necessários e quaisquer restrições operacionais;
- recomendações sobre as metas finais de limpeza para interrupção das atividades (end points)

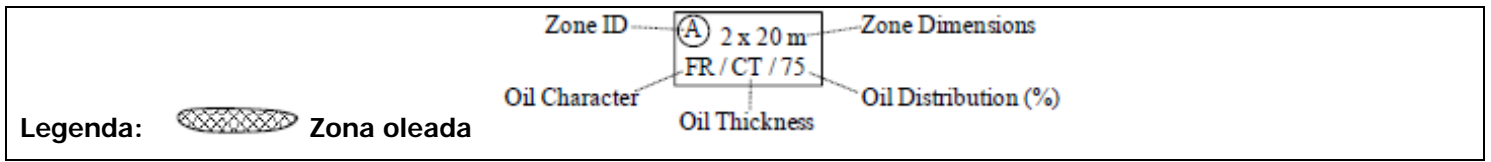
9. Croquí

Segmento:

Data:

Checklist:

	Indicação de norte		Escala		Caracterização do óleo		Características locais
	Zonas oleadas		Limites do segmento		Espessura do óleo		Localização de poços
	Comprimento e largura		Tipo de litoral/ambiente		% Cobertura		Localização de fotos



Apêndice D (Módulo II)

Lista de Referência de Materiais e Equipamentos para Resposta à Fauna


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

APÊNDICE D

I – Lista de Referência de Materiais e Equipamentos para Resposta a Fauna

A listagem abaixo serve como referência para a estruturação para as instalações de fauna. A composição e quantidades podem ser alteradas em função das especificidades, substituição de itens por outros de uso semelhante, ou decisão da equipe especializada.

Tabela I-1 – Equipamentos de Captura e Transporte de Fauna

Item	Quantidade
Caixas de papelão desmontáveis	20
Puçás	10
Caixa de transporte pequena, média e grande	5 de cada tamanho
Macas para cetáceos	1
Redes para captura de mamíferos	1
Colchonetes	2
Colchão ou espuma	1
Toalhas de rosto e de corpo	5 de cada tamanho
Cobertores de lã	5
Jogos de lençóis cor clara	10

Tabela I-2 – Estrutura

Item	Quantidade
Mesas plásticas	4
Cadeiras plásticas	10
Tendas Gazebos	6
Kit de ferramentas	1
Cesto de lixo	2
Caixas de água	5
Piscinas	5
Pano de camarão	1 rolo
Bomba moto aspirante	1
Refletores para lâmpadas	5
Lâmpadas IV	5
Liquidificador industrial	2
Kit teste níveis cloro e pH	1

Tabela I-3 – Material de consumo para o tratamento dos animais

Item	Quantidade
Carvão ativado	1 frasco
Flotril 2,5%	4 frascos
Drontal plus	5 caixas
Baytril 10%	4 frascos
Antitoxil	4 frascos
Neofenicol 4mg/ml (oftálmico)	4 frascos
Mercepton	2 frascos
Potenay	5 frascos
Azium	2 frascos
Furacin	2 frascos
KY (gel lubrificante)	2 bisnagas
Zoletil 50-pó+5ml de diluente	2 caixas
Francotar	1 frascos
Anestésico Pearson (lidocaína)	1 frasco
Lidoston	2 frascos
Yplex	2 ampolas
Cloridrato de tiamina	10 caixas
Solução fisiológica NaCl 0,9% estéril	10 frascos
Soro fisiológico	20 frascos
Polijet® soro energético	10 frascos
Solução de glicose 10%	5 frascos
Equipo	
Água oxigenada (10 vol.)	1 garrafa
Álcool 70%	1 garrafa
Iodo1% tópico(Iodopovidine)	1 garrafa
1 litro de Iodo 2%.	1 garrafa
1 litro de óleo mineral	1 garrafa
Formaldeído	1 garrafa
Solução de Clorexidina 20%	1 garrafa
Rolo de bandagem elástica	5 rolos
Algodão hidrófilo	2 rolos
Gaze	50 pacotes
Esparadrapo	2 rolos
Cotonetes	1 caixa

Tabela I-5 – Listagem de material e equipamentos para despetrolização de fauna

Item	Quantidade
Bacias plásticas	10 unidades por tamanho
Baldes	10 unidades
Escovas de dentes	20 unidades
Secadores pet	2 unidades
Detergente	20 litros
Jarras medidoras	10 unidades
Luvas PVC	5 unidades por tamanho
Water-pik®	2 unidades

Tabela I-6 – Listagem de EPIs

Item	Quantidade
Luvas nitrílicas	1 caixa de cada tamanho
Tayvek	50 unidades
Luvas de couro	20 pares
Luvas de pano	20 pares
Óculos de proteção	50 unidades
Botas de PVC	2 pares por tamanho
Máscaras descartáveis	1 caixa

Módulo IV

Procedimentos Genéricos para a Resposta em Áreas Sensíveis


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

MÓDULO IV – PROCEDIMENTOS GENÉRICOS PARA A RESPOSTA EM ÁREAS SENSÍVEIS

Neste módulo são apresentadas fichas com os procedimentos genéricos para proteção e limpeza dos ambientes sensíveis identificados na área de abrangência.

Segue apresentada a lista de ambientes sensíveis identificados:

- Manguezais
- Praias Arenosas
- Planícies de maré
 - Planícies de maré abrigadas;
 - Planícies de maré expostas.
- Marismas

IV. PROCEDIMENTOS DE PROTEÇÃO E LIMPEZA DE ÁREAS ATINGIDAS

A seguir são apresentados os procedimentos específicos para proteção e limpeza das áreas atingidas.

IV.1. MANGUEZAL

IV.1.1. Premissas

- Manguezais são altamente sensíveis ao óleo e as ações de combate deverão priorizar a proteção do bosque do contato com o óleo;
- Ventos e marés transportam óleo derramado na direção dos manguezais, onde o óleo recobre a superfície do solo, raízes aéreas e propágulos;
- Atividades de limpeza em manguezais resultam em riscos de danos adicionais relevantes, devido ao tráfego de pessoas e equipamentos, possivelmente mais impactantes que o próprio óleo; e
- A dispersão do óleo em alto mar pode prevenir ou reduzir impactos em manguezais.

IV.1.2. Procedimentos para proteção de manguezais

As ações de proteção de manguezais envolvem prioritariamente as ações de contenção e recolhimento de óleo em alto mar. Nos casos em que as condições meteoceanográficas não permitam as operações de contenção e recolhimento, a dispersão mecânica deve ser utilizada em alto mar.

Simultaneamente às ações em alto mar, ações de isolamento devem ser conduzidas nas áreas adjacentes, ao longo da franja externa, nas entradas de canais e meandros dos bosques, com a instalação de barreiras de contenção e absorventes utilizando-se recursos do CDA e força de trabalho sob comando dos líderes das FT. Estas equipes realizam o recolhimento do óleo contido, efetuando a remoção ou reposicionamento das barreiras, de acordo com as condições de maré.

IV.1.3. Procedimentos de limpeza

São poucas as técnicas de limpeza disponíveis para áreas de manguezal atingidas por óleo. As atividades de limpeza nesse ambiente resultam em alto risco de danos adicionais relevantes. Por essa razão, a limpeza natural do bosque é o procedimento mais indicado¹.

Entretanto outras técnicas poderão ser consideradas e utilizadas em concordância com o Órgão Ambiental responsável, devendo ser avaliado caso a caso:

- Utilização de materiais absorventes;
- Bombeamento a vácuo para remoção do óleo na superfície dos corpos d'água contíguos ao bosque de mangue.

IV.1.4. Procedimentos Operacionais

Os procedimentos operacionais apresentados a seguir têm por objetivo indicar as principais ações de resposta para proteção desenvolvidas pelas Equipes da Divisão de Controle de Impacto Costeiro e pela força de trabalho contratada, a partir de seu acionamento.

Tabela IV.1.4-1 - Procedimento para Ação de Resposta para Proteção de Manguezais: Proteção da Área Vulnerável

PROCEDIMENTO PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PROTEÇÃO DE MANGUEZAIS
1. Proteção da Área Vulnerável
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
1) Verificar se o óleo vazado tem possibilidade de toque na costa;
2) Se houver possibilidade do óleo vazado tocar a costa, acionar o CDA mais próximo;
3) Verificar as condições meteoceanográficas e as condições do óleo sobrenadante e repassar as informações para os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;
4) Em conjunto com os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis, definir pontos de lançamento de barreiras de contenção e absorventes para a proteção da área vulnerável;
5) Avaliar, em decisão conjunta com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais e Órgão Ambiental, a possibilidade de adoção de áreas de recolhimento de óleo.

(continua)

¹ CETESB, "Ambientes Costeiros Contaminados por Óleo – Procedimentos de Limpeza", 2006.

Tabela IV.1.4-1 - Procedimento para Ação de Resposta para Proteção de Manguezais: Proteção da Área Vulnerável (conclusão)

PROCEDIMENTO PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PROTEÇÃO DE MANGUEZAIS
1. Proteção da Área Vulnerável
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Líder da FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis
<ol style="list-style-type: none">1) Mobilizar as equipes da FT;2) Fornecer EPI adequados para os membros da equipe;3) Realizar <i>briefing</i> de segurança com todo o pessoal envolvido;4) Manter as equipes informadas sobre as condições de maré, a intensidade dos ventos e as condições do óleo sobrenadante;5) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir pontos de lançamento de barreiras de contenção e absorventes para a proteção da área vulnerável;6) Orientar as equipes para as técnicas e equipamentos necessários ao correto lançamento de barreiras de contenção e absorção, observando o posicionamento das manchas de óleo e as condições meteoceanográficas;7) Orientar as equipes a manobrar as embarcações visando concentrar as manchas e, na sequência, aplicar sobre estas manchas recursos para o seu recolhimento ou barreiras / mantas de absorção;8) Determinar a suspensão das ações de proteção em função de condições meteorológicas desfavoráveis ou outras que possam comprometer a segurança do pessoal envolvido, orientando a adoção de estratégias alternativas;9) Solicitar recursos adicionais ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, quando necessários;10) Avaliar a eficiência das ações para definição da manutenção da estratégia e técnicas empregadas e reportar ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro; e11) Verificar se as barreiras de proteção e barreiras / mantas de absorção são recolhidas adequadamente ao final do procedimento.
Equipes FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis
<ol style="list-style-type: none">1) Executar as técnicas de proteção seguindo as instruções do Líder da FT;2) Utilizar conjuntamente, barreiras de contenção e barreiras de absorção, caso apareçam manchas fragmentadas;3) Solicitar recursos adicionais ao Líder da FT, se necessário;4) Manter contato com o Líder da FT, informando-o e atualizando-o sobre o andamento das operações; e5) Recolher as barreiras de proteção e barreiras / mantas absorventes de acordo com as instruções do Líder da FT.

Tabela IV.1.4-2 - Procedimento para Ação de Resposta para Proteção de Manguezais: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas

PROCEDIMENTO PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PROTEÇÃO DE MANGUEZAIS
2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
<ol style="list-style-type: none">1) Solicitar autorização e participação de representante do Órgão Ambiental para realizar avaliação da área atingida;2) Deslocar-se, juntamente com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas e com o representante do Órgão Ambiental responsável, até o local atingido para avaliação e reconhecimento da área impactada, com objetivo de definir as estratégias de limpeza;3) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as zonas de emergência, quente, morna e fria;4) Definir e nomear em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as áreas atingidas;5) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;6) Solicitar recursos materiais e equipes adicionais, quando necessário;7) Manter contato com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas, avaliando e adequando a estratégia e as técnicas adotadas;8) Solicitar o isolamento das áreas atingidas;9) Definir com o Órgão Ambiental os pontos de monitoramento e os parâmetros a serem monitorados, durante e após as ações de proteção e limpeza das áreas atingidas;10) Realizar inspeções na região impactada para identificar, em função da magnitude da emergência, se há fauna atingida pelo produto vazado, mantendo o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais informado.
Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas
<ol style="list-style-type: none">1) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro e Órgão Ambiental, avaliar o ambiente e auxiliar na determinação das técnicas mais adequadas de limpeza e monitoramento, considerando aspectos de sensibilidade, presença de recursos biológicos e interesse socioeconômico;2) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as zonas de emergência, quente, morna e fria;3) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir e nomear as áreas atingidas;4) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;5) Definir as rotas de acesso às áreas atingidas, de modo a minimizar o impacto ao meio ambiente;6) Fornecer EPI para a equipe;7) Realizar <i>briefing</i> de segurança com todo o pessoal envolvido;8) Orientar as equipes para evitar a entrada nas áreas dos manguezais atingidas pelo óleo;9) Orientar as equipes a aplicar as técnicas de contenção e remoção do óleo nas áreas adjacentes ao manguezal, e no interior dos canais e braços de rios;

(continua)

Técnico Responsável

Tabela IV.1.4-2 - Procedimento para Ação de Resposta para Proteção de Manguezais: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas (conclusão)

PROCEDIMENTO PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PROTEÇÃO DE MANGUEZAIS
2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas
<p>10) Orientar as equipes a utilizar materiais absorventes em poças contaminadas com óleo represado e sem circulação;</p> <p>11) Garantir que as ações de limpeza sejam eficientes e rápidas, tomando sempre o cuidado de minimizar a agressão ao meio ambiente;</p> <p>12) Definir o local, dentro da zona morna de emergência, para montagem do corredor de descontaminação;</p> <p>13) Orientar as equipes para que seja removido somente óleo ou material contaminado;</p> <p>14) Definir as áreas de armazenamento temporário, utilizando, por exemplo, fitas zebradas, cones ou cavaletes;</p> <p>15) Coordenar a coleta do material contaminado e o armazenamento temporário, com controle da chegada / saída de resíduos;</p> <p>16) Solicitar transferência do material contaminado para posterior destinação final;</p> <p>17) Se necessário, solicitar recursos materiais e novas equipes junto ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro.</p> <p>Equipes da FT de Limpeza de Áreas Impactadas</p> <p>1) Seguir as orientações do Líder da FT quanto à área a ser limpa e equipamentos a serem utilizados;</p> <p>2) Remover o mínimo de material sem contaminação;</p> <p>3) Utilizar mantas absorventes para limpar os equipamentos utilizados no processo de limpeza e acondicioná-las junto ao material contaminado recolhido;</p> <p>4) Ao final de cada dia de trabalho recolher todo resíduo coletado e destinar para área de armazenamento de resíduo;</p> <p>5) Utilizar o corredor de descontaminação, para limpar ou descartar seu EPI.</p>

IV.2. PRAIAS

IV.2.1. Premissas^{2,3}

- Os procedimentos se aplicam para praias classificadas como ISL3 a 6, variando de praias arenosas a praias de cascalho, passando por praias de areia média e mistas. As praias de areia são extremamente importantes economicamente, no que diz respeito ao turismo e lazer; e
- Algumas praias arenosas, após avaliação e aprovação pelo Órgão Ambiental e autoridades locais, poderão ser consideradas áreas de recolhimento de óleo, quando esta prática não representar risco a comunidades ameaçadas.

IV.2.2. Procedimentos para Proteção de Praias

As ações de proteção de praias envolvem prioritariamente as ações de contenção e recolhimento de óleo em alto mar. Nos casos em que as condições meteoceanográficas não permitam as operações de contenção e recolhimento, a dispersão mecânica deve ser utilizada como recurso adicional em alto mar.

Adicionalmente às ações em alto mar, barreiras de contenção e materiais absorventes podem ser instaladas para proteger praias de pequena extensão e feições sensíveis presentes na praia, tais como entradas de canais e rios, costões rochosos e outros locais com concentração de fauna.

Outra ação de proteção possível é a instalação de barreiras de contenção com o objetivo de defletir o deslocamento do óleo para um local menos sensível, com o objetivo de restringir as áreas contaminadas e facilitar a remoção de óleo pelo aumento da sua concentração.

² Análise de Vulnerabilidade

³ <http://www.tamar.org.br>, último acesso em 15/01/08.

IV.2.3. Procedimentos para Limpeza de Praias

Uma vez que praias de areia são extremamente importantes, no que diz respeito preservação dos locais de desova de tartarugas, será assegurada a limpeza deste ambiente da forma rápida, utilizando mão de obra e recursos intensivos, evitando-se, entretanto a utilização de maquinaria pesada e a circulação de veículos nas regiões entre marés. Serão priorizados métodos de limpeza manual, com ferramentas leves, como pás e rastelos, e remoção de um volume mínimo de areia. A região da praia mais rica e sensível biologicamente, situada na faixa inferior da zona entre marés, será preservada de procedimentos mecânicos de limpeza.

Outros métodos de limpeza que poderão ser utilizados:

- Utilização de materiais absorventes;
- Bombeamento a vácuo;
- Limpeza natural.

IV.2.4. Procedimentos Operacionais

Os procedimentos operacionais apresentados a seguir têm por objetivo indicar as principais ações de resposta para proteção a serem desenvolvidas pelas Equipes da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, pessoas arrematadas no local e pela força de trabalho contratada, a partir de seu acionamento.

Tabela IV.2.4-1 - Procedimentos para Ação de Resposta para Região de Praias: Proteção de Áreas Vulneráveis

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS
1. Proteção de Áreas Vulneráveis
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
1) Verificar se o óleo vazado tem possibilidade de toque na costa;
2) Se houver possibilidade do óleo vazado tocar a costa, acionar os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;
3) Verificar as condições meteoceanográficas e as condições do óleo sobrenadante e repassar as informações para os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;

(continua)


Técnico Responsável

Revisão 00
08/2019

Tabela IV.2.4-1 - Procedimentos para Ação de Resposta para Região de Praias: Proteção de Áreas Vulneráveis))

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS
1. Proteção de Áreas Vulneráveis
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
<ol style="list-style-type: none">4) Verificar se o óleo vazado tem possibilidade de toque na costa;5) Se houver possibilidade do óleo vazado tocar a costa, acionar os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;6) Verificar as condições meteoceanográficas e as condições do óleo sobrenadante e repassar as informações para os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;7) Identificar as áreas de maior sensibilidade, considerando as regiões de desova de quelônios como prioritárias para proteção;8) Em conjunto com os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis, definir pontos de lançamento de barreiras de contenção e absorventes para a proteção da área vulnerável.9) Avaliar, em decisão conjunta com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais e Órgão Ambiental, a possibilidade de adoção de áreas de recolhimento de óleo.10) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.11) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna.
Líder da FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis
<ol style="list-style-type: none">1) Mobilizar as equipes da FT;2) Fornecer EPI adequados para os membros da equipe;3) Realizar <i>briefing</i> de segurança com todo o pessoal envolvido;4) Manter as equipes informadas sobre as condições de maré, a intensidade dos ventos e as condições do óleo sobrenadante;5) Orientar as equipes para as técnicas e equipamentos necessários ao correto lançamento de barreiras de contenção e absorção;6) Orientar as equipes a manobrar as embarcações visando concentrar as manchas e, na sequência, aplicar sobre estes recursos para o seu recolhimento ou barreiras / mantas de absorção;7) Orientar as equipes a priorizar o recolhimento de óleo na água, tanto quanto possível;8) Determinar a suspensão das ações de proteção em função de condições meteorológicas desfavoráveis ou outras que possam comprometer a segurança do pessoal envolvido, orientando a adoção de estratégias alternativas;9) Solicitar recursos adicionais ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, quando necessários;10) Avaliar a eficiência das ações para definição da manutenção da estratégia e técnicas empregadas e reportar ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro;11) Verificar se as barreiras de proteção e barreiras / mantas de absorção são recolhidas adequadamente ao final do procedimento.12) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.13) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS**1. Proteção de Áreas Vulneráveis****Equipes FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis**

- 1) Executar as técnicas de proteção seguindo as instruções do Líder da FT;
- 2) Solicitar recursos adicionais ao Líder da FT, se necessário;
- 3) Manter contato com o Líder da FT, informando-o e atualizando-o sobre o andamento das operações;
- 4) Recolher as barreiras de proteção e barreiras / mantas absorventes de acordo com as instruções do Líder da FT.

Tabela IV.2.4-2 - Procedimentos para Ação de Resposta para Região de Praias: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS**2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas****Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro**

- 1) Deslocar-se, em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas até o local atingido para avaliação e reconhecimento da área impactada, com objetivo de definir as estratégias de limpeza;
- 2) Solicitar recursos materiais e equipes adicionais, quando necessário;
- 3) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as zonas de emergência, quente, morna e fria;
- 4) Definir e nomear em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as áreas atingidas;
- 5) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;
- 6) Manter contato com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas, avaliando e adequando a estratégia e as técnicas adotadas;
- 7) Solicitar o isolamento das áreas atingidas;
- 8) Realizar inspeções na região impactada para identificar, em função da magnitude da emergência, se há fauna atingida pelo produto vazado, mantendo o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais informado.
- 9) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 10) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas

- 1) Em conjunto com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais, avaliar o ambiente e determinar quais as técnicas mais adequadas de limpeza e monitoramento, considerando aspectos de sensibilidade, presença de recursos biológicos e interesse socioeconômico;
- 2) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as zonas de emergência, quente, morna e fria;
- 3) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir e nomear as áreas atingidas;
- 4) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS

2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas

- equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;
- 5) Definir as rotas de acesso às áreas atingidas, de modo que as viaturas e pessoas envolvidas causem o menor impacto ao meio ambiente;
 - 6) Fornecer EPI para a equipe;
 - 7) Realizar *briefing* de segurança com todo o pessoal envolvido;
 - 8) Iniciar a limpeza das praias apenas quando a maior quantidade possível de óleo tiver sido retirada da água;
 - 9) Garantir que as ações de limpeza sejam eficientes e rápidas, tomando sempre o cuidado de minimizar a agressão ao meio ambiente;
 - 10) Instruir o pessoal envolvido na identificação e demarcação de ninhos de tartaruga;
 - 11) Definir o local, dentro da zona morna de emergência, para montagem do corredor de descontaminação;
 - 12) Orientar as equipes a preservar a faixa inferior da zona entre marés de qualquer procedimento mecânico de limpeza;
 - 13) Orientar as equipes para que seja removido somente óleo ou material contaminado;
 - 14) Orientar as equipes a posicionar mantas absorventes e/ou distribuir absorventes granulados na franja do infralitoral, durante a maré baixa, realizando seu recolhimento manualmente após a preamar;
 - 15) Definir as áreas de armazenamento temporário, utilizando, por exemplo, fitas zebreadas, cones ou cavaletes;
 - 16) Coordenar a coleta do material contaminado e o armazenamento temporário, com controle da chegada / saída de resíduos;
 - 17) Se necessário, solicitar recursos materiais e novas equipes junto ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro.
 - 18) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
 - 19) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna.

Equipes da FT de Limpeza de Áreas Impactadas

- 1) Seguir as orientações do Líder da FT quanto à área a ser limpa e equipamentos a serem utilizados;
- 2) Evitar remover material sem contaminação;
- 3) Observar localização de possíveis ninhos, demarcá-los de forma a isolar os ninhos, evitando que sejam danificados;
- 4) Concentrar a areia contaminada utilizando rodos de madeira ou ancinhos e recolher manualmente folhas, gravetos, etc.;
- 5) Utilizar as pás para colocar o material contaminado em sacos plásticos;
- 6) Utilizar os carrinhos de mão para transportar os sacos plásticos até o local de coleta;
- 7) Utilizar mantas absorventes e/ou absorvedores naturais em poças de óleo deixadas com a maré baixa (não escavar buracos na areia);

Tabela IV.2.4-2 - Procedimentos para Ação de Resposta para Região de Praias: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas (conclusão)

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA REGIÃO DE PRAIAS
2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas
Equipes da FT de Limpeza de Áreas Impactadas
8) Utilizar mantas absorventes para limpar os equipamentos utilizados no processo de limpeza e acondicioná-las junto ao material contaminado recolhido;
9) Ao final de cada dia de trabalho recolher todo resíduo coletado e destinar para área de armazenamento de resíduo;
10) Utilizar o corredor de descontaminação, para limpar ou descartar seu EPI caso estejam contaminados com óleo.

IV.3 – PLANÍCIES DE MARÉS ABRIGADAS

IV.3.1 – Premissas^{4,5}

- Planícies de marés abrigadas antecedem áreas de mangue continente adentro;
- Ventos e marés podem transportar o óleo derramado na direção dos manguezais, e baixios lodosos;
- Seus sedimentos lamosos abrigam uma grande diversidade de fauna bênticas como bivalves, anelídeos e outros invertebrados;
- Atividades de limpeza em planície de marés abrigadas resultam em riscos de danos adicionais relevantes, uma vez que estes ambientes de sedimentos instáveis não suportam tráfego de pessoas e equipamentos; e
- A dispersão do óleo em alto mar pode prevenir ou reduzir impactos em planícies de marés abrigadas.

IV.3.2 – Procedimentos para proteção de Planície de maré abrigadas

As ações de proteção das planícies de marés abrigadas envolverão prioritariamente as ações de contenção e recolhimento de óleo em alto mar. A dispersão mecânica será utilizada como recurso adicional em alto mar, em casos

⁴ NOAA, "CHARACTERISTIC COASTAL HABITATS CHOOSING SPILL RESPONSE ALTERNATIVES", 2010

⁵ CETESB, "Ambientes Costeiros Contaminados por Óleo – Procedimentos de Limpeza", 2006

em que as condições meteoceanográficas não permitirem as operações de contenção e recolhimento.

Simultaneamente às ações em alto mar, ações de isolamento serão conduzidas nos canais de maré, com a instalação de barreiras de contenção e absorventes, utilizando-se embarcações de pescadores equipadas com recursos das bases avançadas e força de trabalho sob o comando dos líderes das FT priorizando a proteção das planícies. Estas FT realizarão o recolhimento do óleo contido, efetuarão a remoção ou reposicionamento das barreiras, de acordo com as condições de maré.

IV.3.3 – Procedimentos de limpeza

São poucas as técnicas de limpeza disponíveis para áreas de planícies de marés abrigadas atingidas por óleo. As atividades de limpeza nesse ambiente resultam em alto risco de danos adicionais relevantes. Por essa razão, a limpeza natural é o procedimento mais indicado nessas condições.

Nas áreas superiores da zona entre marés é recomendada a remoção natural e aplicações de material absorvente.

IV.3.4 – Procedimentos Operacionais

Os procedimentos operacionais apresentados a seguir têm por objetivo indicar as principais ações de resposta para proteção a serem desenvolvidas pelas Equipes da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, pessoas arregimentadas no local e pela força de trabalho contratada, a partir de seu acionamento.

Tabela IV.3.4-1 - Procedimentos para proteção de planícies de marés abrigadas

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS
1. Proteção de Áreas Vulneráveis
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
1) Verificar se o óleo vazado tem possibilidade de toque na costa;
2) Se houver possibilidade do óleo vazado tocar a costa, acionar Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS**1. Proteção de Áreas Vulneráveis**

- 3) Verificar as condições meteoceanográficas e as condições do óleo sobrenadante e repassar as informações para os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;
- 4) Identificar as áreas de maior sensibilidade, considerando as regiões de desova de quelônios como prioritárias para proteção;
- 5) Em conjunto com o Líder da FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis, definir pontos de lançamento de barreiras de contenção e absorventes para a proteção da área vulnerável.
- 6) Avaliar, em decisão conjunta com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais e Órgão Ambiental, a possibilidade de adoção de áreas de recolhimento de óleo.
- 7) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 8) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

Líder da FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis

- 1) Mobilizar as equipes da FT;
- 2) Fornecer EPI adequados para os membros da equipe;
- 3) Realizar *briefing* de segurança com todo o pessoal envolvido;
- 4) Manter as equipes informadas sobre as condições de maré, a intensidade dos ventos e as condições do óleo sobrenadante;
- 5) Orientar as equipes para as técnicas e equipamentos necessários ao correto lançamento de barreiras de contenção e absorção;
- 6) Orientar as equipes a manobrar as embarcações visando concentrar as manchas e, na sequência, aplicar sobre estes recursos para o seu recolhimento ou barreiras / mantas de absorção;
- 7) Orientar as equipes a priorizar o recolhimento de óleo na água, tanto quanto possível;
- 8) Determinar a suspensão das ações de proteção em função de condições meteorológicas desfavoráveis ou outras que possam comprometer a segurança do pessoal envolvido, orientando a adoção de estratégias alternativas;
- 9) Solicitar recursos adicionais ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, quando necessários;
- 10) Avaliar a eficiência das ações para definição da manutenção da estratégia e técnicas empregadas e reportar ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro;
- 11) Verificar se as barreiras de proteção e barreiras / mantas de absorção são recolhidas adequadamente ao final do procedimento.
- 12) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 13) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

(continua)


Técnico ResponsávelRevisão 00
08/2019

Tabela IV.3.4-1 - Procedimentos para proteção de planícies de marés abrigadas (conclusão)

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS
1. Proteção de Áreas Vulneráveis
Equipes FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis
<ol style="list-style-type: none">1) Executar as técnicas de proteção seguindo as instruções do Líder da FT;2) Solicitar recursos adicionais ao Líder da FT, se necessário;3) Manter contato com o Líder da FT, informando-o e atualizando-o sobre o andamento das operações;4) Recolher as barreiras de proteção e barreiras / mantas absorventes de acordo com as instruções do Líder da FT.

Tabela IV.3.4-2 - Procedimentos para Ação de Resposta para Planícies de Maré Abrigadas: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas.

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS
2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
<ol style="list-style-type: none">1) Deslocar-se, em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas até o local atingido para avaliação e reconhecimento da área impactada, com objetivo de definir as estratégias de limpeza;2) Solicitar recursos materiais e equipes adicionais, quando necessário;3) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as zonas de emergência, quente, morna e fria;4) Definir e nomear em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas áreas atingidas;5) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;6) Manter contato com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas, avaliando e adequando a estratégia e as técnicas adotadas;7) Solicitar o isolamento das áreas atingidas;8) Realizar inspeções na região impactada para identificar, em função da magnitude da emergência, se há fauna atingida pelo produto vazado, mantendo o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais informado.9) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.10) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna
Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas
<ol style="list-style-type: none">1) Em conjunto com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais, avaliar o ambiente e determinar quais as técnicas mais adequadas de limpeza e monitoramento, considerando aspectos de sensibilidade, presença de recursos biológicos e interesse socioeconômico;2) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as zonas de emergência, quente, morna e fria;

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS**2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas**

- 3) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir e nomear as áreas atingidas;
- 4) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;
- 5) Definir as rotas de acesso às áreas atingidas, de modo que as viaturas e pessoas envolvidas causem o menor impacto ao meio ambiente;
- 6) Fornecer EPI para a equipe;
- 7) Realizar *briefing* de segurança com todo o pessoal envolvido;
- 8) Iniciar a limpeza apenas quando a maior quantidade possível de óleo tiver sido retirada da água;
- 9) Garantir que as ações de limpeza sejam eficientes e rápidas, tomando sempre o cuidado de minimizar a agressão ao meio ambiente;
- 10) Instruir o pessoal envolvido na identificação e demarcação de ninhos de tartaruga;
- 11) Definir o local, dentro da zona morna de emergência, para montagem do corredor de descontaminação;
- 12) Orientar as equipes a preservar a faixa inferior da zona entre marés de qualquer procedimento mecânico de limpeza;
- 13) Orientar as equipes para que seja removido somente óleo ou material contaminado;
- 14) Orientar as equipes a posicionar mantas absorventes e/ou distribuir absorventes granulados na franja do infralitoral, durante a maré baixa, realizando seu recolhimento manualmente após a preamar;
- 15) Definir as áreas de armazenamento temporário, utilizando, por exemplo, fitas zebradas, cones ou cavaletes;
- 16) Coordenar a coleta do material contaminado e o armazenamento temporário, com controle da chegada / saída de resíduos;

Se necessário, solicitar recursos materiais e novas equipes junto ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro.

Equipes da FT de Limpeza de Áreas Impactadas

- 1) Seguir as orientações do Líder da FT quanto à área a ser limpa e equipamentos a serem utilizados;
- 2) Evitar remover material sem contaminação;
- 3) Observar localização de possíveis ninhos, demarcá-los de forma a isolar os ninhos, evitando que sejam danificados;
- 4) Concentrar a areia contaminada utilizando rodos de madeira ou ancinhos e recolher manualmente folhas, gravetos, etc.;
- 5) Utilizar as pás para colocar o material contaminado em sacos plásticos;
- 6) Utilizar os carrinhos de mão para transportar os sacos plásticos até o local de coleta;
- 7) Utilizar mantas absorventes e/ou absorvedores naturais em poças de óleo deixadas com a maré baixa (não escavar buracos na areia);
- 8) Utilizar mantas absorventes para limpar os equipamentos utilizados no processo de limpeza e acondicioná-las junto ao material contaminado recolhido;
- 9) Ao final de cada dia de trabalho recolher todo resíduo coletado e destinar para área de

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ ABRIGADAS**2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas**

armazenamento de resíduo;

- 10) Utilizar o corredor de descontaminação, para limpar ou descartar seu EPI caso estejam contaminados com óleo.
- 11) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 12) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

IV.4 – PLANÍCIES DE MARÉS EXPOSTAS**IV.4.1 – Premissas**

- Planícies de marés expostas são ambientes dinâmicos onde as correntes de marés e ondas remobilizam o sedimento;
- Sedimentos mais grossos e eventualmente lamosos e saturados em água caracterizam este ambiente;
- Planícies de marés expostas antecedem ambientes mais sensíveis como sua porção mais abrigada e os manguezais à retaguarda;
- Eventualmente piscinas naturais podem ser formadas em baixa mar;
- Infauna diversa é atrativo para a avifauna residente e migratória;
- Atividades de limpeza em planície de marés expostas são parecidas com as de praias uma vez que o alto dinamismo predomina neste ambiente; e
- Algumas áreas mais arenosas, após avaliação, poderão ser consideradas áreas de sacrifício.

IV.4.2 – Procedimentos para proteção de Planícies de maré expostas

Comparando-se com os outros ambientes da região, que incluem vastas áreas de manguezais e baixios lodosos, as planícies de marés expostas apresentam sensibilidade inferior, além de características mais favoráveis para as atividades de limpeza, as quais poderão ser realizadas com impactos reduzidos.

Nos casos em que as operações de resposta em mar aberto não forem suficientes para evitar a chegada do óleo nas planícies de maré expostas, áreas de sacrifício podem ser estabelecidas para evitar a contaminação de grandes

extensões da planície de maré e dos ambientes adjacentes. Esta proteção poderá ser executada com barreiras de contenção e material absorvente, considerando a dinâmica das marés.

IV.4.3 – Procedimentos de limpeza

O alto dinamismo favorece a remoção natural, entretanto o óleo pode se acumular nas linhas de maré alta, sendo assim, as operações de remoção só poderão ser realizadas durante a maré baixa.

Prioriza-se remoção manual com a utilização de ferramentas leves, como pás e rastelos, e a remoção de um volume mínimo de sedimento.

IV.4.4 – Procedimentos Operacionais

Os procedimentos operacionais apresentados a seguir têm por objetivo indicar as principais ações de resposta para proteção a serem desenvolvidas pelas Equipes da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, pessoas arregimentadas no local e pela força de trabalho contratada, a partir de seu acionamento.

Tabela IV.4.4-1 - Procedimento para proteção de planícies de marés expostas

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ EXPOSTAS
1. Proteção de Áreas Vulneráveis
AÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS EM COMUM ACORDO COM O ÓRGÃO AMBIENTAL RESPONSÁVEL
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
1) Verificar se o óleo vazado tem possibilidade de toque na costa;
2) Se houver possibilidade do óleo vazado tocar a costa, acionar os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;
3) Verificar as condições meteoceanográficas e as condições do óleo sobrenadante e repassar as informações para os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis;
4) Identificar as áreas de maior sensibilidade, considerando as regiões de desova de quelônios como prioritárias para proteção;
5) Em conjunto com os Líderes das FT de Contenção e Recolhimento e de Proteção de áreas Vulneráveis, definir pontos de lançamento de barreiras de contenção e absorventes para a proteção da área vulnerável.
6) Avaliar, em decisão conjunta com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais e Órgão Ambiental, a possibilidade de adoção de áreas de recolhimento de óleo.
7) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ EXPOSTAS

1. Proteção de Áreas Vulneráveis

- 8) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

Líder da FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis

- 1) Mobilizar as equipes da FT;
- 2) Fornecer EPI adequados para os membros da equipe;
- 3) Realizar *briefing* de segurança com todo o pessoal envolvido;
- 4) Manter as equipes informadas sobre as condições de maré, a intensidade dos ventos e as condições do óleo sobrenadante;
- 5) Orientar as equipes para as técnicas e equipamentos necessários ao correto lançamento de barreiras de contenção e absorção;
- 6) Orientar as equipes a manobrar as embarcações visando concentrar as manchas e, na sequência, aplicar sobre estes recursos para o seu recolhimento ou barreiras / mantas de absorção;
- 7) Orientar as equipes a priorizar o recolhimento de óleo na água, tanto quanto possível;
- 8) Determinar a suspensão das ações de proteção em função de condições meteorológicas desfavoráveis ou outras que possam comprometer a segurança do pessoal envolvido, orientando a adoção de estratégias alternativas;
- 9) Solicitar recursos adicionais ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, quando necessários;
- 10) Avaliar a eficiência das ações para definição da manutenção da estratégia e técnicas empregadas e reportar ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro;
- 11) Verificar se as barreiras de proteção e barreiras / mantas de absorção são recolhidas adequadamente ao final do procedimento.
- 12) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 13) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

Equipes FT de Contenção e Recolhimento / FT de Proteção de áreas Vulneráveis

- 1) Executar as técnicas de proteção seguindo as instruções do Líder da FT;
- 2) Solicitar recursos adicionais ao Líder da FT, se necessário;
- 3) Manter contato com o Líder da FT, informando-o e atualizando-o sobre o andamento das operações;
- 4) Recolher as barreiras de proteção e barreiras / mantas absorventes de acordo com as instruções do Líder da FT.

Tabela IV.4.4-2 - Procedimentos para Ação de Resposta para Planícies de Maré Expostas: Limpeza, Avaliação e Monitoramento de Áreas Atingidas.

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ EXPOSTAS
2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas
Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro
<ol style="list-style-type: none">1) Deslocar-se, em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas até o local atingido para avaliação e reconhecimento da área impactada, com objetivo de definir as estratégias de limpeza;2) Solicitar recursos materiais e equipes adicionais, quando necessário;3) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as zonas de emergência, quente, morna e fria;4) Definir e nomear em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as áreas atingidas;5) Definir em conjunto com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;6) Manter contato com o Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas, avaliando e adequando a estratégia e as técnicas adotadas;7) Solicitar o isolamento das áreas atingidas;8) Realizar inspeções na região impactada para identificar, em função da magnitude da emergência, se há fauna atingida pelo produto vazado, mantendo o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais informado.9) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.10) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna
Líder da FT de Limpeza de Áreas Impactadas
<ol style="list-style-type: none">1) Em conjunto com o Responsável pelo Controle das Ações de Respostas Ambientais, avaliar o ambiente e determinar quais as técnicas mais adequadas de limpeza e monitoramento, considerando aspectos de sensibilidade, presença de recursos biológicos e interesse socioeconômico;2) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as zonas de emergência, quente, morna e fria;3) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir e nomear as áreas atingidas;4) Em conjunto com o Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro, definir as equipes e as áreas onde cada equipe irá atuar, de acordo com a estratégia adotada;5) Definir as rotas de acesso às áreas atingidas, de modo que as viaturas e pessoas envolvidas causem o menor impacto ao meio ambiente;6) Fornecer EPI para a equipe;7) Realizar <i>briefing</i> de segurança com todo o pessoal envolvido;8) Iniciar a limpeza apenas quando a maior quantidade possível de óleo tiver sido retirada da água;9) Garantir que as ações de limpeza sejam eficientes e rápidas, tomando sempre o cuidado de minimizar a agressão ao meio ambiente;10) Instruir o pessoal envolvido na identificação e demarcação de ninhos de tartaruga;

PROCEDIMENTOS PARA AÇÃO DE RESPOSTA PARA PLANÍCIES DE MARÉ EXPOSTAS**2. Limpeza, avaliação e monitoramento de áreas atingidas**

- 11) Definir o local, dentro da zona morna de emergência, para montagem do corredor de descontaminação;
- 12) Orientar as equipes a preservar a faixa inferior da zona entre marés de qualquer procedimento mecânico de limpeza;
- 13) Orientar as equipes para que seja removido somente óleo ou material contaminado;
- 14) Orientar as equipes a posicionar mantas absorventes e/ou distribuir absorventes granulados na franja do infralitoral, durante a maré baixa, realizando seu recolhimento manualmente após a preamar;
- 15) Definir as áreas de armazenamento temporário, utilizando, por exemplo, fitas zebradas, cones ou cavaletes;
- 16) Coordenar a coleta do material contaminado e o armazenamento temporário, com controle da chegada / saída de resíduos;
- 17) Se necessário, solicitar recursos materiais e novas equipes junto ao Supervisor da Divisão de Controle de Impacto Costeiro.
- 18) Orientar as equipes para reportar imediatamente a presença de fauna na área de atuação.
- 19) No caso de avistamento de fauna informar ao seu superior para o acionamento da estrutura de resposta a fauna

Equipes da FT de Limpeza de Áreas Impactadas

- 1) Seguir as orientações do Líder da FT quanto à área a ser limpa e equipamentos a serem utilizados;
- 2) Evitar remover material sem contaminação;
- 3) Observar localização de possíveis ninhos, demarcá-los de forma a isolar os ninhos, evitando que sejam danificados;
- 4) Concentrar a areia contaminada utilizando rodos de madeira ou ancinhos e recolher manualmente folhas, gravetos, etc.;
- 5) Utilizar as pás para colocar o material contaminado em sacos plásticos;
- 6) Utilizar os carrinhos de mão para transportar os sacos plásticos até o local de coleta;
- 7) Utilizar mantas absorventes e/ou absorvedores naturais em poças de óleo deixadas com a maré baixa (não escavar buracos na areia);
- 8) Utilizar mantas absorventes para limpar os equipamentos utilizados no processo de limpeza e acondicioná-las junto ao material contaminado recolhido;
- 9) Ao final de cada dia de trabalho recolher todo resíduo coletado e destinar para área de armazenamento de resíduo;
- 10) Utilizar o corredor de descontaminação, para limpar ou descartar seu EPI caso estejam contaminados com óleo.

Módulo V

Procedimentos Genéricos para Atendimento à Fauna Vulnerável


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

MÓDULO V – PROCEDIMENTOS GENÉRICOS PARA ATENDIMENTO A FAUNA VULNERÁVEL

V.1- PROCEDIMENTOS PARA ACIONAMENTO DA EOR

A EOR é acionada total ou parcialmente para atendimento aos cenários acidentais, de acordo com a magnitude do incidente e o desenrolar das ações de controle.

O acionamento da estrutura para Controle de Impacto Offshore, Controle de Impacto Costeiro e Controle de Impacto a Fauna, assim como as equipes que as compõem serão definidos pela Seção de Operações. A quantidade e a composição destas equipes serão definidas de acordo com a magnitude e as consequências do incidente.

Caso os resultados da modelagem (Capítulo II.8 do EIA) para o volume de derramamento associado ao cenário acidental indiquem probabilidade significativa de chegada de óleo em áreas costeiras ou em áreas com presença significativa de fauna, a Seção de Operações deve mobilizar, respectivamente, equipes de Controle de Impacto Costeiro e de Controle de Impacto a Fauna, para avaliar o cenário acidental e planejar ações de proteção e resposta.

As equipes de operação no mar são responsáveis pelas operações de proteção, contenção e recolhimento, dispersão mecânica ou química do óleo de forma a evitar ou reduzir a chegada de óleo nas áreas costeiras e em áreas com presença de significativa de fauna.

As equipes de operação encarregadas da primeira resposta na região offshore, tem como atribuição o monitoramento de oportunidade. Caso seja avistada fauna oleada ou fauna na região de passagem da mancha pelas equipes, será realizada a comunicação ao Chefe de Operações ou Adjunto por ele nomeado, que deve acionar a equipe de Controle de Impacto a Fauna.

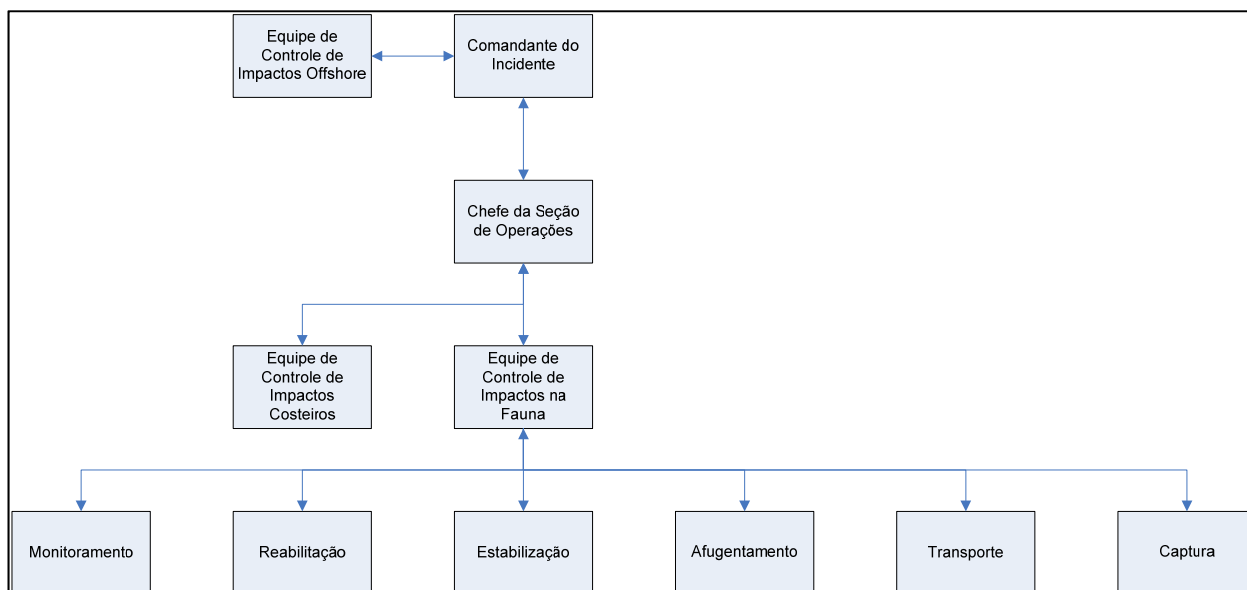
O responsável pelo Grupo de Controle de Impacto a Fauna encarrega-se das ações de resposta relacionadas a fauna. O acionamento das equipes e desdobramento das ações será definido de acordo com a escala e complexidade do incidente.

O acionamento da equipe de Controle de Impacto a Fauna visa permitir uma avaliação crítica do cenário e deste modo direcionar as ações de forma preventiva e conservadora, reduzindo potenciais danos à fauna. As seguintes informações deverão ser repassadas à equipe responsável pelo gerenciamento da resposta à fauna no telefonema de acionamento:

- a) Horário em que ocorreu o incidente;
- b) Volume de óleo que vazou ou que se estima ter vazado;
- c) Informações sobre pessoas feridas ou vidas perdidas no incidente;
- d) Informações preliminares sobre avistamento de animais nas proximidades do incidente, ou se já houve observação de animais oleados.

A figura V.1-1 apresenta o fluxo de comunicação para acionamento das equipes e estruturas envolvidas na resposta a fauna.

Figura V.1-1– Fluxo para acionamento das equipes envolvidas na resposta a fauna.



Vale lembrar que as equipes de controle de impacto costeiro são acionadas toda vez que for constatada a probabilidade de toque em regiões costeiras. Essas equipes, por sua vez, são responsáveis por realizar as operações de proteção de áreas vulneráveis, evitando ou reduzindo a quantidade de óleo disponível para contaminação dos ambientes costeiros e da fauna.

V.1.1 – Estrutura Organizacional de Resposta (EOR)

A depender da magnitude do incidente e existindo a necessidade de atuar na proteção e/ou reabilitação de fauna, a Estrutura Organizacional de Resposta (EOR) apresentada na Seção II.3 deste PEI pode ser complementada.

A composição da EOR dependerá das características do incidente e as informações obtidas no monitoramento especializado auxiliam a dimensionar a estrutura necessária. Desta forma, ainda de acordo com as premissas do *Incident Command System* (ICS), a necessidade de complementação da EOR será proporcional à necessidade de recursos/estruturas para resposta, podendo ficar restrita a uma força tarefa para pequenos incidentes.

A Erro! Fonte de referência não encontrada.V.1.1-1 apresenta o desdobramento provável da Estrutura Organizacional de Resposta (EOR) em casos onde seja necessária a criação de um Grupo de Controle de Impacto a Fauna. É importante destacar que, para casos onde a mobilização de recursos não justifique a criação de um Grupo, suas atribuições podem ser agrupadas em diferentes forças tarefas.

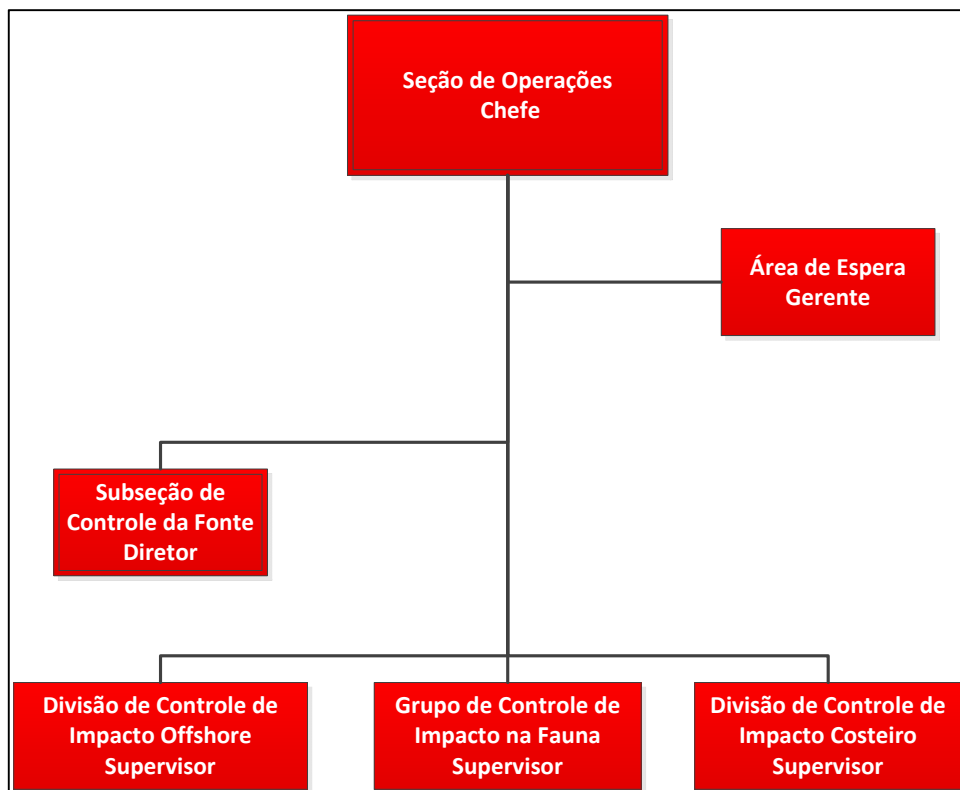


Figura V.1.1-1 – Modelo de organização da Seção de Operações na Estrutura Organizacional de Resposta (EOR).

A Figura V.1.1-2 apresenta um possível desdobramento do Grupo de Controle de Impacto a Fauna, conforme magnitude do evento para o atendimento à fauna oleada.

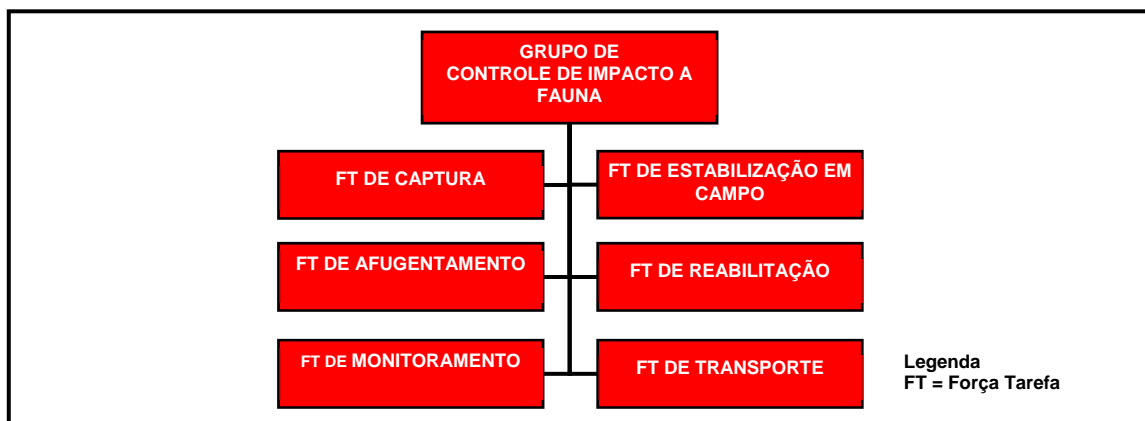


Figura V.1.1-2 - Estrutura Organizacional de Resposta prevista para o atendimento à fauna oleada.

São descritas a seguir as atribuições e responsabilidades dos membros e grupos da Equipe de Proteção à Fauna:

Tabela V.1.1-1 – Atribuições, Responsabilidades e Composição da EOR.

FUNÇÃO	PRINCIPAIS ATRIBUIÇÕES
Controle de Impacto à Fauna	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenar as atividades de Controle de Impacto à Fauna e supervisionar as equipes de operações; e • Gerenciar e integrar a resposta de fauna, considerando os diversos cenários envolvidos, priorizando a minimização dos impactos sobre a fauna, racionalização dos recursos e maximização da resposta.
Monitoramento de Fauna	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar as espécies, a abundância e localização de animais que foram ou podem vir a ser afetados pelo óleo, auxiliando no direcionamento das ações de resposta; • Coletar e compilar as informações sobre monitoramento de fauna; e • Manter os responsáveis pelo Controle de Impacto à Fauna, pela captura e transporte, e as forças tarefa da Equipe de Proteção à Fauna informados quanto a localização dos animais.
Captura de Fauna	Coletar as carcaças e capturar os animais vivos para o posterior transporte pelos responsáveis pelo Transporte de Fauna.
Transporte de Fauna	Transportar as carcaças e animais vivos para as instalações de atendimento à fauna oleada.
Afugentamento de Fauna	Recomendar o afugentamento de fauna ao responsável pelo controle de impacto à Fauna, guiado por fatores específicos da área e das espécies presentes durante o derramamento de óleo, e a disponibilidade de técnicas efetivas de afugentamento.
Estabilização em Campo	<ul style="list-style-type: none"> • Prestar cuidados veterinários para estabilização da fauna antes do transporte para uma instalação de assistência; e • Propor ao responsável pelo controle de impacto à Fauna quantidade e distribuição das Unidades de Estabilização em Campo
Reabilitação de Fauna	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar que a fauna oleada receba o melhor cuidado possível através de assistência veterinária e demais cuidados de manejo; e • Garantir a avaliação completa dos animais oleados e coleta sistemática dos dados, de forma a obter estatísticas das ações de resposta à fauna.

Ainda, de acordo com a magnitude do acidente, poderão ser contemplados:

- **Responsável pelos Voluntários:** receber, cadastrar, orientar e direcionar os voluntários que se apresentem para auxiliar na resposta de fauna.
- **Responsável pela Unidade de Documentação:** garantir a coleta sistemática dos dados, de forma que o Comandante do Incidente possa obter estatísticas das ações de resposta à fauna.

V.2 – ESTRATÉGIAS DE RESPOSTA

As principais ações de resposta a fauna são, em ordem de prioridade:

- Monitoramento:
 - De oportunidade; e
 - Especializado.
- Resposta Primária:
 - Combate ao óleo derramado (Anexo II.3.4-1 – Dimensionamento Estratégias e Tempos de Resposta);
 - Proteção e Limpeza de Áreas Vulneráveis; e
 - Remoção de carcaças contaminadas.
- Resposta Secundária:
 - Afugentamento;
 - Captura preventiva;
- Resposta Terciária:
 - Resgate e Reabilitação.

São apresentadas a seguir as estratégias de resposta e suas principais ações.

V.2.1 – Resposta Primária

Os procedimentos de resposta para combate ao óleo no mar apresentados na Seção II.3 deste PEI e os procedimentos de proteção de áreas vulneráveis do Anexo II.3.5-3 – Procedimento Genéricos para Proteção de Áreas Sensíveis são procedimentos primários que buscam evitar que o óleo contamine animais. Os procedimentos priorizam ações para a interrupção da fonte de vazamento, o

recolhimento do óleo e/ou sua dispersão, prevenindo e reduzindo a contaminação de espécies, seus habitats e ambientes sensíveis.

As equipes de controle de impactos costeiros são orientadas a reportar a presença de carcaças de animais aos seus superiores. A seção de operações deve providenciar o isolamento e remoção apropriada das carcaças.

V.2.2 - Monitoramento

As ações de monitoramento da fauna serão realizadas durante todas as estratégias de resposta, a saber:

- **Monitoramento de oportunidade:** realizado pelas equipes responsáveis pela resposta primária (líder de sobrevoo treinado, equipes das embarcações ou unidades marítimas). Em caso de avistamento de fauna ameaçada ou contaminada, estas equipes são orientadas a comunicar imediatamente seus superiores, e estes devem garantir que a comunicação chegue até o comando do incidente, para a adoção de medidas apropriadas.
- **Monitoramento especializado:** O monitoramento especializado será acionado assim que houver confirmação de presença de fauna na região do incidente ou por decisão do Chefe de Operações que poderá acioná-lo a qualquer momento. Neste caso, deverá ser definida uma estratégia de monitoramento e profissionais experientes e/ou treinados deverão compor a equipe de monitoramento. A depender do local em que estiver previsto o monitoramento especializado, poderão ser utilizadas aeronaves, embarcações ou veículos terrestres como meios de transporte.

Tabela V.2.2-1 – Distribuição de recursos para monitoramento.

	Tier 1	Tier 2 – Regional	Tier 2 - Nacional	Tier 3
Monitoramento	<ul style="list-style-type: none"> • Tripulação da UM. • Embarcações de Resposta de prontidão. • Embarcações de apoio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Embarcação de monitoramento ambiental. • Embarcações de resposta adicionais • Aeronave de asa móvel. • Profissionais especializados já contratados e também contratados por oportunidade . 	<ul style="list-style-type: none"> • Contrato corporativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contrato corporativo.

Os monitoramentos serão realizados de forma continuada ao longo da emergência, na busca de fauna impactada e acompanhamento das espécies presentes nas áreas vulneráveis.

V.2.3 - Resposta secundária

Ações de afugentamento e captura preventiva serão criteriosamente avaliadas pelo Grupo de Controle de Impacto à Fauna e só serão realizadas após avaliação dos especialistas para a definição da técnica a ser utilizada.

V.2.4 - Resposta Terciária

V.2.4.1 – Busca

As atividades de busca de animais contaminados estão relacionadas aos monitoramentos por água, terra e ar. A busca por quelônios, aves e mamíferos pode ser realizada em água, através de embarcações, que devem manter velocidade controlada, a fim de evitar possíveis choques com animais. É importante a constante observação das formações de barreiras de contenção de óleo, pois alguns animais podem ficar presos dentro de tais formações. Em terra, as buscas são realizadas através de monitoramentos a pé, ou com veículos, sempre que possível.

V.2.4.2 – Captura, Transporte e Reabilitação

A Petrobras terá em São Luis (MA), embarcação equipada com recursos humanos especializados e materiais para efetuar captura e resgate de animais de pequeno porte. Essa embarcação atuará, num primeiro momento, no resgate à fauna que venha a ser impactada na região offshore do litoral do Maranhão, podendo ser deslocada para a região litorânea do Pará a depender da evolução do incidente.

A fauna resgatada será transportada por via marítima até a base de apoio em São Luis (MA) ou em Belém (PA), a depender do local do resgate, e seguirá por via terrestre para o Centro de Reabilitação e Despetrolização de Fauna em São Luis ou no estado do Pará (ainda a definir), sempre acompanhada de membro da equipe especializada da fauna. O Centro de Reabilitação localizado em São Luis estará equipado para receber até 20 animais de pequeno porte. O Centro de Reabilitação localizado em Belém (PA) ou Castanhal (PA) receberá os animais capturados na região offshore e costeira dos estados do Amapá e Pará. Outros Centros poderão ser montados temporariamente em locais com estrutura adequada para suportar todo o processo de estabilização, limpeza e manutenção dos animais até o momento da liberação dos mesmos para o ambiente natural.

Caso os tempos de deslocamento terrestre sejam superiores a 6 horas, unidade(s) de estabilização intermediárias poderão ser instaladas no trajeto.

Além das equipes que vierem a ser contratadas na região, a Petrobras possui contrato corporativo, que disponibiliza equipe especializada para atuação junto a EOR, e com a ORSL (Oil Spill Response Limited). A mobilização dessas equipes está prevista para incidentes que envolvam recursos Tier 2 e 3 respectivamente.

V.2.5 Considerações para desmobilização das equipes de resposta a fauna

As ações de reabilitação serão desmobilizadas gradativamente conforme a necessidade da emergência, estando a desmobilização total condicionada à liberação do último exemplar em reabilitação.

Após o último avistamento de fauna contaminada, será realizado monitoramento por mais 10 dias e na ausência de ingressos de animais oleados as atividades serão encerradas.

V.3 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS ESPÉCIES AMEAÇADAS E PROCEDIMENTOS GENÉRICOS PARA ATENDIMENTO

São apresentadas, nos apêndices B e C, as fichas com as informações gerais sobre as espécies ameaçadas identificadas na área de abrangência e os procedimentos genéricos para atendimento a cada grupo faunístico.

Segue apresentada a tabela de espécies ameaçadas identificadas:

Tabela V-1 – Espécies ameaçadas identificadas na região.

Código	Espécie	Nome Comum	Estado de Conservação	
			IUCN	MMA
AVES				
3;4;5	<i>Charadrius wilsonia</i>	Batuíra-bicuda	LC	VU
25	<i>Calidris canutus</i>	Maçarico-de-papo-vermelho	LC	CR
31	<i>Calidris pusilla</i>	Maçarico-rasteirinho	NT	EN
33	<i>Limnodromus griseus</i>	Maçarico-de-costas-brancas	LC	CR
49	<i>Sterna dougallii</i>	Trinta-réis-róseo	LC	VU
55	<i>Thalasseus maximus</i>	Trinta-réis-real	LC	EN
65	<i>Laterallus jamaicensis</i>	Açanã-preta	NT	NL
92;131	<i>Phaethon aethereus</i>	Rabo-de-palha-de-bico-vermelho	LC	EN
102	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	Pardela-preta	VU	VU
103	<i>Pterodroma madeira</i>	Grazina-da-Madeira	EN	EN
105	<i>Puffinus griseus</i>	Bobo-escuro	NT	NL

110	<i>Sula sula</i>	Atobá-de-pé-vermelho	LC	EN
114	<i>Buteogallus aequinoctialis</i>	Gavião-caranguejeiro	NT	NL
CETÁCEOS				
135	<i>Balaenoptera musculus</i>	Baleia-azul	EN	CR
136	<i>Balaenoptera physalus</i>	Baleia-fin	EN	EN
137	<i>Balaenoptera borealis</i>	Baleia-sei	EN	EN
138	<i>Balaenoptera edeni</i>	Baleia-de-Bryde	DD	NL
140	<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	Baleia-minke-antártica	DD	NL
141	<i>Physeter macrocephalus</i>	Cachalote	VU	VU
142	<i>Orcinus orca</i>	Orca	DD	NL
143	<i>Pseudorca crassidens</i>	Falsa-orca	DD	NL
144	<i>Feresa attenuata</i>	Orca-pigmeia	DD	NL
146	<i>Globicephala macrorhynchus</i>	Baleia-piloto-de-peitorais-curtas	DD	NL
150	<i>Sotalia guianensis</i>	Boto-cinza	DD	VU
151	<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi	DD	NL
152	<i>Stenella frontalis</i>	Golfinho-pintado-do-Atlântico	DD	NL
154	<i>Stenella longirostris</i>	Golfinho-rotador	DD	NL
155	<i>Stenella clymene</i>	Golfinho-clímene	DD	NL
160	<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-vermelho	DD	EN
161	<i>Kogia breviceps</i>	Cachalote-pigmeu	DD	NL
162;163	<i>Kogia sima</i>	Cachalote-anão	DD	NL
165	<i>Mesoplodon europaeus</i>	Baleia-bicuda-de-Gervais	DD	NL
SIRÊNIOS				
166	<i>Trichechus manatus</i>	Peixe-boi-marinho	VU	EN
167	<i>Trichechus inunguis</i>	Peixe-boi-amazônico	VU	VU
QUELÔNIOS				
168	<i>Caretta caretta</i>	Tartaruga-cabeçuda	EN	EN
169	<i>Chelonia mydas</i>	Tartaruga-verde	EN	VU
170	<i>Eretmochelys imbricata</i>	Tartaruga-de-pente	CR	CR
171	<i>Lepidochelys olivacea</i>	Tartaruga-oliva	VU	EN
172	<i>Dermochelys coriacea</i>	Tartaruga-de-couro	VU	CR

V.3.1 – Fichas com informações gerais das espécies ameaçadas

As fichas com informações gerais das espécies, apresentadas a seguir no apêndice B, têm como função detalhar e ilustrar as informações das espécies apresentadas na tabela descrita acima para espécies ameaçadas encontradas na área de abrangência. Estas fichas apresentam informações acerca da biologia, taxonomia, estado de conservação, distribuição, sazonalidade, vulnerabilidade ao óleo de cada espécie identificada.

V.3.2 – Procedimentos genéricos para atendimento a fauna

Os procedimentos genéricos para atendimento à fauna estão apresentados em fichas no apêndice C para permitir que os responsáveis pela resposta selecionem somente as que poderão ser utilizadas no incidente. As mesmas detalham os procedimentos de afugentamento, resgate, captura preventiva, descontaminação, etc., de acordo com grupo ou espécie, conforme a necessidade. Os procedimentos são genéricos e não exaustivos, bem como não excluem a necessidade da presença de profissionais capacitados e credenciados para sua execução. Portanto, a decisão sobre a necessidade de adoção de qualquer dos procedimentos previstos estará sempre a cargo do profissional capacitado e credenciado em campo, fundado nas melhores práticas para a manutenção da saúde dos espécimes ou população.

Apêndice B (Módulo V)

Fichas com informações gerais das espécies ameaçadas


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019



BATUÍRA-BICUDA

Charadrius wilsonia

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

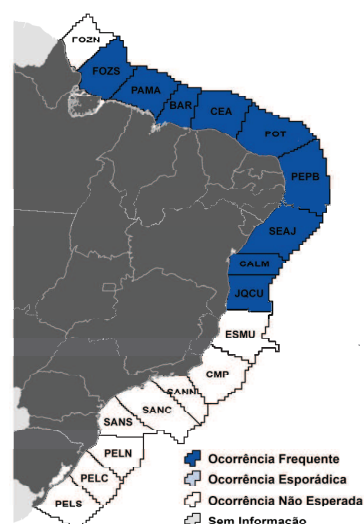
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 15 e 20 cm. Massa corpórea variando de 50 a 70 g. Bico grosso, região do loro e abaixo dos olhos marrom, que se estende até as auriculares. Dorso marrom-oliváceo ou cinza. Bico negro, tarsos e pés amarelos-oliváceos. Larga faixa branca na frente.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita exclusivamente a costa, só sendo encontrada nas praias. Ocasionalmente pode ser vista nos estuários e restingas, mas nunca se distancia da praia. Há uma população residente e outra migratória, oriunda da América do Norte. Desta forma, podem ser vistas aos casais ou em pequenos grupos (população residente) ou em grandes concentrações (população migratória).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos insetos como moscas e mosquitos, besouros e também larvas. Consome também poliquetas, moluscos e pequenos crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As populações migratórias começam a chegar na costa brasileira a partir do final de agosto, permanecendo até fevereiro ou março. As populações residentes (que podem se misturar às migratórias) começam a se reproduzir em março e a estação reprodutiva se estende até dezembro. As fêmeas colocam entre dois e três ovos de coloração críptica, que são incubados por cerca de 25 dias. Os filhotes, nidifugos, permanecem com os pais por cerca de 20 dias.

POPULAÇÃO

Não há estimativas confiáveis, mas a população migratória parece ser estável e não há sinais de declínio. Entretanto, a população residente (ora chamada de *C. w. brasiliensis* ou *C. w. crassirostris*) sofre com a degradação das praias, que acaba por interferir na reprodução desta forma.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de aves insetívoras é muito pouco desenvolvido no Brasil, e esta espécie nunca foi reportada em cativeiro. Não existem registros de reabilitação desta espécie, e há uma grande carência dos profissionais brasileiros em lidar com aves insetívoras ou com dieta especializada. Não há registros desta espécie em zoológicos ou criadores.



BATUÍRA-BICUDA

Charadrius wilsonia

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



MAÇARICO-DE-PAPO-VERMELHO

Calidris canutus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

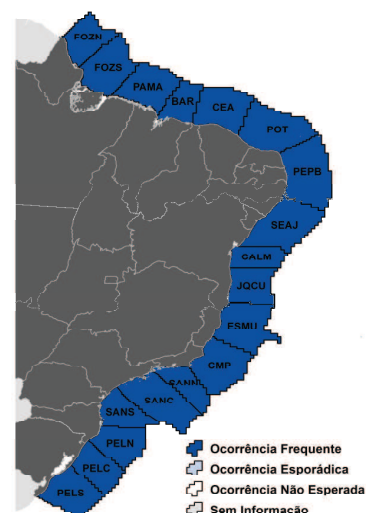
Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



Fonte: E. J. Woehler



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 25 cm. Massa corpórea variando entre 100 e 200 g. Em plumagem reprodutiva apresenta a região ventral marrom-avermelhada. Jovens e indivíduos em plumagem de descanso são cinzentos, mas frequentemente ainda apresentam regiões (face, cabeça, peito) com penas marrons-avermelhadas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, começa a chegar no Brasil a partir de agosto, aos milhares. Em alguns locais as concentrações são superiores a 10.000 indivíduos. Não se aventura em águas interiores, preferindo as praias mais limpas e desabitadas. Pode ocorrer também em estuários.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de poliquetas e outros pequenos invertebrados como besouros, moscas, crustáceos e moluscos. Há relatos de consumo de peixes e sementes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, começa a chegar no Brasil em agosto, e os maiores contingentes permanecem por aqui até março, embora indivíduos desta espécie só não tem sido registrados em junho e julho, sugerindo que muitas aves não migram de volta para os territórios reprodutivos.

POPULAÇÃO

Não é considerado como ameaçado de extinção. As estimativas para a forma que ocorre no Brasil giram em torno de 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a liberação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.



MAÇARICO-DE-PAPO-VERMELHO

Calidris canutus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



MAÇARICO-RASTEIRINHO

Calidris pusilla

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 13 e 15 cm. Massa corpórea variando entre 20 e 40 g. Plumagem cinza clara na garganta e pescoço, que contrasta com a face e dorso cinza um pouco mais escuro, contrastante. Bico, tarsos e pés cinza-escuro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, ocorre em todos os estados costeiros do Brasil. Habitam as praias, alagados, estuários e manguezais. São registradas tanto solitárias quanto em bandos numerosos, que podem incluir outras espécies de maçaricos.

ALIMENTAÇÃO

Larvas de insetos, anelídeos, poliquetas, crustáceos e outros pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, não se reproduz no Brasil. Os primeiros indivíduos chegam da América do Norte em agosto, permanecendo no Brasil até fevereiro ou março. Entretanto, muitos indivíduos não migram, e a espécie conta com registros durante todo o ano.

POPULAÇÃO

População estimada em cerca de quatro milhões de aves. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a liberação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.



MAÇARICO-RASTEIRINHO

Calidris pusilla

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Quase Ameaçada
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



MAÇARICO-DE-COSTAS-BRANCAS

Limnodromus griseus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

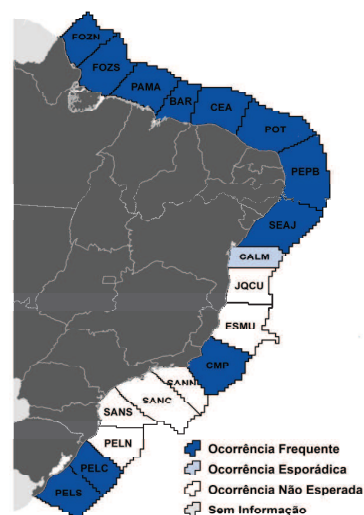
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 30 cm. Massa corpórea variando entre 60 e 150 g. Bico longo, verde-oliváceo, assim como os tarsos e pés. Plumagem do pescoço e peito em tons de marrom ou canela, região do uropígio branca.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, habita apenas a costa brasileira, onde é visitante raro. Na costa ocupa as praias, estuários e manguezais, sempre próximo à água.

ALIMENTAÇÃO

Poliquetas, crustáceos e moluscos, que coleta penetrando o bico no solo úmido.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória incomum, com registros distribuídos por todos os meses do ano no Brasil, sendo mais semelhante a um vagante do que propriamente um movimento regular de migração.

POPULAÇÃO

População global estimada em mais de 100.000 aves, não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a liberação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.



MAÇARICO-DE-COSTAS-BRANCAS

Limnodromus griseus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



ATOBA-DE-PÉ-VERMELHO

Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Média

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

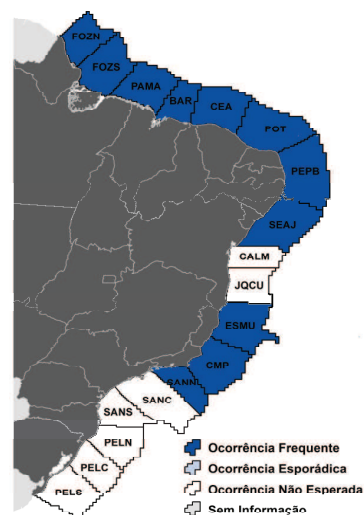
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 75 cm. Massa corpórea variando entre 900 e 1200 g. Inconfundível por ser o único atobá a apresentar os tarsos pés vermelhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágico, distribuído pela faixa tropical e subtropical de todos os oceanos do mundo. Nidifica em ilhas, distantes ou não da costa, mas necessita de vegetação (árvores ou arbustos), onde constrói o seu ninho. Eventualmente pode fazer a postura no solo. Vivem em grandes bandos e seguem barcos de pesca.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e lulas, pescados em grandes bandos que podem congregam muitas dezenas de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em ilhas e arquipélagos, como Fernando de Noronha. Necessita da presença de arbustos e árvores para construir o seu ninho, que é uma plataforma simples, feita de gravetos. Em alguns locais pode nidificar no solo, mas é muito menos frequente. A reprodução é concentrada entre setembro e abril, mas filhotes podem ser observados durante o ano todo. A postura é de apenas um ovo, chocado durante 45 dias. O filhote é cuidado pelos pais por quase cinco meses.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em mais de um milhão de aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

São aves resistentes e que podem ser mantidas em cativeiro sem maiores dificuldades, sendo alimentadas com peixes. Entretanto, são aves que pouco habituadas a se manterem no solo, e cuidados contra pododermatites devem ser observados. As bicadas podem ser perigosas e quem manipula as aves deve usar equipamentos de proteção individual.



ATOBA-DE-PÉ-VERMELHO

Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●					●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●					●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●					●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●					●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●					●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Em Perigo
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



TRINTA-RÉIS-RÓSEO

Sterna dougallii

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

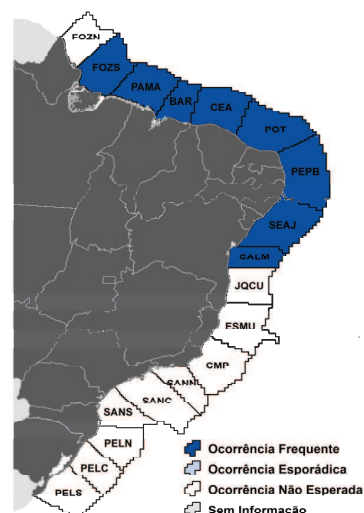
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 35 e 40 cm. Massa corpórea variando entre 90 e 130 g. Tarsos e pés vermelhos, bico negro, cauda longa, branca e bifurcada. Nas asas há coloração negra apenas nas 3 primárias mais externas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Migrante de inverno, pousa em praias expostas durante a maré baixa, às vezes razoavelmente distantes da praia, a qual também utilizam. Seguem barcos de pesca, e podem se congregam em grandes bandos, especialmente para dormir. Ocupa também estuários e se alimentam em alto-mar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, eventualmente pode consumir pequenos insetos e outros invertebrados marinhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

É uma espécie migratória e que não se reproduz no Brasil. As primeiras aves chegam no país por volta de agosto, mas muitos indivíduos não retornam, e a espécie conta com registros no país durante o ano todo.

POPULAÇÃO

As estimativas populacionais sugerem uma população de cerca de 100.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar delicada, e não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.



TRINTA-RÉIS-RÓSEO

Sterna dougallii

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Mauricio Rueda



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 350 e 500 g. Bico laranja e pés negros. Uma das maiores espécies de andorinha-do-mar.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Parte da população é residente, parte é migratória. Podem se congregam em bandos de centenas ou até milhares de indivíduos, habitando a costa, não utilizando águas interiores. Pode ser vista em praias, bancos de areia expostos durante a maré baixa, pedras expostas, lajes, lajedos, estuários, bancos de lama e manguezais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As aves residentes se reproduzem a partir de abril, se estendendo até dezembro. O ninho é muito simples, feito no solo. A fêmea geralmente coloca apenas um ovo, incubado por 30 dias. Os cuidados parentais são muito longos, e podem chegar a até oito meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie no Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar robusta, e precauções devem ser tomadas contra bicadas, que podem ser perigosas. Não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.



TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pará-Maranhão (PAMA)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Barreirinhas (BAR)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Ceará (CEA)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Potiguar (POT)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pernambuco-Paraíba (PEPB)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Camamu-Almada (CALM)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Campos (CMP)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Norte (SANN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Centro (SANC)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Sul (SANS)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Norte (PELN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Centro (PELC)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Sul (PELS)				●	●	●	●	●	●	●	●	

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Vulnerável
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Quase Ameaçada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



AÇANA-PRETA

Laterallus jamaicensis

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

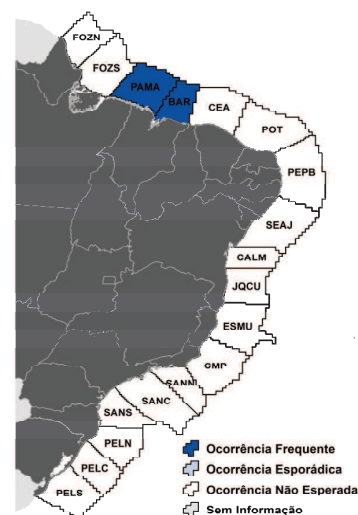
Baixa

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: David Seibel Photography



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 15 cm. Massa corpórea entre 30 e 40 g. Pinto d'água com a cabeça, pescoço e peito cinza-escuro, distinta mancha marrom no dorso.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Até muito pouco tempo era conhecido apenas de um exemplar no Brasil, agora contando com registros que atestam que a espécie é residente no Maranhão e Pará. A sua biologia é pouco conhecida, é uma espécie tímida e elusiva, que vive em meio aos campos de arroz, banhados e brejos. Dificilmente observada, mais detectada pela vocalização, sendo mais comum do que aparenta.

ALIMENTAÇÃO

Pouco conhecida, mas deve se alimentar de folhas, grãos, brotos, sementes e pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro, construindo um ninho esférico de capim, onde são colocados no máximo três ovos. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, mas o seu manejo não deve diferir muito daquele das saracuras e frangos d'água. Os pintos d'água aceitam bem o cativeiro, não sendo de difícil manutenção.



AÇANA-PRETA

Laterallus jamaicensis

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)								●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)								●	●	●	●	●
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Quase Ameaçada
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



RABO-DE-PALHA-DE-BICO-VERMELHO

Phaethon aethereus

Aves marinhas pelágicas (Phaethontiformes: Phaethontidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

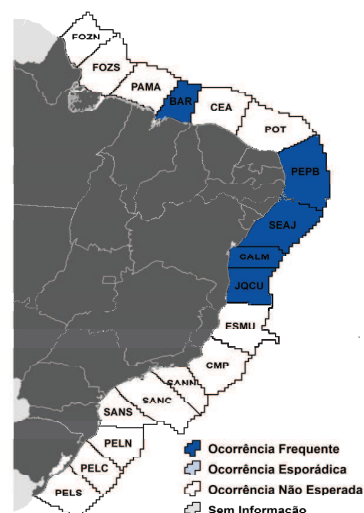
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 90 cm e um metro. Massa corpórea variando entre 600 e 700 g. Bico vermelho, dorso barrado de negro. As primárias são negras, bem como a máscara na face.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, nidifica em ilhas oceânicas e pouco se aproxima da costa. Pode chegar às praias muito debilitado. Normalmente vivem sozinhos, mas podem formar grupos de até 20 aves.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Monogâmico, nidifica em ilhas oceânicas como Abrolhos e Fernando de Noronha. O único ovo é colocado em cavidades em escarpas, diretamente sobre o substrato. A incubação dura cerca de 44 dias e o filhote é cuidado pelos pais por cerca de três meses.

POPULAÇÃO

As estimativas recentes sugerem que existam menos de 3.000 indivíduos em águas brasileiras.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. É uma ave que pode trazer complicações no manejo, pois não está habituada a permanecer no solo. Possui tarsos curtos e pés muito pequenos.



RABO-DE-PALHA-DE-BICO-VERMELHO

Phaethon aethereus

Aves marinhas pelágicas (Phaethontiformes: Phaethontidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)				●	●	●	●	●				
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)				●	●	●	●	●				
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)				●	●	●	●	●				
Camamu-Almada (CALM)				●	●	●	●	●				
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)				●	●	●	●	●				
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



PARDELA-PRETA

Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



Ignacio Moreno/UFRGS



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea variando entre 1100 e 1500 g. Plumagem negra ou negra-amarronzada uniforme, exceto pela base da mandíbula, que é branca. Bico amarelado ou córneo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágica, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir, em uma série de ilhas subantárticas. Não costuma se aproximar da costa; quando chegam às praias geralmente estão muito debilitadas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Se reproduzem entre setembro e maio em ilhas subantárticas. Espécie registrada durante todo o ano em águas brasileiras, embora os registros sejam muito mais frequentes e numerosos entre junho e setembro.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção. É a espécie mais capturada pela frota pelágica brasileira, através de pesca incidental. As populações diminuíram drasticamente nas últimas décadas, mas a população global estimada gira em torno de sete milhões de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



PARDELA-PRETA

Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Vulnerável
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Vulnerável
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Vulnerável
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



GRAZINA-DA-MADEIRA

Pterodroma madeira

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

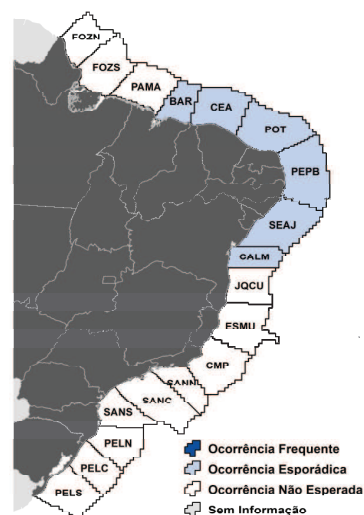
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 30 e 35 cm. Massa corpórea variando entre 200 e 300 g. Bico negro, tarsos e pés rosados. Ventre branco, assim como os loros, que contrastam com a região ocular muito escura. Cabeça e dorso cinza amarronzado.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágica, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir, na Ilha da Madeira.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, sendo uma espécie vagante e de ocorrência muito incerta, sem nenhum padrão regular.

POPULAÇÃO

Extremamente ameaçado de extinção, com a população global estimada em pouco mais de 100 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo de aves desta família em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



GRAZINA-DA-MADEIRA

Pterodroma madeira

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

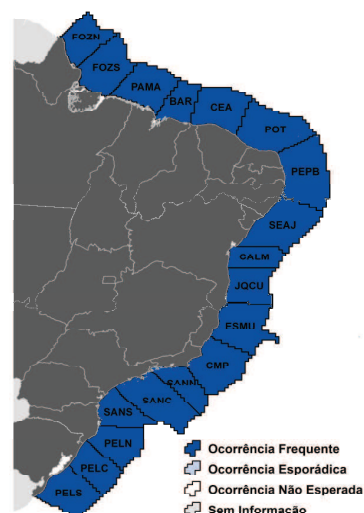
Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 700 e 1000 g. Bico negro, tarsos e pés rosados, plumagem uniforme marrom-escura ou cinza-escura, com uma mancha branca muito chamativa na superfície ventral das asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha, ocorrendo na plataforma continental e fora dela. Pode se aproximar da costa. Segue barcos de pesca e pode ser visto solitário ou em grandes bandos. Ocorre em todos os oceanos do mundo, sendo uma das aves marinhas mais comuns e abundantes. Migrante transequatorial, ocorrendo da Groenlândia à Antártica.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil e ocorre em águas brasileiras principalmente entre maio e janeiro, embora seja possível haver registros durante o ano todo, especialmente fora da plataforma continental.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em 20.000.000 de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo de aves desta família em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.



BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/espórádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (espórádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Quase Ameaçada
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada



GAVIÃO-CARANGUEJEIRO

Buteogallus aequinoctialis

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Média

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

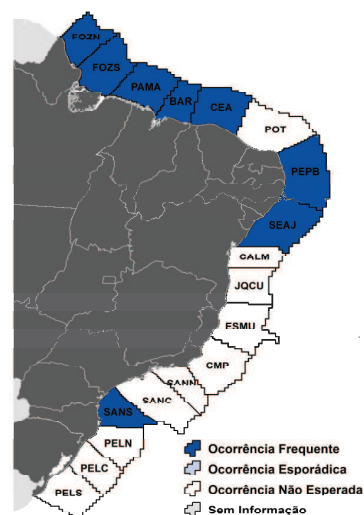
Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: Hervé Michel



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 600 e 1000 g. Loro e cere amarelos, cabeça e dorso negros, pernas amarelas. Peito marrom com estrias negras. Cauda negra, com uma faixa estreita terminal branca, e outra na base.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Gavião característico dos manguezais e estuários, muito raramente sendo visto em águas interiores. Geralmente aos casais, apresentando uma distribuição coincidente com os maiores manguezais do Brasil. Pode usar manguezais até mesmo próximos de cidades, sendo tolerantes a ambientes alterados.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de caranguejos, eventualmente consome pequenos anfíbios.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre setembro e fevereiro, mas os seus ciclos são ainda muito pouco estudados no Brasil, onde não é raro, mas carece de pesquisas mais aprofundadas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante nos manguezais da região norte, sendo mais raros do Ceará para o sul.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta ave em cativeiro, e dada a sua dieta especializada em caranguejos não se sabe se sobrevive fora da natureza. Como todos os gaviões, deve-se dar atenção especial aos ferimentos que podem ser causados pelas garras das aves.



GAVIÃO-CARANGUEJEIRO

Buteogallus aequinoctialis

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Quase Ameaçada
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Em Perigo
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

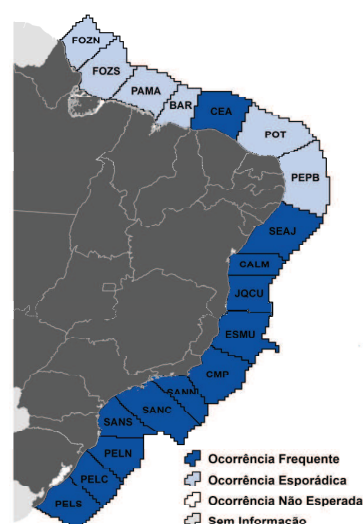
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 102.8 cm (até 136 cm). Massa corpórea: 100-180 kg (até 227 kg). A carapaça possui 5 pares de placas laterais justapostas, a coloração é marrom-amarelada e o ventre é amarelo claro. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. O tamanho da cabeça é grande e relativamente desproporcional ao corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita mares tropicais, subtropicais e temperados. No Brasil podem ser observados indivíduos em diferentes estágios de vida na costa de diversos estados entre o Pará e o Rio Grande do Sul, em áreas costeiras ou oceânicas. O sul do Brasil registra um maior número de enclaves de indivíduos juvenis/sub-adultos, o que indica que esta região pode ser uma importante área de alimentação para esta espécie. Indivíduos adultos, após deixarem as praias de desova, se deslocam ao longo da plataforma continental. Estudos de telemetria indicaram a existência de áreas de alimentação e descanso na região Norte, especialmente no litoral do Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Espécie carnívora durante toda a sua vida. Nos estágios iniciais e juvenil são epipelágicas e habitam zonas oceânicas, alimentando-se na superfície da água. Em estágios posteriores tornam-se neríticas e alimentam-se principalmente de invertebrados, crustáceos, moluscos e cnidários, e eventualmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As principais áreas de desova no Brasil estão localizadas em Sergipe e nas costas norte da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Áreas secundárias ocorrem no sul do Espírito Santo e Bahia. A temporada reprodutiva acontece de setembro a março, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente no período noturno, para depositarem em média 127 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 45-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 60.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo esta a espécie com maior número de desovas no Brasil, com 6800 ninhos ao longo da costa brasileira (temporada de 2008/09). Estudos reportam a tendência de aumento no número de ninhos em praias-índice na Bahia e no Espírito Santo, porém sem um entendimento completo do impacto deste aumento na dinâmica populacional da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Além da presença de fêmeas nas praias e zona costeira durante a temporada reprodutiva (de setembro a março), as praias também abrigam os ninhos e registram o nascimento de filhotes até meados de abril. Trata-se de uma espécie que se adapta bem ao cativeiro durante o período de reabilitação, podendo ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou lulas). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos.



TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Vulnerável
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Vulnerável
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

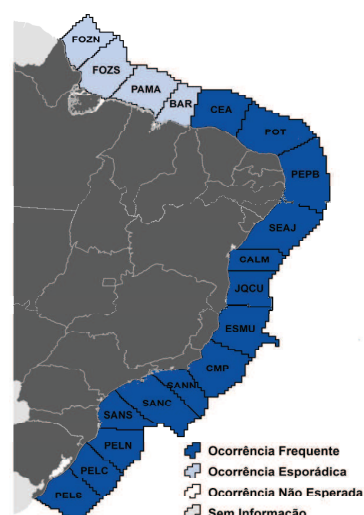
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 115.6 cm (até 143 cm). Massa corpórea: 230 kg (até 395 kg). Carapaça com 4 pares de placas laterais justapostas. Coloração verde-acinzentada nos adultos, com o ventre branco nas populações do Atlântico. Os filhotes possuem o dorso negro e o ventre branco. Cabeça com 1 par de placas (ou escudos) pré-frontais e 4 pares de escudos pós-orbitais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Águas tropicais e subtropicais continentais e insulares, incluindo costões rochosos, lajes, plataforma continental, talude continental e ambiente pelágico. As áreas de alimentação de juvenis desta espécie estão espalhadas ao longo de toda a costa brasileira e nas ilhas oceânicas. Por vezes pode adentrar estuários ou se concentrar em áreas industriais de descarga de água quente. Não são gregários, mas podem concentrar-se em algumas áreas devido à abundância de alimento.

ALIMENTAÇÃO

Nos estágios iniciais de vida são onívoras. Juvenis e adultos são herbívoros, alimentando-se principalmente de algas e outros vegetais marinhos. Ingerem involuntariamente pequenos invertebrados associados às algas ("phytal"), sendo também oportunistas ao se alimentarem de descarte de pescados e outros organismos mortos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Principais áreas de desova no Brasil são as ilhas oceânicas: Ilha da Trindade/ES, Atol das Rocas/RN e Fernando de Noronha/PE. Na costa brasileira, áreas de desova secundárias ocorrem no litoral norte da Bahia e esporadicamente em Sergipe, Espírito Santo e Rio Grande do Norte. A temporada reprodutiva acontece entre dezembro e junho, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente durante a noite, para depositarem uma média de 122-125 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 203.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, e acredita-se que a população global esteja em declínio, embora alguns lugares apresentem sinais de recuperação com um aumento gradual no número de desovas. No Brasil, os principais sítios reprodutivos são as ilhas oceânicas, que registram em média 3600 (Trindade), 400 (Atol das Rocas), e 50-100 (Fernando de Noronha) ninhos por ano. No continente esse número varia entre 20 e 70 ninhos por ano.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta (filhotes e juvenis) e verduras escuras (juvenis e adultos). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Espécie altamente suscetível à fibropapilomatose, doença transmissível que leva à formação de tumores de pele que podem levar à cegueira ou inanição.



TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporkádica		Animais em reprodução (esporkádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Vulnerável
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Vulnerável
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Vulnerável
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

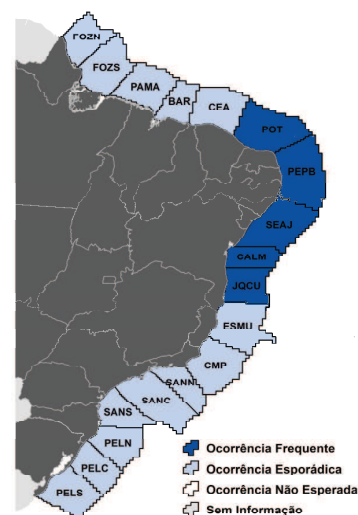
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 76.8 a 97.4 cm (até 114 cm). Massa corpórea: 80 kg (até 150 kg). A carapaça possui 4 pares de placas laterais sobrepostas, de coloração marrom. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares de pós-orbitais. O ventre é amarelo claro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita águas tropicais e com menor frequência águas subtropicais. Os juvenis distribuem-se na zona costeira nos litorais Norte-Nordeste do Brasil e, com menor frequência no Sul-Sudeste. As principais áreas de alimentação conhecidas são as ilhas oceânicas de Fernando de Noronha/PE e Atol das Rocas/RN. Além destas, o banco de Abrolhos/BA e a Ilha do Arvoredo/SC podem ser importantes áreas de alimentação para esta espécie. Estudos de monitoramento por satélite revelam que, após o período reprodutivo, fêmeas adultas migram próximas à costa entre o sul da Bahia e áreas de alimentação no Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são carnívoros, predando principalmente invertebrados e concentrando-se em recifes de corais. Além disso, possui hábito bastante especializado de predação de esponjas marinhas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os principais sítios reprodutivos estão localizados no norte da Bahia, em Sergipe, e em Pipa, Rio Grande do Norte. A temporada de reprodução concentra-se principalmente de novembro a março nas praias da Bahia e Sergipe, enquanto em Pipa, Rio Grande do Norte, se estende até abril. A desova é geralmente noturna e as fêmeas depositam em média 120-130 ovos, os quais são incubados pelo calor do sol e temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. Uma tendência de aumento considerável no número de ninhos nas praias de desova localizadas na Bahia, Sergipe e em Pipa/RN foi reportada em anos recentes (temporadas 1991/92 a 2005/06). As áreas de desova brasileiras registram cerca de 1.900 ninhos por temporada, sendo 80% no norte da Bahia e em Sergipe e 20% em Pipa/RN.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou outros). Ocasionalmente podem apresentar epibiontes (algas, cracas, etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Placas da carapaça podem formar bordos e pontas cortantes, devendo ser manuseadas com cuidado para evitar cortes.



TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)	●	●	●	●						○	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●						○	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●						○	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●						○	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●						○	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●						○	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●						○	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espordica		Animais em reprodução (espordica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Criticamente em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Em Perigo
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Criticamente em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

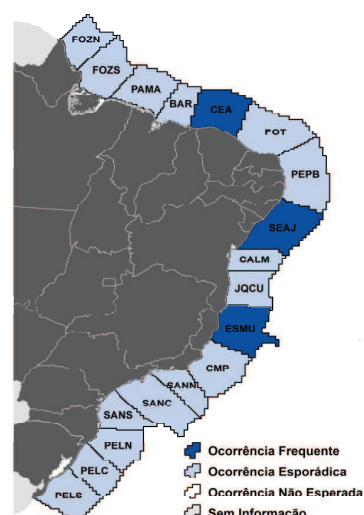
Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 73 cm (até 82 cm). Massa corpórea: 40 a 50 kg (até 60 kg). A carapaça possui de 5 a 9 pares (normalmente 6 pares) de placas laterais, geralmente assimétricas. A coloração dorsal é verde oliva e o ventre é amarelo claro. Cabeça com 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. É a menor dentre as espécies de tartarugas marinhas em águas brasileiras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Têm ampla distribuição pelas bacias oceânicas tropicais e subtropicais. Podem ser encontradas em ambientes pelágicos e costeiros, também em zonas estuarinas no nordeste do Brasil. Os estudos de telemetria indicam deslocamentos costeiros desde o Espírito Santo até o Pará, além de deslocamentos para regiões do Atlântico Equatorial.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são onívoros e podem utilizar áreas bastante distintas para se alimentar (zonas pelágicas ou neríticas). Por isso, apresentam uma alimentação bastante diversificada, provavelmente associada ao fundo, incluindo crustáceos, moluscos, peixes, briozoários e algas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A principal área de reprodução no Brasil compreende a região entre o litoral sul de Alagoas e o litoral norte da Bahia, com maior densidade de desovas no estado de Sergipe. O Espírito Santo é uma área secundária de desova. A temporada reprodutiva acontece entre setembro e março. A desova é solitária e geralmente noturna. Em cada ninho são depositados cerca de 100 ovos, sendo que podem depositar entre 1 a 3 ninhos a cada temporada reprodutiva, com intervalos de aproximadamente 22 dias entre posturas. Os ovos são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 800.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo que a população global está em declínio. Em Sergipe e na Bahia há registro de aumento significativo no número de ninhos a cada ano (temporadas de 1991/92 a 2002/03). Estima-se que existam cerca de 6710 ninhos da espécie no litoral brasileiro, incluindo Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (temporada de 2009/10).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie raramente é recebida para reabilitação, de modo que há menor conhecimento acerca das técnicas de reabilitação específicas para a espécie.



TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	⊙				⊙	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	⊙				⊙	●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Em Perigo
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Dermochelyidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

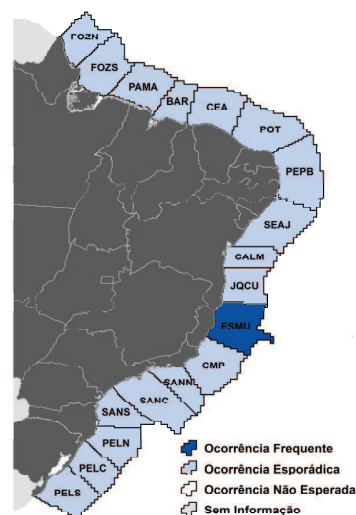
Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 139-182 cm (até 256 cm). Massa corpórea: 500 kg (até 916 kg). A carapaça possui 7 quilhas longitudinais e estão ausentes as placas. Sua coloração é negra com manchas brancas, azuladas e rosadas. A cabeça e as nadadeiras são recobertas de pele, estando ausentes placas ou escudos. A coloração do ventre é similar à carapaça porém com manchas mais claras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A espécie tem hábitat essencialmente oceânico, podendo ser encontrada em alto mar em águas tropicais, subtropicais e temperadas. Capturas incidentais na região oceânica foram registradas na região nordeste e, em maiores proporções, nas costas sudeste e sul do Brasil. Um grande número de capturas ocorre na região do entorno da Elevação de Rio Grande e região do talude, ao largo do sul do Brasil entre o Uruguai e Santa Catarina. Existem registros de captura em redes de deriva na região oceânica na latitude correspondente ao estado de São Paulo e em redes de emalhe costeiras no Rio de Janeiro e Espírito Santo.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são carnívoros, predando organismos gelatinosos como cnidários (águas-vivas) e ctenóforos encontrados normalmente em zonas pelágicas e também costeiras.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O litoral norte do Espírito Santo é a única área conhecida com desovas regulares no Brasil. Desovas secundárias podem ocorrer no litoral do Piauí. Desovas ocasionais já foram registradas em diversos estados do Brasil: Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Espírito Santo, a temporada de desova vai de setembro a março, com maior número de desovas em novembro e dezembro. As fêmeas desovam à noite e depositam em média 110 ovos por ninho, podendo realizar até 11 desovas numa mesma temporada reprodutiva.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam cerca de 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. A subpopulação do Brasil é restrita e considerada criticamente em perigo, devido ao pequeno tamanho da população e restrição quanto à distribuição geográfica, além da existência natural de flutuações no número anual de desovas, o que causa grandes variações no número de fêmeas que frequentam as praias a cada ano. No Espírito Santo são registrados, por ano, entre 100 e 200 ninhos, e estima-se que apenas entre 1 e 20 fêmeas desovem a cada temporada.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Animal de grande porte, tem dificuldade em sobreviver em cativeiro mesmo por curtos períodos, devido ao seu tamanho e à fragilidade da composição da sua carapaça (couraça), cabeça e nadadeiras. Particular atenção deve ser dada durante todo o transporte e contenção, em evitar que ocorram cortes e lacerações à carapaça do animal, e em manter a superfície corpórea do animal umedecida durante o transporte.



TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Dermochelyidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)	●	●	●						●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●						●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espordica		Animais em reprodução (espordica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Em Perigo
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Criticamente em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



BALEIA-AZUL

Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

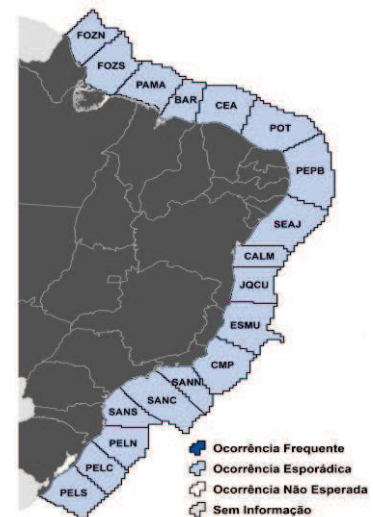
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 27-33 m. Massa corpórea: 110-190 t. Coloração azulada, com o rostró largo e em forma de "U", e presença de uma única crista dorsal mediana. Apresenta de 64 a 100 pregas ventrais que estendem-se até pouco depois do umbigo. A nadadeira dorsal é pequena e está localizada no último terço do corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie migratória, que possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). As poucas informações disponíveis para o Brasil sugerem que apresenta hábitos oceânicos na nossa costa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. A gestação dura de 11 a 12 meses, e apenas um filhote é criado a cada dois ou três anos. Este filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-fin (*Balaenoptera physalus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada entre 5.000 e 12.000 animais, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Existem poucos registros da baleia-azul na costa brasileira e tudo indica que esta espécie nunca foi abundante no país. Os registros de sua ocorrência advêm de 2 encalhes no Rio Grande do Sul (em 1955 e 1992) e de 6 animais avistados e/ou capturados por operações baleeiras entre 1948 e 1981 nos litorais da Paraíba e Rio de Janeiro. As rotas e destinos migratórios da espécie são desconhecidos no Atlântico Sul.



BALEIA-AZUL

Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



BALEIA-FIN
Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

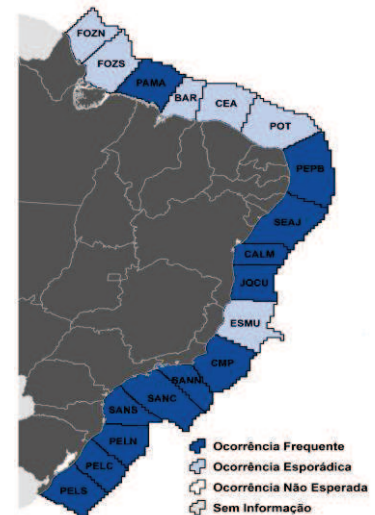
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 20-27 m. Massa corpórea: 50-90 t. Corpo esguio, cinza escuro no dorso e nas laterais e branco na região ventral. Apresenta de 50 a 100 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo e, às vezes, além dele. A coloração na cabeça é assimétrica, sendo cinza do lado esquerdo e branca do lado direito.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie migratória, que possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos pólos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). No entanto, as populações do Golfo da Califórnia, Mar da China Oriental e Mar Mediterrâneo são consideradas residentes. A baleia-fin pode atingir até 37 km/h e é um dos balenopterídeos mais velozes. No Brasil, a espécie apresenta hábitos oceânicos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. No Hemisfério Sul, os machos tornam-se maduros em torno dos 19 m, quando estão com 6-7 anos de idade, e as fêmeas em torno de 20 m, aos 7-8 anos. A gestação dura aproximadamente 11 meses e o filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-azul (*Balaenoptera musculus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 77.000 animais, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-fin é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira, apesar de ter sido capturada por baleeiros na Paraíba e Rio de Janeiro. Existem registros de enalhe da espécie no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Sergipe e Pará, e animais foram avistados por navios de sísmica nas Bacias de Santos e Camamu-Almada. As rotas e destinos migratórios desta população ainda são desconhecidos, mas supõe-se que a espécie migre para a Antártica.



BALEIA-FIN

Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



BALEIA-SEI

Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

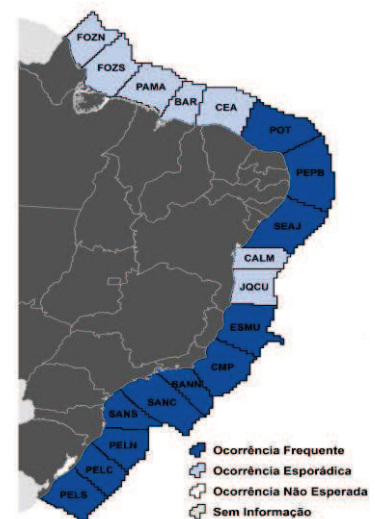
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 17.0-19.5 m. Massa corpórea: 30-40 t. Coloração do corpo cinza-escuro com uma área esbranquiçada no ventre, e nadadeira dorsal alta e falcada. Apresenta de 40 a 65 pregas ventrais que acabam antes do umbigo. Possui apenas uma crista mediana dorsal no rosto, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie migratória, que possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). Um animal marcado no Mar da Scotia, próximo da Antártica, foi capturado por baleeiros no Rio de Janeiro durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. É uma espécie oceânica, ocorrendo no Brasil em águas com mais de 3.000 m de profundidade.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae), copépodes, pequenos peixes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. Atingem a maturidade sexual aos dez anos, tendo sido observada nas fêmeas uma redução em 2-3 anos após a depleção pela caça comercial. A gestação dura de 11 a 12 meses e o filhote nasce com cerca de 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Estimativas apontam uma população mundial de aproximadamente 80.000 animais, mas há alguns apontam imprecisões nestes números, em parte pela espécie ter sido confundida com a baleia-de-Bryde. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Apesar de ter sido intensamente explorada por baleeiros, a baleia-sei ainda é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira. Há registros de encalhe no Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de avistamentos na Baía de Santos e entre os litorais do Rio Grande do Norte e Alagoas.



BALEIA-SEI

Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



BALEIA-DE-BRYDE

Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

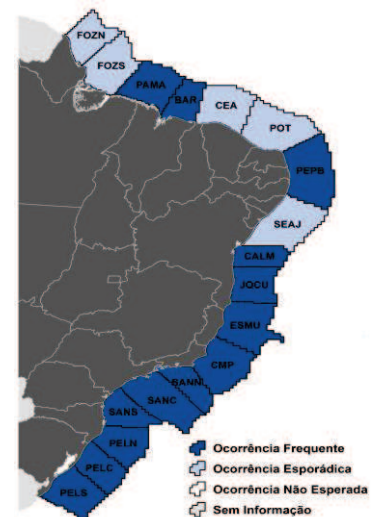
Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 13.0-16.5 m. Massa corpórea: 17-20 t. Coloração cinza-escuro dorsalmente, cinza claro nas partes laterais, e claro ou branco na região ventral. Apresenta de 40 a 70 pregas ventrais que podem alcançar ou ultrapassar a região do umbigo, características que juntamente com as três cristas no rosto auxiliam a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A baleia-de-Bryde é o único balenopterídeo que não migra, podendo permanecer na mesma área durante todo o ano, e seus deslocamentos parecem estar associados à abundância de presas. É uma espécie costeira com comportamento bastante críptico e natação veloz, o que dificulta sua observação no mar. No entanto, pode ser comumente avistada no litoral sudeste do Brasil, onde seu comportamento de caça com trocas bruscas de direção e movimentos circulares próximo à superfície é evidente.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, mas também krill (família Euphausiidae), copépodes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Costuma atingir a maturidade sexual quando ultrapassa os 11 metros de comprimento total, entre 8 e 11 anos de idade. A gestação dura entre 11 e 12 meses, seguidos por seis meses de lactação e seis meses de descanso.

POPULAÇÃO

Devido às dúvidas taxonômicas e confusão da espécie com a baleia-sei, não existem estimativas da população mundial desta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A taxonomia da baleia-de-Bryde é um assunto complexo e existem dúvidas sobre quantas espécies são reconhecidas. Análises genéticas e morfológicas recentes indicam que *Balaenoptera edeni* e *B. brydei*, esta considerada por muitos anos como sinônimo, podem ser espécies distintas. No entanto, ainda não foram realizados estudos aprofundados sobre o assunto para a costa brasileira, e apenas *B. edeni* tem sua ocorrência reconhecida para o país. A baleia-de-Bryde foi capturada por baleeiros no Rio de Janeiro e Paraíba, mas os números são imprecisos devido à confusão da espécie com a baleia-sei.



BALEIA-DE-BRYDE

Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Criticamente em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 8.5-10.7 m. Massa corpórea: 7.5-8.5 t. Cabeça estreita e pontuda, com apenas uma crista mediana dorsal. Apresenta de 44 a 47 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo. Nadadeira dorsal relativamente alta e falcada, localizada a um terço da parte posterior do corpo. Ausência de faixa branca bem definida nas nadadeiras peitorais, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie migratória, que possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas médias e baixas latitudes (nos trópicos). Dois animais marcados na Antártica (62° e 69° S) foram capturados por baleeiros na Paraíba durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. Apesar de ser normalmente avistada próximo à calota de gelo antártica, esta espécie possui hábitos oceânicos durante o período reprodutivo.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de inverno e primavera. Atinge a maturidade sexual aos oito anos, quando as fêmeas estão com 8,1 m e os machos, 7,6 m. A gestação dura 10 meses e o filhote nasce com cerca de 2,8 m, sendo amamentado por 4 ou 6 meses.

POPULAÇÃO

Uma estimativa sugere uma população mundial de aproximadamente 750.000 indivíduos. No entanto, tais números foram questionados recentemente devido à metodologia utilizada nos cruzeiros e novas estimativas em menor escala. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-minke-antártica foi intensamente explorada pela estação baleeira da Paraíba entre 1964 e 1985. Existem registros de encalhes e avistamentos desde o Amapá até o Rio Grande do Sul, mas ainda não há informações que permitam definir o status de conservação desta população atualmente. O efeito da redução da calota de gelo antártica pelas mudanças climáticas sob esta espécie permanece desconhecido, mas tem o potencial de afetá-la seriamente.



BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●	●	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●	●	○
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●	●	○
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●	●	○
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●	●	○
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●	●	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●	●	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●	●	○
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●	●	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●	●	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●	●	○
Campos (CMP)						●	●	●	●	●	●	○
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●	●	○
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●	●	○
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●	●	○
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●	●	○
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●	●	○
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●	●	○

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/espórádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (espórádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)

Criticamente em Perigo

Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)

Não Listada

Pará (Lista SECTAM 2006)

Não Listada

Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)

Não Listada

Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)

Não Listada

São Paulo (Livro Vermelho 2009)

Não Listada

Paraná (Livro Vermelho 2007)

Não Listada

Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)

Não Listada

Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)

Não Listada

Internacional (CITES 14/09/2014)

Apêndice I



CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Baixa

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 12 m (fêmeas), 18.3 m (machos). Massa corpórea: 45 t (fêmeas), 57 t (machos). Esta espécie apresenta o maior dimorfismo sexual entre os cetáceos. A cabeça retangular, com aproximadamente um terço do tamanho total do corpo, e o borrifo diagonal tornam o cachalote facilmente identificável no mar. Possui nadadeira dorsal pequena e triangular, coloração variada de preta a marrom, com pequenas regiões brancas ao redor da boca e no ventre. A pele é enrugada a partir da cabeça.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Apenas os machos adultos realizam movimentos migratórios até as altas latitudes, como a Antártica, durante o verão. No entanto, estes movimentos aparentam não ter um padrão tão regular como o dos mysticetos. As fêmeas e juvenis permanecem em grupos nas baixas latitudes (inferiores a 40-50°) o ano todo. Esta espécie habita águas oceânicas, com profundidade mínima de 1.000 m, onde realiza mergulhos de até 1 hora para capturar suas presas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e peixes mesopelágicos e demersais.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As fêmeas atingem a maturidade sexual a partir dos nove anos, com cerca de 9 m de comprimento, e a maturidade sexual dos machos pode ocorrer a partir dos 10 anos, mas são mais ativos sexualmente após os 20 anos. Estes costumam formar haréns e defendê-los ferozmente de outros machos durante a temporada reprodutiva. A gestação dura de 14 a 16 meses, e o filhote nasce com cerca de 3 m. Há uma média de 5 anos entre os nascimentos. Não existem informações sobre sazonalidade reprodutiva para a costa brasileira.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 360.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O cachalote foi intensamente explorado por baleeiros em todo o mundo, incluindo o Brasil, onde existem registros de encalhes e avistamentos para todos os estados litorâneos. Algumas áreas aparentam apresentar concentrações da espécie, como as Bacias de Camamu/Almada (BA), Espírito Santo e Santos (SP), e entre o Chuí (RS) e o Cabo de Santa Marta (SC).



CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:



Ocorrência frequente



Ocorrência irregular/espórádica



Ocorrência não esperada



Sem informação sobre ocorrência



Animais em reprodução



Animais em reprodução (espórádica)



Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Vulnerável
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



ORCA

Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESEÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Alta

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 6.5-8.0 m (fêmeas), 7.5-9.8 m (machos). Massa corpórea: 4.5-5.0 t (fêmeas), 7.5-9.0 (machos). A nadadeira dorsal dos machos adultos é alta e triangular, atingindo 1.8 m de altura, enquanto a das fêmeas e machos juvenis é falcada e atinge no máximo 90 cm de altura. Padrão de coloração preto e branco bem definido, com uma mancha elíptica branca pós-ocular e outra branco-acinzentada logo atrás da nadadeira dorsal. A região ventral é branca, estendendo-se da boca até a nadadeira caudal. Nadadeiras peitorais grandes, largas e ovaladas. Possui 10 a 14 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça arredondada e com rostró bastante curto, pouco definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca é o segundo mamífero com maior distribuição geográfica, logo após o ser humano. Pode ser encontrada em todos os oceanos, tanto em águas costeiras como tropicais, mas sua abundância é maior em altas latitudes. Vive em grupos familiares complexos, de base matrilinear, cujo tamanho pode variar de 2 a mais de 50 animais. Ocasionalmente, também são avistados indivíduos solitários.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos, tartarugas-marinhas, aves e outros mamíferos marinhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O período reprodutivo varia entre as populações e ainda não existem informações sobre o assunto para a costa brasileira. Os machos atingem a maturidade sexual por volta dos 15 anos, e as fêmeas, entre os 12 e 16 anos de idade. A gestação dura de 15 a 18 meses, e o filhote nasce com aproximadamente 2 m, ficando dependente da mãe por dois anos. O intervalo entre nascimentos é de aproximadamente 5 anos, e as fêmeas tem em média 5 filhotes viáveis ao longo de 25 anos de vida reprodutiva.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registros de encalhes e avistamentos da espécie para toda a costa brasileira, mas ainda não se sabe se os animais compõem uma ou várias populações. Estudos de monitoramento via satélite demonstraram que orcas da população antártica migram para o Uruguai e sul do Brasil possivelmente por razões fisiológicas relacionadas à temperatura da água. Há registros de interação da espécie com a pesca de espinhel e, inclusive, de um animal capturado acidentalmente e libertado no sul do Brasil. O uso de armas de fogo e arpão para tentar coibir as interações é relatado por pescadores. O manejo desta espécie no cativeiro requer bastante atenção por parte dos tratadores, pois existem casos de ataque e 4 fatalidades registradas neste tipo de ambiente.



ORCA

Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 3.3-5.0 m (fêmeas), 3.7-6.0 m (machos). Massa corpórea: 1-2 t. Corpo alongado e esguio, com coloração totalmente preta ou cinza escura. Presença de mancha cinza esbranquiçada na região ventral. Nadadeira dorsal falcada, localizada na metade do dorso, podendo atingir em torno de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, com uma curvatura na borda anterior. Possui de 7 a 12 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça relativamente pequena e estreita, sem rostro definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre predominantemente em águas oceânicas nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas quentes. No Brasil, existem registros de avistamentos e encalhes desde o Ceará até o Rio Grande do Sul. Isto inclui dois encalhes em massa, sendo um no Rio Grande do Sul e outro no Rio Grande do Norte. É uma espécie extremamente sociável e curiosa, formando grupos grandes e que geralmente acompanham embarcações. Há evidências de vínculos de longo prazo entre os indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros cetáceos (incluindo filhotes de grandes baleias).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 8 e 14 anos, e sugere-se que os machos atinjam alguns anos depois. A gestação dura cerca de 15 meses, e o filhote é amamentado por um período que vai de um ano e meio a dois anos.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A falsa-orca interage com a pesca de espinhel e há relatos de sua captura acidental em redes de pesca. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países, como o Japão, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frotas pesqueiras.



FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



ORCA-PIGMEIA

Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

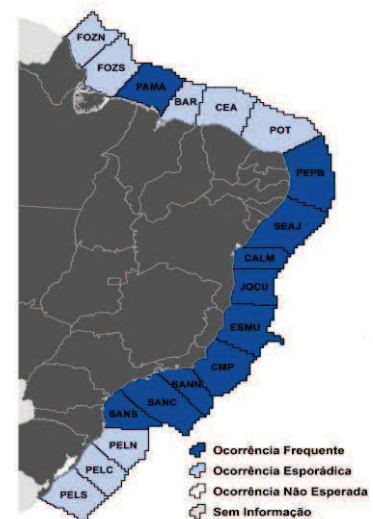
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.4 m (fêmeas), 2.7 m (machos). Massa corpórea: 150-200 kg (fêmeas), 170-222 kg (machos). Coloração do corpo preta, preta-azulada ou cinza-escura, com mancha frequentemente branca na boca, que não possui rostro definido. Esta mancha pode estender-se em linha até a região do umbigo. Nadadeira dorsal alta, falcada e posicionada no centro do dorso, alcançando cerca de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais alongadas, medindo entre 40 e 50 cm, e arredondadas nas extremidades. Possui de 8 a 12 pares de dentes na maxila e de 10 a 13 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca-pigmeia aparenta ser rara em toda a sua distribuição, que é basicamente tropical. Isto somado aos seus hábitos oceânicos e o comportamento de geralmente evitar embarcações, torna difícil a obtenção de informações sobre a espécie. Estudos feitos no Havaí sugerem que os vínculos entre indivíduos do grupo são fortes e estáveis, e que os animais apresentam alta fidelidade a algumas áreas ao redor de ilhas oceânicas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros pequenos cetáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução e não há dados que permitam verificar idade de maturação sexual ou padrões de sazonalidade.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

No Brasil, existem apenas três registros de encalhes nos estados do Maranhão, São Paulo e Rio de Janeiro, e seis registros de avistamentos no Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Há ainda um registro de captura acidental no litoral de São Paulo. O número pequeno não permite constatar padrões de sazonalidade na sua ocorrência. Orcas-pigmeias mantidas por um curto período de tempo em cativeiro no Japão, Havaí e África do Sul, demonstraram ter um comportamento agressivo com relação às outras espécies de cetáceos. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países asiáticos e caribenhos, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frota pesqueiras.



ORCA-PIGMEIA

Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-CURTAS

Globicephala macrorhynchus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



Flavia Carnelli



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.2 m. Massa corpórea: 65-121 kg. Coloração do corpo cinza, variando em tonalidades do claro ao escuro, com duas faixas laterais de coloração bem mais clara que a região dorsal do corpo. Ventre cinza-pálido ou branco, com tonalidade rosada acentuada em filhotes e juvenis. Corpo pequeno e compacto, com nadadeira dorsal pequena e triangular localizada no centro do dorso. Cabeça com rostro bem definido, estreito e ligeiramente alongado, sendo a mandíbula pouco maior do que a maxila. Possui de 30 a 36 pares de dentes na maxila e de 24 a 38 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre desde Honduras até a Baía Norte de Florianópolis, em Santa Catarina, Brasil. Habita águas costeiras, geralmente até a isóbata de 20 m, e normalmente é encontrado em baías e estuários. O ponto de avistamento mais longínquo da costa registrado está no Banco dos Abrolhos, Bahia, devido às águas rasas pelo alargamento da plataforma continental. Possui comportamento arisco, evitando aproximar-se de embarcações, e vive em grupos cujo tamanho normalmente varia de 2 a 60 animais. Há registro de agregações com centenas de indivíduos nas Baías de Sepetiba e Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos atingem a maturidade sexual aos 7 anos e com aproximadamente 1,75 m de comprimento, e fêmeas, aos 6 anos com 1,65 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com cerca de 90 cm, sendo amamentado por 9 meses. O ciclo reprodutivo é de 2 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas há evidências de declínio em algumas populações ao longo da costa brasileira. Na Baía de Guanabara, por exemplo, a população declinou de 400 animais estimados em 1991 para cerca de 40 atualmente. A tendência populacional da espécie no Brasil é considerada em declínio, mas é desconhecida no âmbito mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Sotalia guianensis era considerado ecótipo marinho de *S. fluviatilis* até o início do século XXI, quando análises genéticas e morfológicas demonstraram a distinção entre as duas espécies e permitiram datar tal divergência em cerca de 5 milhões de anos atrás. *S. guianensis* é mantida em cativeiro na Colômbia, mas a espécie apresenta baixa adaptabilidade a este tipo de ambiente. Existem evidências de captura intencional desta espécie no litoral norte e nordeste do Brasil.



BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Quase Ameaçada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Quase Ameaçada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Vulnerável
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



TUCUXI

Sotalia fluviatilis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Quase Ameaçada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.4-1.5 m. Massa corpórea: 45-53 kg. Coloração do dorso cinza-escuro azulada, com o ventre cinza pálido, branco ou rosado. Corpo pequeno e compacto, com nadadeira dorsal pequena e triangular localizada no centro do dorso. Cabeça com rosto bem definido, estreito e ligeiramente alongado, sendo a mandíbula pouco maior do que a maxila. Possui de 30 a 35 pares de dentes na maxila e de 29 a 34 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Apresenta distribuição fluvial, sendo endêmica da bacia Amazônica e não ocorrendo na bacia dos rios Araguaia-Tocantins. Ocupa áreas de floresta alagada, mas prefere áreas abertas e sem vegetação. Está presente no estuário do rio Amazonas, mas seus limites de ocorrência nesta área não são conhecidos. Possui comportamento arisco, evitando aproximar-se de embarcações, e vive em grupos cujo tamanho varia de 2 a 20 animais. Apresenta um tipo de sociedade fissão-fusão e pode permanecer na mesma área por mais de 10 anos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução é sincronizada com o ciclo hidrológico da Amazônia, com os filhotes nascendo na estação seca, entre setembro e novembro. A gestação é estimada entre 10 e 11 meses e o filhote nasce com cerca de 75-80cm de comprimento. O período de amamentação não é conhecido. O intervalo entre os nascimentos é de aproximadamente 3 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas a espécie aparenta ser abundante ao longo da sua distribuição. Sua tendência populacional no Brasil é considerada em declínio, mas é desconhecida no âmbito mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Existem registros de captura acidental do tucuxi em redes de pesca e do uso destas carcaças como isca na pesca da piracatinga. A espécie também é extremamente vulnerável à alteração e fragmentação do habitat provocada pela construção de hidrelétricas. Tucuxis já foram capturados e transportados para ambiente cativo, mas demonstraram ser extremamente sensíveis ao cativo e faleceram pouco tempo depois.



TUCUXI

Sotalia fluviatilis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Quase Ameaçada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.9-2.3 m. Massa corpórea: 120-143 kg. O padrão de coloração possui três elementos distintos, sendo cinza-escuro no dorso, cinza-claro nos flancos e branco no ventre. O corpo apresenta pintas que vão surgindo conforme o crescimento do animal. Cabeça com rosto bem definido, robusto e ligeiramente comprido. O melão é bem demarcado do rosto. Os lábios e extremidade do rosto são brancos nos adultos. Nadadeira dorsal alta, falcada e com base larga, posicionada no centro do dorso. Possui de 32 a 42 pares de dentes na maxila e de 30 a 40 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica do oceano Atlântico, habitando águas costeiras e oceânicas de regiões tropicais e temperadas quentes. Existem duas populações na costa brasileira, isoladas por um hiato de 1.500 km entre os estados da Paraíba e Espírito Santo. Tende a formar grupos numerosos, de até 250 indivíduos, e pode associar-se com outras espécies, como o golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e o golfinho-rotador (*Stenella longirostris*). Costuma ser curioso e se aproxima de embarcações.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estima-se que as fêmeas atinjam a maturidade sexual entre 8 e 15 anos de idade. Tal informação ainda não é conhecida para os machos. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote mede entre 0,76 e 1,2 m ao nascer. O cuidado parental pode perdurar por até 5 anos, e o intervalo médio dos nascimentos é de 3 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas levantamentos sugerem que o golfinho-pintado-do-Atlântico é a espécie do gênero *Stenella* mais avistada nas Bacias de Campos (RJ) e de Santos (SP). Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Stenella plagiodon é uma sinonímia para esta espécie. O golfinho-pintado-do-Atlântico é extremamente sensível ao cativeiro e nunca foi mantido com sucesso. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países caribenhos.



GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/esporádica		Animais em reprodução (esporádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Deficiente em Dados
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.3 m. Massa corpórea: 60-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escura iniciando-se na porção superior da cabeça e cobrindo todo o dorso. Possui outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do olho sobre os flancos, e uma faixa branca que se inicia na mandíbula e termina logo após a região genital. Corpo esguio com rostro longo, estreito e bem definido. A nadadeira dorsal é triangular e levemente falcada na porção posterior, posicionada no centro do dorso. Possui de 40 a 65 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre em águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos, entre 40°N e 40°S. Tem hábito pelágico, com preferência por ilhas oceânicas. No Brasil, provavelmente ocorre por toda a costa, com registros de avistamentos ou encalhes desde o Pará até o Rio Grande do Sul, e nas ilhas de Fernando de Noronha, Atol das Rocas e São Pedro e São Paulo. Possui um amplo repertório de atividades aéreas e formam grandes grupos sem uma estrutura fixa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A população brasileira aparenta ter padrão reprodutivo difuso, porém com dois picos de nascimentos: um em abril-maio e outro em setembro-outubro. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 4 e 7 anos, medindo de 1,65 a 1,70 m, e os machos, entre 7 e 10 anos, com comprimento de 1,60 a 1,80 m. A gestação dura, em média, 10,5 meses e o período de amamentação estende-se por aproximadamente 3 anos. O intervalo dos nascimentos varia de 3,3 a 3,9 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Houve tentativas de manter a espécie em cativeiro, mas estas fracassaram devido à extrema sensibilidade do golfinho-rotador a este tipo de ambiente. A espécie é alvo de captura intencional na África, Caribe e Sudeste Asiático, e também é afetada pela pesca de atuns com espinheis na região oceânica do nordeste, a pesca de emalhe na região sudeste e a pesca de arrasto e o turismo náutico em Fernando de Noronha. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também representa uma potencial ameaça.



GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	●	●	○	○	○	●	●	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Deficiente em Dados
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.0 m. Massa corpórea: 70-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escuro no dorso que arredonda-se abaixo da nadadeira dorsal, outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do rostro sobre os flancos e ventre branco, que pode apresentar tonalidades rosadas. Rostro bem definido, ligeiramente comprido e com extremidade e lábios pretos. Nadadeira dorsal alta e levemente falcada ou triangular, localizada no centro do dorso. Possui de 39 a 52 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica das águas tropicais e subtropicais do oceano Atlântico, e pode ser encontrada tanto sobre como além da plataforma continental. No Brasil, ocorre provavelmente em toda a costa e há registros de avistamentos ou encalhes desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul. No entanto, é mais comum na região nordeste. São animais ativos, que costumam acompanhar embarcações e vivem em grandes grupos, que podem conter até 200 indivíduos. Estes grupos parecem ser segregados por sexo e idade. Às vezes, associa-se com golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*) e golfinhos-comuns (*Delphinus delphis*).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução. Machos e fêmeas atingem a maturidade sexual com 1,8 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas a espécie não é abundante. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há relatos da interação da espécie com a pesca a partir de registros de indivíduos presos em rede de deriva no sudeste do Brasil, entretanto, esses são escassos e podem não apresentar um grande risco à espécie. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também pode representar uma ameaça. O golfinho-clímene é ocasionalmente capturado de forma intencional no Caribe e oeste da África.



GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



BOTO-VERMELHO

Inia geoffrensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Iniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Baixa

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

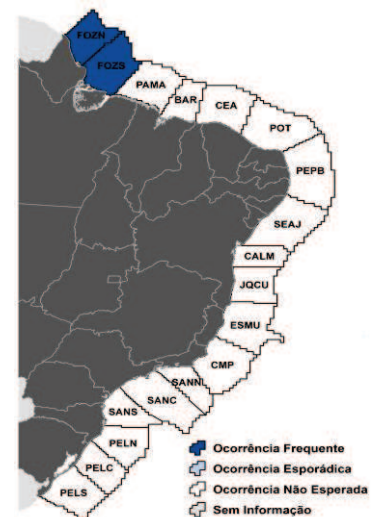
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.0-2.5 m. Massa corpórea: 153-207 kg. Os machos são maiores do que as fêmeas. Coloração do corpo variando do cinza ao rosado. Corpo robusto com cabeça relativamente grande, e melão bulboso pequeno que se contrai por ação muscular. O rosto é longo e cilíndrico, apresentando vibrissas. Nadadeira dorsal baixa e alongada, estendendo-se em forma de quilha do centro do dorso até próximo da cauda. Nadadeiras peitorais ligeiramente triangulares e curvadas na extremidade. Possui de 27 a 30 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Recentemente, outra espécie de boto-vermelho, *Inia araguaiaensis*, foi descrita para o Brasil. Sua distribuição está restrita à bacia dos rios Araguaia-Tocantins. *Inia geoffrensis* ocorre nos rios da bacia Amazônica, seus tributários e lagos, e chega até a foz do Amazonas, no Pará. Há registros de avistamentos da espécie na Ilha do Marajó e nos manguezais e estuário do rio Cassiporé, no Amapá. Pode ser avistado solitário ou em grupos de até 4 animais. Alguns indivíduos são residentes e permanecem numa mesma área durante todo o ano.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

É a única espécie de mamífero aquático a apresentar display sexual, onde machos adultos utilizam objetos como galhos, rochas, argila entre outros, para cortejar a fêmea. Os machos atingem a maturidade sexual entre 8 e 10 anos, medindo aproximadamente 1,9 m, enquanto que as fêmeas começam a se reproduzir a partir dos 7 ou 8 anos de idade, medindo entre 1,7 e 1,8 m. A gestação dura 11 meses e o filhote nasce com cerca de 85 cm. O período de amamentação varia de 2 a 3 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas a nível mundial, mas a maior parte da população do boto-vermelho está em território brasileiro. Em alguns locais, como entre os rios Japurá e Solimões na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, estima-se uma redução de 10% ao ano desde 2000. Sua tendência populacional no Brasil é de declínio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O boto-vermelho é alvo de captura intencional para ser utilizado como isca na pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*). Estima-se, com base em dados de desembarque do peixe, que cerca de 1.650 botos foram capturados em 2005 para uso como isca próximo a cidade de Tefé. Essa estimativa foi obtida considerando que 1000 ton de piracatinga foi desembarcada na cidade, que um boto em média captura 300 kg de piracatinga, e que somente a metade do desembarque foi capturado usando isca de boto. A degradação ambiental por assoreamento dos rios, poluição, modificação e fragmentação do habitat devido à construção de usinas hidrelétricas também constituem uma ameaça à espécie. Existem 4 espécimes cativos de boto-vermelho mantidos na Alemanha, Peru e Venezuela.



BOTO-VERMELHO

Inia geoffrensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Iniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						☉	●	●	●	☉		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						☉	●	●	●	☉		
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal são pequenas. Coloração do corpo variando entre preto a azul-acinzentado, clareando na região ventral. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal pequenas. Cabeça retangular, mais cônica em jovens, e há presença de um falso opérculo logo atrás dos olhos. Possui de 12 a 16 pares de dentes pontiagudos na mandíbula e raramente apresenta dentes nas maxilas. Diferenciação de *Kogia sima* é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-pigmeu em vida livre. Costumam ser avistados em duplas ou solitários, e o maior grupo registrado continha 6 indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. Na África do Sul, o acasalamento parece ocorrer de abril a setembro e os nascimentos, entre março e outubro. Atinge a maturidade sexual aos 5 anos de idade e os filhotes nascem com aproximadamente 1,2 m de comprimento, após uma gestação de 11 meses.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A maior parte das informações sobre esta espécie advém de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. Existem registros de encalhe para a costa brasileira desde o Rio Grande do Sul até o Ceará. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-pigmeu é alvo de captura intencional em alguns países.



CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

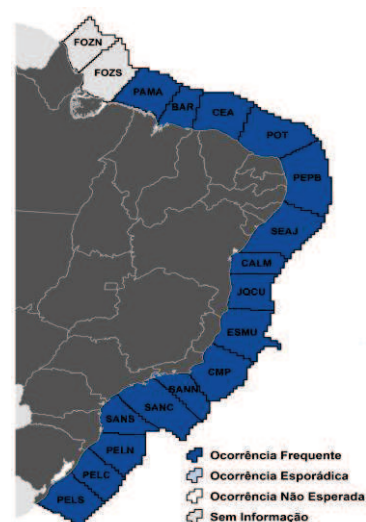
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Coloração do corpo variando entre negro a azul-acinzentado, clareando na região ventral, onde se observa uma coloração branco-acinzentada, e às vezes rósea. Nadadeiras peitorais pequenas, posicionadas bem próximo do corpo e localizadas perto da cabeça. A nadadeira dorsal é alta, mais que 5% do comprimento do corpo, e mais próxima do centro do dorso do que em *K. breviceps*. Possui de 7 a 12 pares (raramente mais de 13) de dentes pontiagudos na mandíbula. Raramente apresenta dentes nas maxilas porém em alguns casos pode apresentar mais de três dentes vestigiais. Diferenciação de *Kogia breviceps* é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Os registros de encalhes sugerem que o cachalote-anão apresenta uma distribuição mais tropical do que o pigmeu (*K. breviceps*). Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-anão em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 anos de idade e 2,15 m de comprimento, e os machos com 2,9 anos e 1,97 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com aproximadamente 1,2 m.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial, mas uma estimativa para o leste do Pacífico tropical sugere cerca de 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Kogia simus é considerada uma sinonímia para esta espécie. Uma análise genética recente sugere a existência de pelo menos duas espécies distintas de cachalote-anão: uma no oceano Atlântico e outra no Indo-Pacífico. No entanto, esta análise não incluiu nenhuma amostra proveniente de animais da costa do Brasil ou sudoeste do Atlântico, portanto o *status* taxonômico do cachalote-anão no Brasil é ainda desconhecido. As informações advêm de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. No Brasil, são conhecidos encalhes da espécie desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-anão é alvo de captura intencional em alguns países.



CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Alta

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

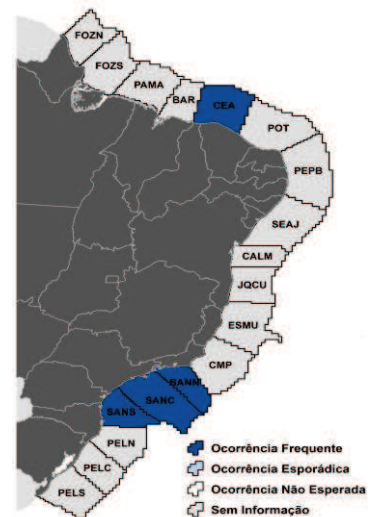
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Média

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.2-5.2 m. Massa corpórea: 600-1200 kg. As fêmeas são ligeiramente maiores do que os machos. Corpo fusiforme com coloração cinza-escuro no dorso e metade posterior do flanco. Região ventral cinza-esbranquiçada. Cabeça pequena com rostro bem definido e relativamente longo, mas com pouca demarcação do melão. Nadadeira dorsal pequena, triangular e ligeiramente falcada, posicionada a cerca de dois terços do comprimento total. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam em uma leve depressão no flanco. Possui um par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, encontrada nas águas tropicais e temperadas quentes do oceano Atlântico. Era considerada uma espécie endêmica do hemisfério norte até pouco tempo atrás, quando houve o registro de 3 encalhes para a costa brasileira, sendo 2 no Ceará e 1 em São Paulo. Por se tratar de um animal pelágico e que evita a aproximação de embarcações, pouco se sabe sobre a baleia-bicuda-de-Gervais em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre a sua reprodução. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Análises de conteúdos estomacais indicam a ingestão de plásticos, sugerindo uma ameaça em potencial. O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.



BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Deficiente em Dados
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice II



PEIXE-BOI-MARINHO

Trichechus manatus

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

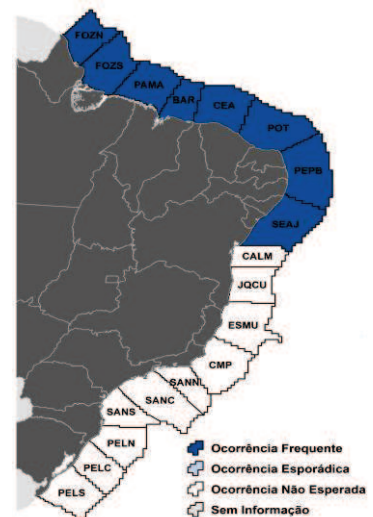
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.5 m. Massa corpórea: 600 kg. Corpo de formato fusiforme, dorso ventralmente achatado, com coloração acinzentada à marrom. Possui duas nadadeiras peitorais e uma nadadeira caudal com formato arredondado. As nadadeiras peitorais são curtas e possuem quatro unhas, característica que os distingue do peixe-boi-amazônico (*Trichechus inunguis*).

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre desde a Flórida, nos Estados Unidos, até o estado de Alagoas, no Brasil. É considerado extinto na natureza no Espírito Santo e Bahia. No entanto, sua distribuição é descontínua, com um hiato no litoral norte do Rio Grande do Norte. Habita manguezais, estuários, águas costeiras rasas e pode frequentar até rios. Costumam ser observados solitários, podendo formar agregações durante a reprodução e em refúgios de águas quentes (nos Estados Unidos).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de plantas aquáticas e semi-aquáticas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No cativeiro, atingem a maturidade sexual entre os 3 e 4 anos, mas só se reproduzem com sucesso entre 5 e 8 anos de idade. A gestação dura 13 meses e costuma nascer um único filhote, com raros casos de gêmeos. O filhote mede aproximadamente 1,30 m ao nascer e o período de amamentação é de 2 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas a nível mundial, mas estima-se que a população brasileira seja de aproximadamente 500 indivíduos. A diversidade genética é baixa e não se sabe exatamente qual o nível de isolamento dos indivíduos ao longo da costa. Sua tendência populacional é em declínio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registro de híbridos com o peixe-boi-amazônico (*T. inunguis*). Esta é vulnerável à perda e degradação do habitat, atropelamentos por embarcações velozes, e também é alvo de captura intencional na América Central, Caribe e costa norte da América do Sul (incluindo o Brasil). O peixe-boi-marinho é mantido com sucesso em cativeiro, e existem animais criados e reintroduzidos no habitat natural ao longo de sua área de ocorrência, incluindo o Brasil.



PEIXE-BOI-MARINHO

Trichechus manatus

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●					●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●					●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●					●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espóradica		Animais em reprodução (espóradica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Criticamente em Perigo
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I



PEIXE-BOI-AMAZÔNICO

Trichechus inunguis

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À
PRESENÇA HUMANA

Média

PERICULOSIDADE
PARA HUMANOS

Baixa

SUSCETIBILIDADE
AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
DIRETA AO ÓLEO

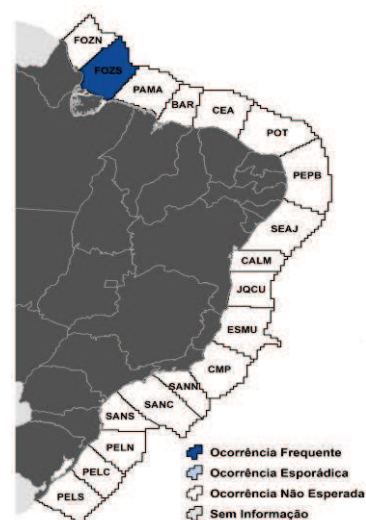
Média

SENSIBILIDADE
INDIRETA AO ÓLEO

Alta

SENSIBILIDADE
AO CATIVEIRO

Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.7 m. Massa corpórea: 420 kg. Corpo de formato fusiforme, dorso ventralmente achatado, com coloração cinza-escura à preta. Presença de uma mancha branca ou rosada no ventre. Possui duas nadadeiras peitorais e uma nadadeira caudal com formato arredondado. As nadadeiras peitorais são curtas e não possuem unhas, característica que os distingue do peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*).

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre nos rios da Bacia Amazônica, sendo encontrado no Peru, Colômbia, Equador e Brasil. No Brasil, encontra-se distribuído até a foz do rio Amazonas, onde é simpátrico com o peixe-boi-marinho (*T. manatus*). Habita principalmente áreas de várzea, locais de maior disponibilidade de alimento, e desloca-se para lagos e canais mais profundos dos rios na estação seca. Costumam ser observados solitários, podendo formar agregações durante a reprodução e a estiação.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de plantas aquáticas e semi-aquáticas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A maturidade sexual é estimada em pelo menos 6 anos, quando atingem 1,95 m de comprimento. A gestação dura aproximadamente 12 meses, nascendo normalmente um filhote, que é amamentado por 2 anos. O intervalo entre os nascimentos é de no mínimo 3 anos.

POPULAÇÃO

Uma estimativa de 1977 sugere uma população mínima de 10.000 indivíduos para toda a Bacia Amazônica, mas devido ao comportamento críptico e turbidez das águas nessa região, não há estimativas recentes confiáveis. Uma análise do DNA mitocondrial estimou que a população de fêmeas seja de aproximadamente 454.600 animais, e que não há sinais de fragmentação ou efeito de gargalo populacional. No entanto, outras evidências mostram que sua tendência é de declínio devido à reprodução lenta e a caça ilegal, que ainda persiste.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registro de híbridos com o peixe-boi-marinho (*T. manatus*). A espécie é alvo de captura intencional nos países onde ocorre, e também sofre com capturas acidentais em redes de pesca. Outras ameaças são a degradação do habitat em virtude dos desmatamentos, assoreamento nas margens e construções de hidrelétricas, que contribuem para a fragmentação e o isolamento de populações. A espécie é bastante sensível a ruídos, e o aumento do tráfego de embarcações pode afetá-la. O peixe-boi-amazônico é mantido com sucesso em cativeiro, e existem animais criados e reintroduzidos no habitat natural em território brasileiro.



PEIXE-BOI-AMAZÔNICO

Trichechus inunguis

Sirênios (Sirenia: Trichechidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●								●	●
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

	Ocorrência frequente		Animais em reprodução
	Ocorrência irregular/espórádica		Animais em reprodução (espórádica)
	Ocorrência não esperada		Sem informações
	Sem informação sobre ocorrência		

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Vulnerável
Nacional (Portaria MMA nº. 444/2014)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Em Perigo
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I

Apêndice C (Módulo V)

Procedimentos genéricos para atendimento à fauna


Técnico Responsável

Revisão 00
09/2019

1. INTRODUÇÃO

As equipes envolvidas nas ações de resposta possuem conhecimentos e atribuições distintas com relação ao tratamento de fauna oleada.

Os profissionais destacados para compor as equipes apresentadas possuem conhecimentos especializados, para tanto recebem o treinamento para executar suas funções no momento da emergência (caso dos voluntários). As orientações destinadas a estas equipes, por serem particulares a sua função foram destacadas em fichas, apresentadas no item dois deste apêndice.

Por outro lado, o foco das equipes de proteção e limpeza de áreas vulneráveis e de operações no mar é a remoção do óleo da superfície do mar de forma a evitar que atinja locais sensíveis. Essas equipes eventualmente entram em contato com a fauna existente, oleada ou não, nas redondezas da sua área de atuação. Em função desta possibilidade, é necessário que as equipes tenham ciência de como proceder. Para tanto o item três deste procedimento apresenta tais orientações.

2. FICHAS PARA ORIENTAÇÃO DAS EQUIPES DE RESPOSTA A FAUNA OLEADA

As orientações para definição e aplicação métodos (afugentamento, captura preventiva, transporte, estabilização e reabilitação) por grupos são apresentadas neste apêndice.

As fichas foram elaboradas para orientar as equipes envolvidas nas atividades e podem ainda ser utilizadas para treinamento de seus componentes. Para facilitar seu manuseio as mesmas foram divididas de acordo com o local de sua utilização:

- Equipes de Campo, pelas equipes responsáveis pela dissuasão; captura (preventiva ou não); estabilização Inicial e preparação e transporte dos animais; e
- Equipes dos centros e unidades de manejo e reabilitação, que responsáveis pelos primeiros socorros; exames de ingresso; estabilização; limpeza; manejo dos animais; e liberação.

A tabela 2-1 abaixo sintetiza as informações apresentadas neste apêndice.

Tabela 2-1- Fichas orientativas deste apêndice

Grupo	Ficha para Equipes de Campo	Ficha para Equipes dos centros
Aves Marinhas	Diretrizes para Atendimento no Campo de Aves Marinhas Oleadas	Diretrizes para Manejo e Reabilitação de Aves Marinhas Oleadas
Mamíferos Marinhos	Diretrizes para Atendimento no Campo de Mamíferos Marinhos Oleados	Diretrizes para Manejo e Reabilitação Cetáceos Oleados
		Diretrizes para Manejo e Reabilitação de Sirênios Marinhos Oleados
Quelônios Marinhos	Diretrizes para Atendimento no Campo de Quelônios Marinhos Oleados	Diretrizes para Manejo e Reabilitação de Quelônios Marinhos Oleados


Técnico ResponsávelRevisão
09/2019

AVES MARINHAS E COSTEIRAS



DIRETRIZES PARA ATENDIMENTO NO CAMPO DE AVES MARINHAS OLEADAS

Orientações para Dissuasão / Afugentamento

A avifauna é o grupo com mais técnicas conhecidas e descritas para o afugentamento. A decisão da utilização destas técnicas será feita com base na metodologia proposta por Gorenzel e Salmon (2008) e em conjunto com o órgão ambiental e com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE, sediado no município de Cabedelo, no estado da Paraíba. Para evitar a redução na eficácia das estratégias de dissuasão aplicadas devem ser utilizadas técnicas combinadas, bem como a variação das mesmas ao longo do tempo, evitando assim a dessensibilização (habituação) da fauna. A seguir, são apresentados prós e contras dos principais métodos de afugentamento, de acordo com o Manual "Best practices for migratory Bird care during oil spill response" da United States Fish and Wildlife Service.

MÉTODO	FUNÇÃO	PRÓS	CONTRAS
Detonadores a base de gás	Produz sons de explosão, podendo determinar o espaço de tempo entre as detonações.	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizado onshore e offshore; - Abrange grandes áreas; - Facilidade (recarga e manuseio); - Efetivo pra dia e noite; - Baixo custo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas espécies se acostumam rapidamente; - Pouco eficiente para aves costeiras; - Incômodo auditivo para moradores e pessoal de campo.
Pirotecnia	Produção de sons de explosão associados a efeitos de luzes.	<ul style="list-style-type: none"> - Efetivo dia e noite; - Facilmente operado perto de aves marinhas; - Eficaz em mar aberto e terra; - Baixo custo 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca duração dos efeitos- Pouco eficaz com gaivotas e aves marinhas; - Potencialmente perigoso em locais com produtos voláteis e para os operadores.
Aeronaves	Utilização de aeronaves, especialmente helicópteros.	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilidade e alcance; - Eficaz com gansos; - Requer poucas pessoas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Risco (colisão com aves); - Pouco eficiente em locais atrativos, como áreas de alimentação ou nidificação; - Ineficaz à noite;
Barcos	Utilização de embarcações para dispersão de aves.	<ul style="list-style-type: none"> -Atuação longe da costa; - Eficaz para maioria das espécies; - Requer pouco pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Depende de condições de mar; - Capacidade limitada para localizar aves; - Difícil direcionamento das aves dispersas; - Não eficaz para aves mergulhadoras.
Quadrículos	Utilizado em terra para afugentamento de aves.	<ul style="list-style-type: none"> - Eficaz para cobrir áreas maiores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Limitado as aves em terra e ao período diurno;- Risco de danificar alguns habitats.
Geradores de sons eletrônicos	Gera sons eletronicamente, na faixa audível de aves.	<ul style="list-style-type: none"> - Útil para todos os ambientes; - Rápida implantação; - Eficaz em grandes áreas; - Menos condicionamento das aves (produz diferentes sons); - Operável dia e noite; - Fácil manuseio e alta resistência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca eficiência em áreas onde aves estão habituadas a altos ruídos; - Duração das baterias (± 72 horas); - Necessita de barco ou helicóptero; - Eficácia reduzida durante fortes ventos; - Requer monitoramento constante; - Perturbador (moradores e eq. de campo); - Alto custo.
Balões e Bandeiras	Balões de gás hélio; Bandeiras de folhas ou pano.	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo custo; - Prontamente disponível; 	<ul style="list-style-type: none"> - Habituação rápida; - Ineficaz à noite.
Espantalhos e modelos de predador	Espantalhos ou modelos de aves de rapina utilizados em combinação com sons altos.	<ul style="list-style-type: none"> - Prontamente posto em prática; - Remobilizado facilmente; - Eficaz em tempo bom ou ruim; - Baixo custo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa eficácia a luz do dia, exceto se combinado com sons; - Habituação rápida por pássaros; - Pequena área de eficácia (± 100m).

Refletores e espelhos	Dispositivos refletores.	- Baixo custo; - Fácil aquisição.	- Pode ter efeito de atração; - Ineficaz à noite.
------------------------------	--------------------------	--------------------------------------	--

Orientações para Captura Preventiva

A captura preventiva só poderá ser decidida no momento do acidente, por pessoal capacitado, a partir da avaliação do local e das espécies envolvidas.

Não é aconselhado a captura de aves marinhas em colônias de reprodução.

A captura preventiva possui limitações espécie-específicas, e a segurança do pessoal envolvido e dos animais são prioridade.

A diminuição do estresse de captura deve ser focada. Para isso, deve-se possuir os equipamentos necessários para captura a disposição, a fim de diminuir o tempo de manejo dos animais, minimizar o número de veículos terrestres, marinhos e aéreos próximo a área de captura, diminuir ruídos desnecessários, nunca perseguir uma ave até sua exaustão e limitar-se ao contato humano mínimo necessário com o animal.

As técnicas utilizadas para captura preventiva são as mesmas utilizadas em pesquisas e marcação de aves saudáveis, como a rede de neblina ou canhão de rede, ou ainda formação de currais para aves não voadoras.

Orientações para Captura

Deve-se considerar a captura dos exemplares atingidos ainda na água ou na beira da praia.

A captura das aves na beira da praia pode ser considerada para aves em duas situações:

- Aves debilitadas em função da contaminação, que saem da água para refugiar-se: nesses casos as aves estão com menos mobilidade e podem ser capturadas manualmente, com auxílio de toalhas e puçás;
- Aves com parte do corpo coberto por óleo, mas continuam com suas atividades naturais (deslocamento, alimentação e repouso). Existem técnicas específicas para a captura de aves na beira da praia, tais como: redes de neblina, redes de canhão, armadilhas e formação de currais (para aves não voadoras), que podem capturar animais saudáveis no ambiente natural. No entanto, a captura desses indivíduos, bem como a técnica a ser utilizada para tal, será uma decisão conjunta com o órgão ambiental e CEMAVE/ICMBio.

Orientações para Estabilização Inicial

As aves podem permanecer temporariamente na Unidade de Estabilização Remota.

Cuidados Recomendados: As aves devem ser hidratadas, por via oral sempre que possível limpeza das vias aéreas e olhos, controlar a temperatura corporal do animal, mantê-las em caixas de papelão ou caixas de transporte de animais tipo Kennel.

Orientações para Transporte

O transporte das aves contaminadas deve ser realizado em caixas de papelão, com furos laterais para ventilação, ou em caixas de transporte de animais tipo Kennel, com tamanho condizente com o do animal.

Os exemplares devem ser transportados preferencialmente em caixas individuais, mas quando isso não for possível, deve-se assegurar que as espécies mantidas juntas são compatíveis.

As aves podem ser transportadas em veículos climatizados, em embarcações ou aeronaves dependendo das características do local de partida e suas principais vias de acesso.

AVES MARINHAS E COSTEIRAS



DIRETRIZES PARA MANEJO E REABILITAÇÃO DE AVES MARINHAS OLEADAS

Orientações Primeiros Socorros

É importante considerar que aves oleadas não devem ser submetidas ao banho imediatamente após sua admissão, devendo passar por um período de estabilização de suas condições vitais e terapia suporte para apenas serem sujeitas ao banho quando estiverem suficientemente recuperadas.

Após o resgate, deve-se remover delicadamente o excesso de óleo dos olhos, narinas e cavidade oral, proporcionando um maior bem-estar ao indivíduo, controlar a temperatura interna, hidratá-lo e acomodá-lo em caixas de papelão com furos para ventilação.

Orientações para Exames de Ingresso

Determinação da condição corporal, pesagem, coleta de sangue e observação de doenças infecto-contagiosas.

Orientações para Estabilização

Este processo consiste no reestabelecimento das condições básicas de saúde do animal. Os principais passos são:

- Hidratação - Pode ser realizada através da administração de NaCl 0,9% pelas vias subcutânea ou oral, de acordo com o estado de cada animal, orienta-se a hidratação subcutânea para aves que não mantenham a cabeça em pé voluntariamente;
- Alimentação – Inicialmente deve ser administrado alimentação pastosa (papa de peixe), através de sonda oral, e oferecimento gradual de alimento sólido (determinado de acordo com a preferência alimentar da espécie em questão), dependendo do estado do animal;
- Reposição de vitaminas – Pode ser realizada pela administração oral, junto ao alimento, ou via intramuscular, dependendo das necessidades apresentadas pelo animal. A reposição de cloridrato de tiamina é indispensável;

Higienização das penas – Objetivando manter a integridade das penas dos indivíduos contaminados, deve-se realizar a higienização diária do animal durante a estabilização. Para tal, utiliza-se água morna para remoção do excesso de fezes nas penas. Após esse rápido processo, seca-se o animal com toalhas e disponibiliza-se uma fonte de calor (lâmpadas) para evitar a hipotermia.

Orientações para Limpeza

Deve ser realizada com água potável, em temperatura em torno de 40°C, e detergente neutro. O enxágue deve ser realizado com água em abundância com pressão e temperatura adequadas. Após esse processo, deve-se disponibilizar secador pet e/ou lâmpadas de aquecimento para secagem das penas.

Orientações Manejo dos Animais

Deve-se respeitar o comportamento de cada espécie, durante a decisão de manter os indivíduos em grupo ou separados. Caso esteja manejando uma espécie gregária, separar os grupos por estado de saúde a fim de impedir que animais mais fortes fiquem em cima de animais mais fracos. Essa separação começa na recepção dos animais, e deve ser observada diariamente a recuperação dos indivíduos para remanejamento de grupo caso necessário.

As aves devem ser acomodadas em cercados com as laterais cobertas com panos para proteção das penas e diminuição do estresse visual. Em alguns casos, manter os indivíduos em caixas de plástico devidamente ventilado.

É importante a disponibilização de fontes de aquecimento, como lâmpadas (preferencialmente de infravermelho), por exemplo, para controle da temperatura corporal das aves.

Para proteção das penas, evitando o contato direto do indivíduo com as fezes e prevenir o aparecimento de pododermatites e lesões no peito dos animais, deve-se manter as aves em geral sobre armações com telas de algodão sem nó.

Para algumas aves, como os maçaricos, por exemplo, quando já estabilizados e limpos, recomenda-se a utilização de micro habitats, montados em caixas de plástico, com areia e água.

Após passarem pelo processo de limpeza, os animais devem ser mantidos em local seco e limpo, disponibilizando piscinas com água doce limpa, para banhos diários dando início ao processo de impermeabilização de penas. Na sequência, podem-se disponibilizar piscinas com água salgada para continuidade da impermeabilização, que dura em torno de quinze dias, em condições ideais.

Orientações para Liberação

Os animais passarão por exames sanguíneos, observação de comportamento e boa condição corporal, teste de impermeabilidade de penas e anilhamento de acordo com o órgão ambiental competente. Para liberação, deve-se atentar para locais livres de contaminação, e a ocorrência da espécie no local. A escolha do local para liberação será tomada em conjunto com os representantes do órgão ambiental responsável.

Para sua liberação, as aves deverão ter atingido critérios sanitários, de impermeabilização das penas e de comportamento, para que assim sejam identificadas com anilhas de aço inoxidável fornecidas pelo CEMAVE.



MAMÍFEROS MARINHOS



DIRETRIZES PARA ATENDIMENTO NO CAMPO DE MAMÍFEROS MARINHOS OLEADOS

Orientações para Dissuasão

Poucos são os métodos descritos para o afugentamento de mamíferos marinhos.

Algumas medidas estão descritas para Orcas residentes no norte do Pacífico, dentro do Plano de Resposta de fauna do Noroeste dos Estados Unidos (Northwest Wildlife Response Plan, Chapter 9970 of the NWACP 9970).

Os propostos no trabalho supracitado podem ser adaptados para o afugentamento de outros mamíferos marinhos (com exceção dos sirênios). Vale salientar que estas técnicas não foram utilizadas em pequenos cetáceos e que as orcas apresentam uma estrutura familiar característica da espécie, podendo comprometer a eficiência para outros grupo de cetáceos.

As técnicas descritas foram:

- Dispositivos acústicos de dispersão, que emitem um som alto o suficiente para afastar os animais e não causar dor aos mamíferos marinhos.
- Tubos Oikomi, que são tubos de metal reverberante que podem direcionar orcas em curta distância.
- O ruído gerado pelo uso de helicópteros;
- Uso de mangueiras de incêndio para direcionar fluxos de água em direção as orcas.
- O barulho e movimento do tráfego de embarcações pode afastar os animais da área contaminada ou direcioná-los para outras áreas.

Para esta última técnica cabe salientar que há uma série de estudos realizados ao longo da costa brasileira, que medem a interação do Boto cinza (*Sotalia guianensis*) com o tráfego de embarcações, e observa-se uma série de alterações comportamentais consideradas negativas (SANTOS, 2010). Estes efeitos em longo prazo podem desencadear reações como abandono da área. No entanto, pode ser um aspecto positivo no caso de um vazamento de óleo, no sentido de que a presença das embarcações da operação de contingência pode manter os exemplares afastados da área atingida.

As condições e informações geradas em tempo real do acidente indicarão a necessidade da utilização de técnicas para o afugentamento de cetáceos com maior probabilidade de sucesso.

No caso de emergências ambientais na região contemplada por este plano de ação, a decisão para a utilização de técnicas de afugentamento de mamíferos marinhos será tomada em conjunto com o órgão ambiental, com as instituições locais que trabalham com os grupos específicos e com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos - CMA, sediado no município de Itamaracá, no estado de Pernambuco.

Orientações para Captura Preventiva

Não há técnicas de captura preventiva descritas para mamíferos marinhos.

Orientações para Captura

No caso de mamíferos marinhos encalhados, são necessárias medidas imediatas de atendimento aos animais antes do resgate:

- O animal deve ser mantido em local protegido do sol, utilizando lonas ou panos para fazer uma área de sombra sobre os indivíduos;
- O animal deve ser mantido com a pele sempre úmida, cobrindo o corpo com panos de cores claras, úmidos com água do mar. Jogando água do mar sobre os animais. Deve-se tomar cuidado com o orifício respiratório e os olhos dos animais;

- No caso dos cetáceos, podem ser escavadas valas abaixo das nadadeiras peitorais, afim de diminuir o apoio do indivíduo sobre as mesmas, e valas desde a água do mar até o animal, afim de mantê-lo o mais molhado possível. A captura de grandes cetáceos, como os Mistictetos, é inviável devido ao seu grande tamanho.

A captura de pequenos cetáceos e peixes-boi pode ser realizada em duas situações: exemplares encalhados e exemplares presentes em águas rasas protegidas.

A captura na água só é possível acontecer em áreas abrigadas com baixa profundidade, onde o animal possa ser cercado por redes específicas e sejam utilizados equipamentos adequados, como redes, macas e embarcações de apoio para a captura do animal. Essa atividade deve ser realizada por uma equipe técnica experiente e capacitada para tal.

A captura de pequenos cetáceos e peixes boi ocorre principalmente em situações de encalhe. Os procedimentos variam de acordo com o porte do animal. Pequenos cetáceos e filhotes de peixe-boi podem ser capturados manualmente dependendo do tamanho do animal, em alguns casos podem ser necessário auxílio de macas. No caso dos cetáceos há macas específicas com espaço para as nadadeiras peitorais que facilitam o manejo, aumentam o conforto e evitam danos aos animais.

Para o resgate de animais de grande porte, como exemplares adultos de peixes-boi, será necessário o auxílio de equipamentos de suspensão, como, por exemplo, caminhões muque. No caso de encalhe desses indivíduos em locais de difícil acesso será necessário o auxílio de helicópteros para o resgate dos animais. Para isso, são necessários equipamentos específicos, como macas e redes para garantir a segurança dos espécimes, conforme ilustrado na figura abaixo.

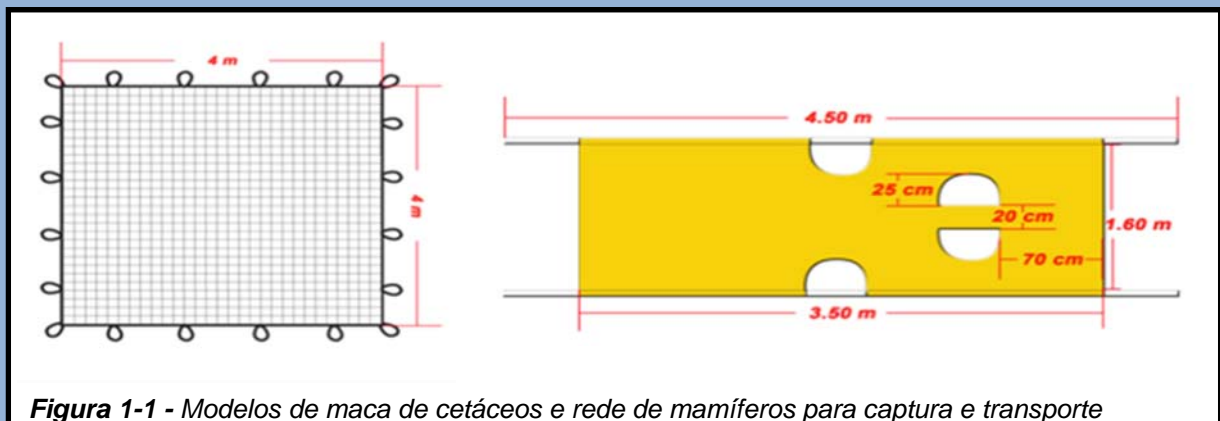


Figura 1-1 - Modelos de maca de cetáceos e rede de mamíferos para captura e transporte

Orientações para Estabilização Inicial

Os mamíferos marinhos devem ser transportados diretamente ao Centro de Reabilitação. Os cuidados iniciais devem começar na captura e durante transporte dos animais.

Cuidados Recomendados: Manter os animais sobre cobertores, colchões ou espuma, proteger do sol, manter a pele hidratada, limpeza das vias aéreas e olhos.

Orientações para Transporte

O transporte dos mamíferos marinhos, sejam eles pequenos cetáceos ou peixes-boi, requer uma estrutura adequada ao porte do animal.

Animais pequenos podem ser transportados por meio de viaturas do tipo pick-up, animais de maior porte necessitarão de veículos com maior espaço físico, como caminhões.

Para os casos de indivíduos resgatados em ilhas ou locais de difícil acesso terrestre, os animais serão transportados por embarcações até um local de fácil acesso terrestre.

Os animais devem ser transportados preferencialmente sobre colchões, espumas ou cobertores, e com o corpo protegido do sol, atentando-se para a manutenção da temperatura corporal do animal, para tal deve-se utilizar panos úmidos sobre o corpo do animal.

MAMÍFEROS MARINHOS - cetáceos



DIRETRIZES PARA MANEJO E REABILITAÇÃO CETÁCEOS OLEADOS

Orientações para Primeiros socorros

Ao encontrar um cetáceo encalhado, deve-se mantê-lo protegido da incidência solar direta, e manter sua pele úmida, cobrindo com panos claros, molhados com água do mar. Cuidado com o orifício respiratório e olhos. Manter o animal em decúbito ventral, e cavar buracos embaixo das nadadeiras peitorais, a fim de evitar que o animal apoie seu peso sobre elas. Caso possível, cavar um caminho a fim de fazer a água do mar chegar até o animal, pra evitar a hipertermia.

Orientações para Exames de Ingresso

Determinação da condição corporal, pesagem, coleta de sangue e observação de doenças infecto-contagiosas.

Orientações para Estabilização

Este processo consiste no reestabelecimento das condições básicas de saúde do animal. Os principais passos são:

- Hidratação - Pode ser realizada através da administração de NaCl 0,9% pela via oral, somente em caso e necessidade, devendo ser decidido de acordo com o estado de cada animal;
- Alimentação – Preferencialmente oferecer pescado. A alimentação voluntária facilita o manejo. Caso necessário, realizar a alimentação forçada, com papa de pescado via sonda gástrica;
- A alimentação dos filhotes consiste de uma fórmula concentrada com leite em pó sem lactose, solução fisiológica, creme de leite, cálcio, e vitaminas, óleo e filé de peixe e cápsulas de lactobacilos. A fórmula deve ser aquecida em banho-maria. Se o filhote aceitar a mamadeira com bico de borracha é o método preferencial, outro método é a utilização de sonda gástrica.

Reposição de vitaminas – Pode ser realizada pela administração oral, junto ao alimento, atenção à reposição de tiamina quando se administra pescado congelado.

Orientações para Limpeza

A limpeza dos cetáceos será decidida no momento do acidente, junto a especialistas, já que não existe documentação sobre despetrolização destes animais na literatura atual, devido a falta de ocorrência destes casos.

Orientações para Manejo dos animais

A manutenção de cetáceos em cativeiro no Brasil é regulamentada pelo IBAMA, através da Instrução Normativa N° 03 de 09 de fevereiro de 2001.

Os cetáceos devem ser mantidos em piscinas, de material não abrasivo, ovaladas ou redondas, sem reentrâncias. Cetáceos de água salgada devem ser mantidos preferencialmente em água salgada limpa, devido a sensibilidade de sua pele. Observar a flutuabilidade do animal, para decisão de deixá-lo sozinho ou acompanhado por reabilitadores na piscina. O uso de boias para auxílio da flutuabilidade pode ser necessário.

Alguns aspectos devem ser levados em consideração como a qualidade da água, salinidade da água que deve estar entre 25% e 35%, pH entre 7,5 - 8,2 e quantidade de coliforme presente na água. Oferta de luz natural para fotoperíodo adequado e ventilação do ambiente.

Orientações para Liberação

Os animais passarão por exames sanguíneos, observação de comportamento e boa condição corporal e identificação de acordo com o órgão ambiental competente. Para liberação, deve-se atentar para locais livres de contaminação, e a ocorrência da espécie no local.

A escolha do local para liberação será tomada em conjunto com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos – CMA/ICMBio.

MAMÍFEROS MARINHOS - Sirênios



DIRETRIZES PARA MANEJO E REABILITAÇÃO DE SIRÊNIOS MARINHOS OLEADOS

Orientações para Primeiros socorros

Após o resgate o animal deve permanecer em decúbito ventral e em segurança. Deve-se remover o excesso de óleo dos olhos, narinas e cavidade oral, a fim de proporcionar um maior bem estar para o animal.

Orientações para Exames de ingresso

Determinação da condição corporal, pesagem, coleta de sangue e observação de doenças infecto-contagiosas.

Orientações para Estabilização

Este processo consiste no reestabelecimento das condições básicas de saúde do animal. Os principais passos são:

- Hidratação - Pode ser realizada através da administração de NaCl 0,9% ou soro caseiro pela via oral através de mamadeira ou sonda gástrica. Em cativeiro, deve ser fornecida uma fonte de água doce para ingestão, pois o suprimento de água através dos alimentos não é suficiente;
- Alimentação – Os filhotes são alimentados com fórmulas artificiais a base de leite em pó fornecido em mamadeiras. A estimulação do filhote com alimentos sólidos também é importante. Para os adultos pode ser oferecido o alimento encontrado em ambiente natural como algas e capim – agulha que podem ser presos em tubos PVC e colocados no fundo da piscina. Pode ser oferecido na alimentação verduras como: alface, couve, repolho, feijão-verde, tomate, pepino, cenoura etc.;
- Reposição de vitaminas – Pode ser realizada pela administração oral, junto ao alimento ou intramuscular.

Orientações para Limpeza

As melhores técnicas de limpeza serão decididas em conjunto com instituições parceiras capacitadas e com equipe técnica experiente em reabilitação de peixe-boi.

Orientações para Manejo dos animais

Após passarem pelo processo de limpeza, os animais devem ser mantidos em piscinas ovaladas ou redondas com material não abrasivo, com paredes lisas. O tamanho dos tanques irá variar de acordo com o tamanho do animal. Pode-se fazer o uso de água doce ou salgada. Cuidados com a qualidade da água são fundamentais. Análises de salinidade, ph, temperatura, oxigênios dissolvidos e coliformes fecais devem ser realizadas diariamente. A temperatura deve variar entre 27° C a 29° C. Variações acima ou abaixo podem levar o animal a estresse térmico.

Orientações para Liberação

A escolha dos animais se dará pela observação de comportamento quanto ao desmame, aceitação da dieta natural, realização de exames clínicos e análises laboratoriais. A escolha do local para liberação será tomada em conjunto com os representantes do órgão ambiental responsável. Leva-se em consideração a presença de população nativa e/ou reintroduzida, presença de itens alimentares naturais em quantidade e áreas livres de ocupações humanas.



QUELÔNIOS MARINHOS



DIRETRIZES PARA ATENDIMENTO NO CAMPO DE QUELÔNIOS MARINHOS OLEADOS

Orientações para Dissuasão

Não há métodos descritos para o afugentamento e dispersão de quelônios marinhos, porém técnicas visuais e auditivas podem ser tentativas aceitáveis.

A decisão para a utilização de técnicas de afugentamento de quelônios marinhos será tomada em conjunto com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas - TAMAR, sediado em Arembepe, município de Camaçari, no estado da Bahia.

Vale ressaltar que para a aplicação de quaisquer técnica é imprescindível o envolvimento dos Centros especializados do ICMBio (CEMAVE, TAMAR e CMA), para a avaliação, aprovação e decisão conjunta das técnicas a serem empregadas de acordo com as variáveis já apresentadas para os grupos animais.

A utilização indevida ou inadequada de quaisquer técnicas pode ser mais destrutiva do que o próprio derramamento de petróleo.

Orientações para Captura Preventiva

Para o caso dos quelônios é importante considerar as diferentes etapas de desenvolvimento dos indivíduos, juntamente com a avaliação do cenário do acidente, para definir a utilização de medidas de captura preventiva, que concentram-se sobretudo em áreas de desova.

Por isso, se o óleo atingir uma área de desova de tartarugas e considerar-se que parte da população for ameaçada, pode-se transferir ninhos e capturar filhotes para soltura em área descontaminada (SHIGENAKA et.al, 2003). As técnicas utilizadas concentram-se em:

- Relocação dos ovos

No caso de ninhos em praias de desovas previamente conhecidas pode-se optar pela retirada dos ovos. Para isso, é necessário que a postura seja realizada há menos de 12 horas, ou posterior a 14 dias de incubação. Os ovos de tartarugas são extremamente frágeis e o manuseio incorreto pode resultar na deformação ou morte do embrião. Por isso o manejo do ninho, bem como dos ovos, deve ser realizado por pessoas capacitadas. Após a remoção dos ovos, estes poderão ser relocados em um novo ninho, em uma praia livre de contaminação, ou encaminhados para incubação em centros provisórios, até sua eclosão.

- Captura de neonatos

Quando a remoção dos ovos não for viável, pode-se optar pelo recolhimento dos neonatos, no momento em que eclodem dos ovos, e se dirigem para o mar. Estes animais podem ser liberados em uma área livre de contaminação, ou direcionados para um centro provisório, e reintroduzidas na natureza tão breve quanto possível.

No caso de um acidente com óleo atingir uma área de desova de tartarugas na área contemplada neste plano, a decisão de utilizar medidas preventivas de relocação de ovos e captura de neonatos será tomada em conjunto com o TAMAR e o órgão governamental competente.

Orientações para Captura

Ao encontrar uma tartaruga na praia, mesmo antes da captura, deve-se manter o indivíduo protegido do sol, e com a pele úmida!

Para a realização da atividade de captura de tartarugas marinhas, deve-se considerar a presença de exemplares de diferentes faixas etárias e conseqüentemente de diferentes tamanhos. Assim, a equipe deve estar preparada para a captura de exemplares de neonatos e juvenis, de fácil manejo, até exemplares adultos de tartaruga de couro (*Dermodochelys coriacea*) que podem alcançar 2,5 metros de comprimento de carapaça e 700 Kg de massa corporal.

A captura de tartarugas no mar é uma atividade de difícil planejamento, sendo considerada uma possibilidade para o caso de animais de pequeno e médio porte que estejam debilitados, à deriva. A atividade pode ser realizada por meio de puçás ou captura manual.

Animais de grande porte, assim como animais de pequeno e médio porte, serão capturados principalmente em situações de encalhe, que pode ocorrer devido à debilidade causada pela contaminação.

A captura de tartarugas encalhadas na beira da praia pode ser realizada manualmente para animais de médio e pequeno porte, por uma ou mais pessoas de acordo com o tamanho do animal.

Animais de grande porte necessitarão do auxílio de uma maca para auxiliar no resgate. No caso de exemplares adultos de tartaruga de couro, será necessário o auxílio de um equipamento de suspensão, por exemplo, caminhão muque.

Alguns cuidados devem ser tomados durante a captura de quelônios, visando a integridade tanto da equipe envolvida na ação, como dos animais em questão. As tartarugas usam a mordida como forma de defesa, portanto, é importante manter distância da boca do animal. Em adicional, deve-se tomar cuidado com as nadadeiras, as quais possuem uma garra no terço final, e pode causar ferimentos graves nas pessoas ao redor. O uso de luvas é imprescindível para o manejo destes animais.

Orientações para estabilização inicial

Pequenos quelônios: Podem permanecer temporariamente na Unidade de Estabilização Remota.

Grandes quelônios: Devem ser transportados diretamente ao Centro de Reabilitação, os cuidados iniciais devem começar na captura e durante o transporte dos animais.

Cuidados: Manter os animais sobre cobertores, colchões ou espuma, proteger do sol, manter a pele hidratada, limpeza das vias aéreas e olhos.

Orientações para TRANSPORTE:

Tartarugas devem ser transportadas sobre um colchão de espuma. Os animais que seguirem por via terrestre são transportados em veículo com ventilação adequada e temperatura controlada (ar-condicionado).

No caso de tartarugas capturadas no mar, ou em ilhas que permitam desembarque, o transporte dos indivíduos será realizado através de embarcações, que podem variar de tamanho de acordo com o porte do animal.

Em terra, o transporte será realizado através de viaturas climatizadas, podendo variar de viaturas tipo pick-up, em caso de neonatos, juvenis e indivíduos de pequeno e médio porte, até caminhões, em casos de indivíduos adultos, que podem ultrapassar 400 quilos.

Caso o acesso à área não seja viável através de embarcações e viaturas, será necessário a utilização de helicópteros para a realização do transporte dos animais.

O transporte dos quelônios será realizado sempre que possível, sobre espumas, colchões ou cobertores, e o corpo do animal será mantido coberto por panos úmidos, para evitar a exposição direta ao sol, sempre cuidando os olhos, a narina e a boca dos animais.

Não é recomendado o transporte dos exemplares em piscinas ou tanques com água.

QUELÔNIOS MARINHOS



DIRETRIZES PARA MANEJO E REABILITAÇÃO DE QUELÔNIOS MARINHOS OLEADOS

Orientações para primeiros socorros

Após o resgate, quando o animal estiver devidamente acomodado, deve-se remover delicadamente o excesso de óleo dos olhos, narinas e cavidade oral, proporcionando um maior bem-estar ao animal. O animal deve ser mantido sobre colchão, espuma ou cobertores, e permanecer protegido do sol e manter sua pele umedecida.

Os procedimentos de reabilitação, marcação e soltura seguirão as indicações do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas - TAMAR, sediado em Arembepe, município de Camaçari, no estado da Bahia.

Orientações para exames de ingresso

Determinação da condição corporal, pesagem, coleta de sangue, biometria e observação de doenças infecto-contagiosas. Atenção para animais com fibropapilomatose que é uma doença infecto contagiosa, transmitida provavelmente por um vírus, através do contato direto entre indivíduos, e indireto pelo compartilhamento de material.

Orientações para Estabilização

Este processo consiste no reestabelecimento das condições básicas de saúde do animal. Os principais passos são:

- Hidratação - Pode ser realizada através da administração de NaCl 0,9% pelas vias endovenosa, intracavitária ou oral, devendo ser decidido de acordo com o estado de cada animal;
- Alimentação – Pode ser realizada pela administração de papa de peixe, através de sonda oral, ou oferecimento de alimento sólido (determinado de acordo com a preferência alimentar da espécie em questão), dependendo do estado do animal;
- Reposição de vitaminas – Pode ser realizada pela administração oral, junto ao alimento, ou via intramuscular, dependendo das necessidades apresentadas pelo animal.
-

Orientações para Limpeza

A limpeza de quelônios deve ser realizada com água potável, com temperatura em torno de 25°C – 28°C, e detergente neutro, em alguns caso pode-se utilizar óleo mineral.

Orientações para Manejo dos animais

As tartarugas oleadas devem ser mantidas fora d'água, sobre substrato como colchonetes, espumas ou cobertores dentro de caixas plásticas, preferencialmente individuais, até a limpeza e remoção do óleo.

As técnicas de contenção de tartarugas marinhas dependem do tamanho corporal do animal. Os filhotes podem ser contidos manualmente, de forma delicada, já os juvenis e sub-adultos podem ser contidos por uma ou mais pessoas, utilizando como apoio a base das placas nugal e supra-caudais da carapaça. Para indivíduos adultos de *Dermochelys coriacea*, deve-se utilizar um guindaste. O animal petrolizado não deve permanecer em caixas de transporte fechadas, devido à evaporação dos gases do petróleo que podem agravar o quadro clínico do animal.

Os animais limpos devem ser mantidos em recipientes (tanques, piscinas, caixas d'água) com dimensões variáveis de acordo com o tamanho do animal, de modo geral, as dimensões recomendadas são de 200 a 1000 litros. A estrutura deve conter um sistema de distribuição de água preferencialmente salgada, aquecedores de água a gás e termostatos que mantenham a temperatura da água constante entre 25°C – 28°C. O nível de água dependerá da boa flutuação do animal. É indicado que os animais sejam mantidos em piscinas individuais, tanto por razões comportamentais como por questão de higiene. Isso permite um melhor acompanhamento da evolução do estado de saúde. Animais com lesões condizentes com fibropapilomatose devem ter uma ala isolada dos demais animais, e seu próprio material de manejo.

A limpeza e o manejo dos recintos devem ser realizados diariamente, a troca de água deve ser realizada sempre que necessário para evitar a proliferação de fungos e bactérias. Para a limpeza das piscinas deve-se utilizar água potável, esponjas de limpeza e solução de clorexidina, produto utilizado como anti-séptico e desinfetante.

Orientações para Liberação

Previamente à liberação, os animais passarão por exames sanguíneos, observação de comportamento e marcação permanente. A escolha do local para liberação será tomada em conjunto com os representantes do órgão ambiental responsável. Devem-se considerar áreas livres de contaminação, e ocorrência das espécies.